MARKETING POLÍTICO O IMPACTO DO HORÁRIO ELEITORAL GRATUITO NAS CAMPANHAS DAS GRANDES CIDADES

Editora ABRIL
edição 2911 - ano 57 - nº 38
20 de setembro de 2024



Lula em sobrevoo pelo Centro-Oeste: falta de planejamento

TERRA ARRASADA

Impulsionada pelo El Niño e pelas mudanças climáticas, estiagem recorde castiga 71% dos municípios brasileiros, sufoca cidades com fuligem tóxica e pode durar mais três meses. Até aqui, o governo se mostra totalmente despreparado para enfrentar a situação


CLUBE DE
REVISTAS



LEIA O QR CODE AO LADO E COMPRE SEU INGRESSO ★ PREÇO ESPECIAL PARA PRIMEIRO LOTE ★

CONFIRA ALGUNS RESTAURANTES CONFIRMADOS

Picco • Amay • Pine Co. • Holy • Notiê • Osso
Les Deux Magots • La Crosta Forneria • Chef Benon
Mocotó • D.O.M. • Moela • Shihoma Pasta Fresca

E MUITO MAIS

PATROCÍNIO







APOIO



BILHETERIA OFICIAL





ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30

Vendas corporativas, projetos especiais e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br



EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
e-mail: publicidade@abril.com.br

NA INTERNET
www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
https://talentosabril.vagas.solides.com.br



Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima



www.veja.com

CO-CEO Francisco Coimbra, **VP DE PUBLISHING (CPO)** Andrea Abelleira, **VP DE TECNOLOGIA E OPERAÇÕES (COO)** Guilherme Valente, **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO, LOGÍSTICA E CLIENTES** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **GERENTE-EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 911 (ISSN 0100-7122), ano 57, nº 38. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001





www.grupoabril.com.br


LALO DE ALMEIDA/FOLHAPRESS

NÃO DÁ MAIS PARA ESPERAR

PARECE NOTÍCIA VELHA, ressecada pelo tempo, como se a imprensa estivesse apenas esticando a corda. Não é, infelizmente. O Brasil tem batido, nas últimas semanas, recordes de eventos climáticos extremos. A estiagem que aflige praticamente todo o país é fenômeno inédito em extensão e intensidade, segundo levantamento realizado pelo





REPORTAGEM Fogo no Cerrado e a repórter Amanda Péchy: relato minucioso da seca

Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden). Antes restrita a regiões notoriamente secas, como o Nordeste, a aridez se espalhou e hoje atinge 25 dos 27 estados (somente Rio Grande do Sul e Santa Catarina escaparam). O resultado: perda de lavouras, racionamento de água, destruição de biomas como o Pantanal e incêndios praticamente incontroláveis, responsáveis por cobrir de fuligem tóxica 60% do território nacional, incluindo metrópoles como São Paulo e Brasília, que vêm figurando entre os pontos mais poluídos do planeta.

Para esboçar a dimensão da tragédia ambiental — e iluminar caminhos, que passam pela prevenção, antes da

emergência —, VEJA escalou uma equipe para ver de perto os danos. Em São Paulo, a repórter Amanda Péchy viajou ao coração da seca agressiva, que há nove meses devasta os prósperos municípios de Trabiju e Boa Esperança do Sul, no centro do estado, a 280 quilômetros da capital. "As pessoas estão sentindo na pele os efeitos das mudanças climáticas", diz Amanda, cujo minucioso relato começa na pág. 22. Os profissionais da revista ouviram também moradores dos municípios mais esturricados, segundo levantamento do Cemaden, como Santa Isabel do Rio Negro, no Amazonas, há doze meses sem chuva, e Canápolis, no próspero Triângulo Mineiro, com o solo agora imprestável, depois de dez meses sem uma gota d'água. "São paisagens que estão experimentando situações só vistas antes no semiárido nordestino", observa o repórter Ernesto Neves.

Não há dúvida, a sequidão é consequência do aquecimento global desencadeado pela ação humana — em muitos casos, movimento difícil de frear. Convém, contudo, trazer uma visão histórica, de modo a compreender que as autoridades, em sucessivos governos, têm parcela de culpa. Nos últimos quarenta anos, 15% das florestas naturais desapareceram. Desde 1985, o Brasil perdeu 6 milhões de hectares de água em formações como rios, lagos e veredas, o que equivale a um terço de toda a água doce disponível. Um naco do Cerrado virou caatinga. Há saída antes do desespero, do ponto de não retorno? Sim.

Uma das soluções é investir na regeneração de áreas da Amazônia, sobretudo no sul da floresta, conhecido como Arco do Desmatamento, informam os especialistas entrevistados por VEJA.

É fundamental mudar práticas no campo, banindo o uso do fogo para limpar fazendas, no caso da agropecuária, e punir criminosos que incendeiam propositalmente áreas verdes para grilagem de terras. Se nada for feito, é possível que o Pantanal e um pedaço da Amazônia virem savana até meados do século, aponta o reputado climatologista Carlos Nobre. Há pressa, e os poderosos de plantão precisam correr para aprovar leis mais rigorosas, de olho no controle imediato e no futuro do planeta. O planejamento é fundamental para evitar medidas açodadas como a decisão do ministro Flávio Dino, do Supremo Tribunal Federal, que autorizou o governo federal a abrir crédito extraordinário fora das regras da meta fiscal para combater os incêndios. É iniciativa necessária diante de tamanho caos, mas que ilumina a falta de organização e o descuido da atual administração com o tema. Não pode ser assim, na marra e no susto. ■



veja São Paulo

APRESENTA





COMER & BEBER Experience

22 a 24 de novembro • Espaço ARCA

Av. Manuel Bandeira, 360 - Vila Leopoldina, São Paulo - SP

Venha experimentar os pratos dos campeões da gastronomia eleitos pela Veja São Paulo

★ ESTABELECIMENTO CONFIRMADO ★

★ Mocotó

Cinco vezes premiada como Bom e Barato, o restaurante da Vila Medeiros ficou o título se sustentabilidade nesta edição

GARANTA AGORA SEU INGRESSO

PATROCÍNIO

btg pactual · JBS · BADEN BADEN


CLAUDIO FONSECA/DIVULGAÇÃO

"SEXO NÃO É TUDO"

Fenômeno popular em livros de imenso sucesso e nas redes sociais, o poeta gaúcho filosofa sobre o amor, as relações entre pais e filhos, os outsiders na política e as enchentes do Sul

MATHEUS LEITÃO

O GAÚCHO Fabrício Carpinejar, de 51 anos, virou fenômeno popular no Brasil — a um só tempo, de raciocínios profundos e aforismos de fácil compreensão para quem anseia por cultura em pílulas. Seus livros vendem como pão quente — logo alcançarão a marca de 1 milhão de exemplares. Faz sucesso na televisão e nas redes sociais. Frases curtas de sua autoria são compartilhadas por mais de 7 milhões de seguidores, somados entre Facebook, Instagram, YouTube, Threads e o provisoriamente interrompido X. Na próxima semana ele lançará seu 51º livro — ou 52º, porque existe até um secreto em sua extensa obra. Trata-se de *Se Eu Soubesse — Para Maiores de 40 Anos* (Editora Bertrand Brasil), em que aborda a vida, os relacionamentos, a família e a passagem inexorável do tempo. Nesta entrevista a VEJA, com voz pausada e hipnótica, Carpinejar aprofunda questões centrais de nosso tempo: a extinção da saudade pela virtualidade, os impactos dos desastres ambientais — ele foi testemunha atenta das enchentes no Rio Grande do Sul — e os desafios trazidos pelo envelhecimento da população, associado às dores do luto. Leia, a seguir, os melhores trechos da conversa de um intelectual que oferece a seus leitores um sábio conselho: curamos nossa tristeza quando nos preocupamos com a tristeza do outro.

Com *Se Eu Soubesse – Para Maiores de 40 Anos* você ultrapassará a marca de 1 milhão de exemplares vendidos. É patamar raro na literatura brasileira. Imaginava virar best-seller? Para quem recebeu diagnóstico de retardo mental aos

7 anos, para quem foi alfabetizado pela mãe em casa — ela tirou licença do trabalho por dois meses e me educou com jogos educativos —, para quem sofreu bullying pelas dificuldades de dicção na escola, posso dizer que eu superei as expectativas. Posso até emprestar expectativas. Descobri que diagnóstico não é destino. Destino é você quem faz.

Entre os seus 52 livros, fez muito sucesso *Cuide dos Pais Antes que Seja Tarde*, breviário de gentilezas na velhice. Como é pertencer a essa geração sanduíche, a primeira a cuidar ao mesmo tempo de pais, filhos e netos? O termo se refere a um estar "prensado" pelas demandas tanto de pais que reivindicam atenção e cuidados quanto de filhos. Ou seja, é a primeira geração, na faixa dos 40 a 50 anos, que experimenta uma responsabilidade por todos da família, já que as pessoas estão tendo filhos mais tarde, e seus pais estão vi-

"Para quem recebeu diagnóstico de retardo mental aos 7 anos, para quem foi alfabetizado pela mãe em casa, posso dizer que eu superei as expectativas"

vendo mais. É um malabarismo mental pouco discutido com o impacto de uma maior longevidade: é necessário planejar a velhice dos pais. Muitos adultos deixam de viajar, abdicam de relações amorosas ou interrompem a carreira para dar conta do recado. São guardiões silenciosos da aposentadoria dos seus tutores. Exige-se um sacrifício inominável. Pois, além dos próprios filhos, tornam-se pais dos pais.

A população brasileira está envelhecendo. Estamos preparados? Não, de modo nenhum. No Rio Grande do Sul, um em cada cinco moradores é idoso. Vai se igualando ao Uruguai. Não há mais como reservar 5% das vagas em estacionamentos públicos e privados para idosos, se a população idosa se encontra no polpudo montante de 20%. Assim como manter a porcentagem de 5% em cinemas, bancos e estádios. É pouco. São vinte anos que nos separam das principais normas de proteção aos idosos. A lei envelheceu junto.

Aliás, como é a sua relação com o Rio Grande do Sul, onde nasceu? Existe uma síndrome de Elis Regina, em que fazer sucesso no país é trair o Rio Grande do Sul. É como se não pudéssemos sair do estado. Mas acredito que isso está mudando: nossas raízes são as nossas asas. Quanto mais eu vou longe, mais eu levo o meu sotaque e posso descrever de onde vim. Vejo casos de pacificação da fama, como Luísa Sonza, que ajudou os flagelados da enchente e fez show em sua terra natal na última semana, em Tuparendi.

Em 2024 houve o drama das enchentes, no maior desastre ambiental da história gaúcha. Como, afinal, lidar com as mudanças climáticas? Foi um apocalipse. A enchente atingiu 431 dos nossos 497 municípios em maio, com meio milhão de desabrigados. Dificilmente vamos nos recuperar da régua da enchente, que mostra o quanto somos pequenos e vulneráveis perante a força da natureza. Não há como explicar aos outros o que é ter a sua casa desaparecida, com tudo dentro. Um patrimônio extinto em algumas horas de evacuação desesperada. E não é somente a própria casa, mas perder as casas de convívio do próprio bairro. Pois todo gaúcho tem a sua padaria de estimação, o seu açougue, a sua cafeteria, a sua farmácia.

E o que fazer, agora? Temos que organizar, para ontem, uma rede de especialistas de caráter multipartidário para mitigar efeitos das tragédias climáticas. No mesmo ano, assim como tivemos cidades dizimadas pela enchente no Rio Grande do Sul — Eldorado do Sul, por exemplo, teve 66,7% do território afetado —, Cuiabá e Porto Velho foram asfixiadas pela fumaça das queimadas, com a pior qualidade do ar do país *(leia mais na reportagem "Vidas secas")*. Os incêndios florestais ou no campo são um fenômeno continental, que acontecem também no Paraguai e na Bolívia. Daí cresce a importância da COP30, em Belém, no Pará, no ano que vem.

Vivemos a era das fake news e dos chamados "cortes" de debates nas redes sociais, recurso muito usado durante as

campanhas eleitorais. Estamos atrás de fragmentos, e não mais de projetos? Pensávamos que o grande problema eleitoral seriam as fake news e o controle da inteligência artificial na simulação dos fatos, mas não percebemos que o problema não seriam as plataformas, mas uma outra natureza dos candidatos. Pela primeira vez, temos candidatos nativos das redes sociais, que nasceram e formaram suas riquezas na internet, candidatos acostumados a atrair seguidores e que podem usar o algoritmo para atrair votos. Não estão preocupados com o espaço na propaganda gratuita, mas em produzir cada vez mais fatos novos pelas redes sociais. Participam de debates pensando nos cortes que vão para o Instagram e para o TikTok. Têm noção de que um minuto bem editado atacando alguém é melhor do que cinco minutos defendendo seus projetos.

Eles sairão ganhando? São excêntricos, diretos, polêmicos, agressivos, debochados. Os postulantes analógicos ficam atrás, porque se preocupam com a sua reputação. Os nativos digitais só querem que falem deles, bem ou mal. O que importa é o número de menções. É uma eleição absolutamente inédita, em que a rejeição fará vencedores.

Sua obra fala muito do amor. Mas o que tem crescido, de fato, é a quantidade de podcasts em que celebridades desnudam sua vida íntima, revelam quantas vezes fazem sexo por semana. Como vê isso? Parece que os podcasts entrevistam leões, conhecidos pelo seu apetite sexual, capazes de copular

dezenas de vezes em algumas horas. Ou mesmo sabatinam coelhos, que copulam por sobrevivência. E ninguém contesta o índice absurdo de vezes por semana para não dar a entender que é infeliz. Mentir sobre o desempenho passou a ser normal.

Sexo ou amor? A verdade é que, se o casamento só tem sexo, é muito fácil sair dele por sexo. É muito fácil trair, trocar sexo por sexo. Significa que não há outras fontes de afeto no convívio. Sexo não é tudo no casamento, é uma de suas partes deliciosas. Dormir de conchinha é tão bom quanto, um colo é tão bom quanto, um passeio é tão bom quanto, um cineminha abraçados é tão bom quanto, repartir ideias é tão bom quanto, dançar colados numa balada é tão bom quanto. Em vez de falar da frequência na cama, me interessa qual a frequência dos dois juntos na sala. Quantas vezes você conversa olhando nos olhos? Quantas vezes você separa um

"São excêntricos, polêmicos, agressivos, debochados. Os nativos digitais só querem que falem deles, bem ou mal. O que importa é o número de menções. É uma eleição inédita"

tempo para fazer um programa no sofá? Quantas vezes você fica de mãos dadas? Quantas vezes você dá um beijo que não é selinho por semana? Aliás, casal que não se beija na boca de língua já está se separando.

Mas você já disse que o romantismo é prejudicial para a saúde emocional. Por quê? Porque ele exige que você abdique de sua personalidade a favor de alguém. É um atentado ao amor-próprio. Metades não se completam, mas se anulam. Inteiros se encaixam. Não acredito em relações feitas pela moeda do sacrifício e da renúncia, são armadilhas de relacionamentos dependentes ou tóxicos, são iscas para narcisistas.

E o que pode acontecer se formos atraídos pela isca? Tudo o que você faz contrariado vai cobrar depois. Amor é paz, é tranquilidade, é continuar sendo quem você era antes do relacionamento. Deveríamos substituir o amor romântico pela autenticidade gentil. O alicerce da admiração é a amizade. Antes de pedir alguém em namoro, peça a mão da amizade. A amizade é que segura o amor.

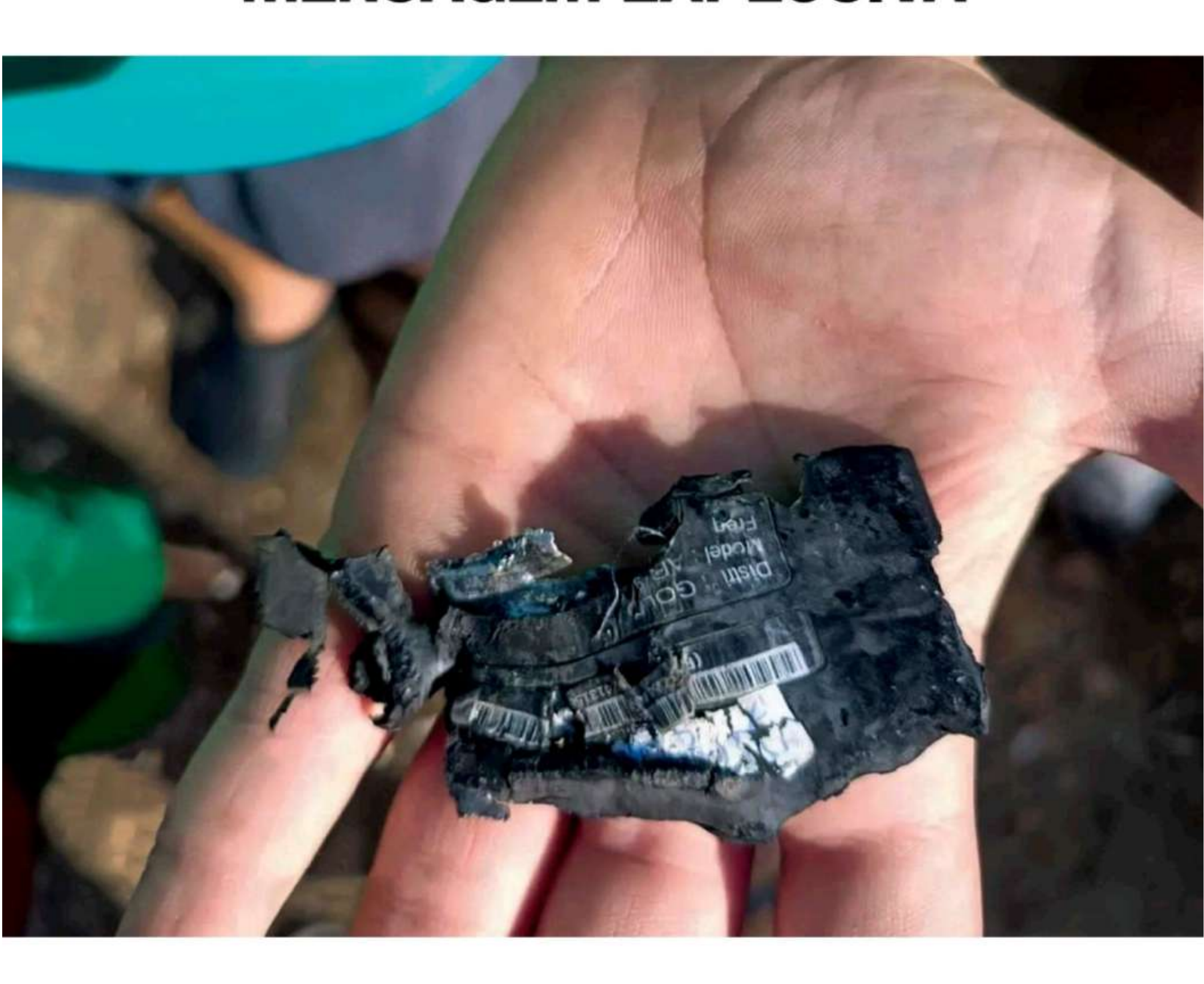
Você diz que a saudade é um sentimento em extinção. Por que ela pode acabar? As pessoas hoje em dia não sentem saudade como antes porque estamos imersos em desmemória. Os dias se tornam iguais e repetitivos. Enquanto tentamos fazer várias coisas ao mesmo tempo, acabamos não registrando verdadeiramente nenhuma delas. Isso é evidente

quando as pessoas frequentemente perdem objetos dentro de casa, como chaves ou carteiras, porque nunca estão completamente presentes em suas atividades. Se você não dá atenção à realidade, se você não observa, então não cria memórias. E, sem memória, não há saudade. A saudade é a fixação dos acontecimentos, mas, mais do que isso, é sobre como nos sentimos naqueles momentos. Não é apenas o que aconteceu, mas como aquilo nos afeta emocionalmente.

A cura pelo abraço é uma de suas sugestões para o bem viver. O que significa? Só pode curar quem foi curado. É um testemunho de vida. O que eu busco não é mudar vidas, mas devolver o sentido a cada uma delas. Por isso o abraço é parte essencial de minhas palestras. O abraço desarma, iguala e democratiza. Um abraço tem o batimento cardíaco da cura. A gente muitas vezes não se dá conta da potência de nossas emoções porque vivemos enclausurados em nossos pensamentos.

O que, afinal, não podemos deixar de viver? Tantas coisas a gente não pode deixar de viver: dançar descalço numa festa, segurar um bebê no colo, subir em árvores, fazer trilha até encontrar uma cachoeira, tomar banho de chuva, deitar na grama para olhar as estrelas, brincar com um cachorro no chão, acariciar um gato, apaixonar-se, assistir a um amanhecer de dentro do mar, mas o melhor que podemos viver não depende de nós: é se sentir amado. Ser amado por alguém é a experiência mais indescritível da vida. ■

MENSAGEM EXPLOSIVA



PODERIA ser o desfecho de um desses filmes de Hollywood com trama rocambolesca e final inverossímil — mas era a realidade a desbancar a ficção. Na terça-feira 17, uma sucessão de **explosões de pagers deixou ao menos doze mortos e cerca de 4000 feridos no Líbano,** quase todos civis. A ação foi atribuída ao governo de Israel, que se manteve calado. O suposto plano: um atentado contra

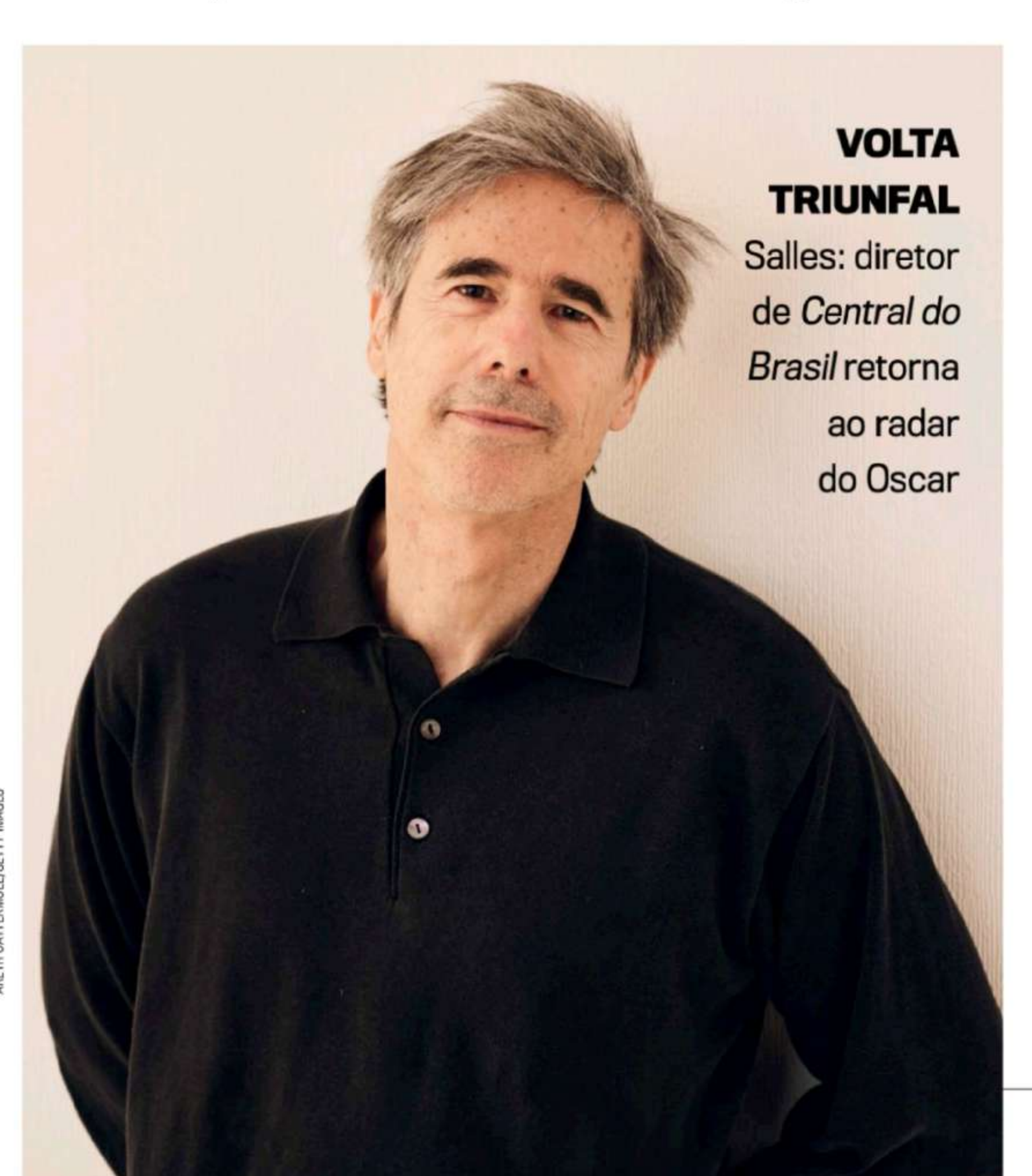
REPRODUÇÃO

membros da organização terrorista Hezbollah, ligada ao Irã, que não para de fustigar os inimigos israelenses na fronteira norte do país de Benjamin Netanyahu. Os pagers — ou bipes, dado o ruído característico ao chegar uma mensagem — eram onipresentes nos anos 1980 e 1990, na pré-história da tecnologia, antes dos celulares. Nunca desapareceram, mas se puseram à sombra, discretos. Os dispositivos eletrônicos teriam sido adquiridos de Taiwan pelo grupo libanês como uma alternativa a smartphones que poderiam ser facilmente rastreados pelas forças de segurança de Tel Aviv. Ao que tudo indica, explosivos de última geração, pesando menos de 50 gramas, minúsculos, foram plantados dentro dos aparelhinhos e depois acionados remotamente. A mensagem das mortes por meio tão insólito e improvável é clara: a temperatura entre Israel e seus vizinhos, um ano depois do início do conflito bélico com o Hamas, cujo palco central é a Faixa de Gaza, tão cedo não esfriará. À margem das diatribes de líderes e autoridades, quem continua sofrendo é o cidadão comum. Um dia depois da detonação dos pagers, walkie-talkies explodiram no Líbano, matando ao menos vinte pessoas e deixando mais de 450 vítimas com ferimentos. ■

Diogo Sponchiato

"ESTAMOS JUNTANDO OS CACOS"

O cineasta de 68 anos fala de *Ainda Estou Aqui* – filme sobre a família do político Rubens Paiva, morto pela ditadura –, celebra a atuação de Fernanda Torres e diz que o cinema nacional está se reerguendo



VOLTA TRIUNFAL Salles: diretor de *Central do Brasil* retorna ao radar do Oscar

ARETH CATTERMOLE/GETTY IMAGES

***Ainda Estou Aqui* é baseado no livro de Marcelo Rubens Paiva, que narra o drama vivido pela família dele. Como foi esse processo de adaptação?** Foram muitas conversas antes de transformar em roteiro esse livro que é extraordinário. O Marcelo propõe um retrato da própria família e também da história do país ao longo de décadas. No fim, ele chega à compreensão de que sua mãe, Eunice, foi uma heroína silenciosa, que reergueu a família de cinco filhos após uma perda tão dura.

A trama começa alegre e solar, impregnada de arte brasileira, da música, do cinema, mas isso vai se perdendo com o regime militar. Num momento em que a ditadura é exaltada por políticos como Jair Bolsonaro, como o filme lida com esses elementos? O início do filme é sobre um Brasil possível. Um Brasil definido por seus próprios critérios, originais, essencialmente brasileiros. Tínhamos uma nova arquitetura, uma nova música. A educação era redefinida pelo Paulo Freire. Havia possibilidades de mudanças estruturais na sociedade. Isso foi ceifado pelo governo militar. Hoje, de novo, estamos juntando os cacos.

Pode explicar melhor? Passamos por quatro anos muito difíceis, de remada contra a maré. Então, temos de celebrar a volta por cima do cinema brasileiro. Neste ano, vimos algo bastante sintomático. Poucos países tiveram filmes em tantos festivais importantes quanto o Brasil. É um momento es-

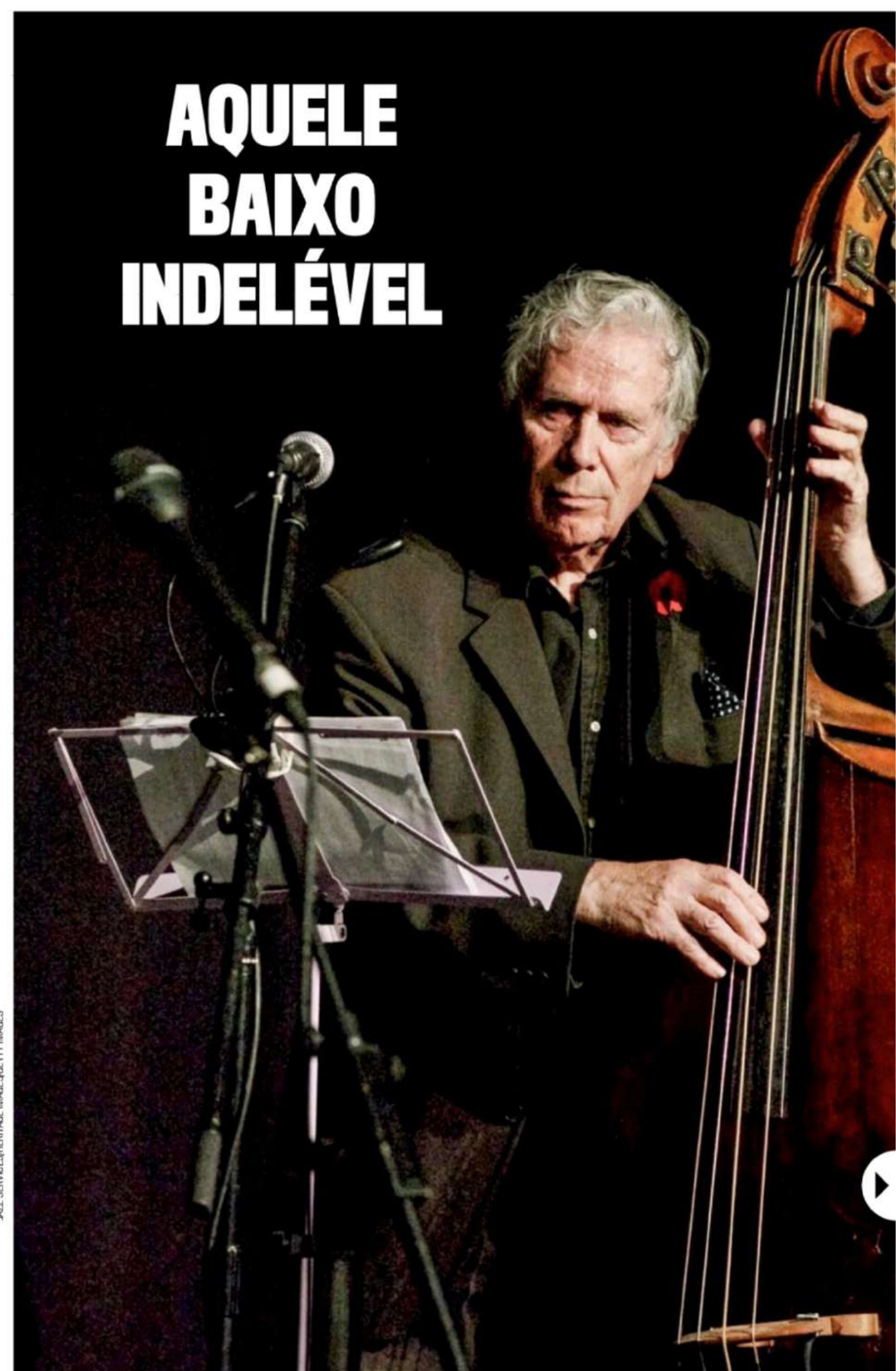
pecial para o cinema nacional. Somos uma cinematografia em recuperação. Agora precisamos de continuidade, pois é isso que vai fazer o espectador voltar às salas.

Há 25 anos, seu filme *Central do Brasil* e Fernanda Montenegro concorreram ao Oscar. Como é lançar um filme com a filha dela, Fernanda Torres, e vê-la cotada ao prêmio? O que posso dizer é que a Fernanda Torres é o coração do filme. A história é sobre a tragédia e a reinvenção de uma mulher. Nanda entendeu a essência de Eunice, mulher que perde o marido e, depois, faz questão de lutar pelas instituições, se torna advogada aos 46 e luta de modo apaixonado, mas sem estridência.

Como ela alcança isso? A construção da personagem tinha de ser baseada numa economia da atuação, e Nanda seguiu a ideia de Jean-Luc Godard de que cinema é, antes de mais nada, subtração. Ela é genial fazendo comédia, mas esse filme mostra outro lado. Mostra também a qualidade das atrizes que temos no Brasil. A começar por Nanda e dona Fernanda, quanto talento! ■

Mariane Morisawa, *de Veneza*

AQUELE BAIXO INDELÉVEL

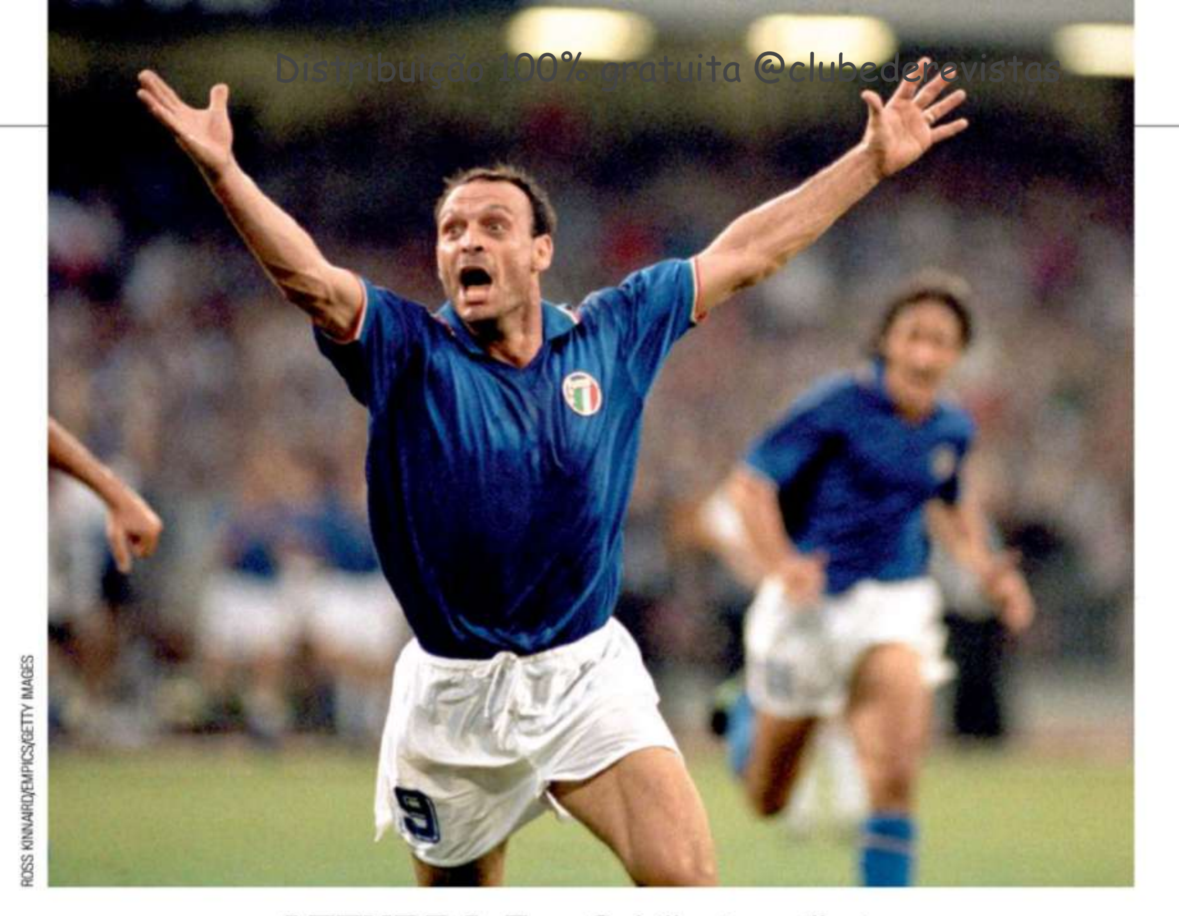


JAZZ SERVICES/HERITAGE IMAGES/GETTY IMAGES



São vinte segundos que colam ao ouvido e não desgrudam mais, nunca mais. A linha de baixo na abertura de *Walk on the Wild Side*, de Lou Reed, canção lançada em 1972, é um clássico pop eterno. Ela foi criada por **Herbie Flowers,** ao misturar um instrumento acústico — daqueles grandalhões, o chamado "baixo de pau" — com um elétrico. E então, antes do primeiro verso, *"Holly came from Miami, FLA, hitch-hicked her way across the USA"*, brotou uma obra-prima jazzística, de suingue indizível, a partir daí usada como a trilha do lado selvagem do submundo de Nova York. Flowers, convidado para a gravação pelo produtor do álbum, David Bowie, ganhou pelo trabalho apenas 17 libras, o equivalente hoje a menos de 260 dólares. Recebeu de Reed a partitura rabiscada a mão e mandou ver, em minutos. Modesto, ele diria: "Sim, é bacana, mas dá para dizer a mesma coisa do trompete em *Penny Lane*". O baixista, que participou em mais de 20 000 registros — esteve também em *Space Oddity*, de Bowie —, morreu em 5 de setembro, aos 86 anos, mas a notícia só foi revelada na semana passada.

OBRA-PRIMA
Flowers: pouco menos de 260 dólares para gravar a linha inicial de *Walk on the Wild Side*



ROSS KINNAIRD/EMPICS/GETTY IMAGES

AZZURRA Toto Schillaci: artilheiro da Copa do Mundo de 1990, na Itália

HERÓI IMPROVÁVEL

"Minha carreira durou três semanas, tempo curto, mas intenso. Alguns jogam futebol durante vinte anos e não chegam à Azzurra." Assim o atacante **Salvatore "Toto" Schillaci** definiu sua travessia durante a Copa do Mundo de 1990, da qual saiu artilheiro, com seis gols, atalho para que a Itália ficasse em terceiro lugar — na semifinal, a seleção azul perdeu nos pênaltis para a Argentina de Maradona. Schillaci, nascido na Sicília, ganhou renome na Juventus, mas foi sempre tratado com algum despeito, dada a simplicidade e o modo atrapalhado de levar a vida. Virou, contudo, um herói improvável naquele verão. Ele morreu em 18 de setembro, aos 59 anos, de câncer.



GIJSBERT HANEKROOT/REDFERNS/GETTY IMAGES

FAMÍLIA Tito Jackson *(no destaque)*: a criação do moonwalk do irmão Michael *(à dir.)* teve origem na infância

O IRMÃO DO REI DO POP

No fim dos anos 1960 e início dos anos 1970, o grupo The Jackson 5 reinventou a música negra nos Estados Unidos e dali para o mundo. O quinteto aparecia com frequência nos programas de televisão, de simpatia adesiva e toada dançante. Aqueles cinco irmãos, de pai severo, fizeram sucesso com baladas como *ABC*, *I'll Be There* e *I Want You Back*. Foi um estrondo, palco para a fama de Michael Jackson, o futuro rei do pop. Em entrevista a VEJA, em 2021, Toriano Adaryll Jackson, o **Tito Jackson,** guitarrista e vocalista, lembrou da criação do passo moonwalk pelo irmão. "Era um movimento que fazíamos quando crianças brincando na calçada. Nunca imaginamos que Michael o faria com tanta habilidade no palco", disse. Tito morreu em 15 de setembro, aos 70 anos, de complicações cardíacas. Michael, em 2009, aos 50 anos. ■



“O déficit sempre foi consequência de pensar primeiro quanto gastar e depois ver como financiar. Nós vamos fazer o contrário: pensando primeiro em quanto temos que poupar, para depois ver quanto podemos gastar.”

JAVIER MILEI, presidente da Argentina, ao prometer prejuízo zero das contas públicas em cadeia nacional de televisão e rádio

JUAN MABROMATA/AFP

"Os homens podem ajudar de 1 bilhão de maneiras. É cara ou coroa: as mulheres são mais necessárias nos primeiros meses de vida de um bebê. Mas os homens poderiam muito bem assumir a maior parte das tarefas depois disso. Bebês não dizem apenas 'mamãe', eles dizem 'papai'."

CLAUDIA GOLDIN, Nobel de Economia em 2023

"Temos o lado sujo da política, onde nossos adversários querem nos tirar a qualquer custo. Só que nós, como candidatos... Olha aí, me coloquei como candidato."

MICHELLE BOLSONARO, ex-primeira-dama, assumindo pela primeira vez seus anseios políticos para 2026

"Sim, eu vi o tuíte. Bobagem hedionda de *incel*. Eu realmente não tenho nada a acrescentar, é simplesmente abominável."

VIVIAN JENNA WILSON, filha de Elon Musk, ao criticar o pai por ter condenado o apoio de Taylor Swift a Kamala Harris *(leia em "Eleição movida a ódio")*. Um *incel* – palavra que resulta do acrônimo de "celibatários involuntários", em inglês – prega a misoginia escancarada e desavergonhada

"Seja gentil, seja curioso, seja travesso."

JUDI DENCH, atriz de 89 anos, sugerindo como viver bem na maturidade

"No topo do mundo."

RAYSSA LEAL, a skatista de apenas 16 anos, bicampeã mundial da modalidade street, em Roma

"Proibir é sempre pior."

PEDRO BANDEIRA, autor de livros infantis, o pai da série *Os Karas*, a respeito da censura imposta por grupos de conservadores que sonham barrar qualquer alusão a diversidade nas escolas

"Não desisto, porque sempre existe a chance de surgir algo diferente, um sopro de talento."

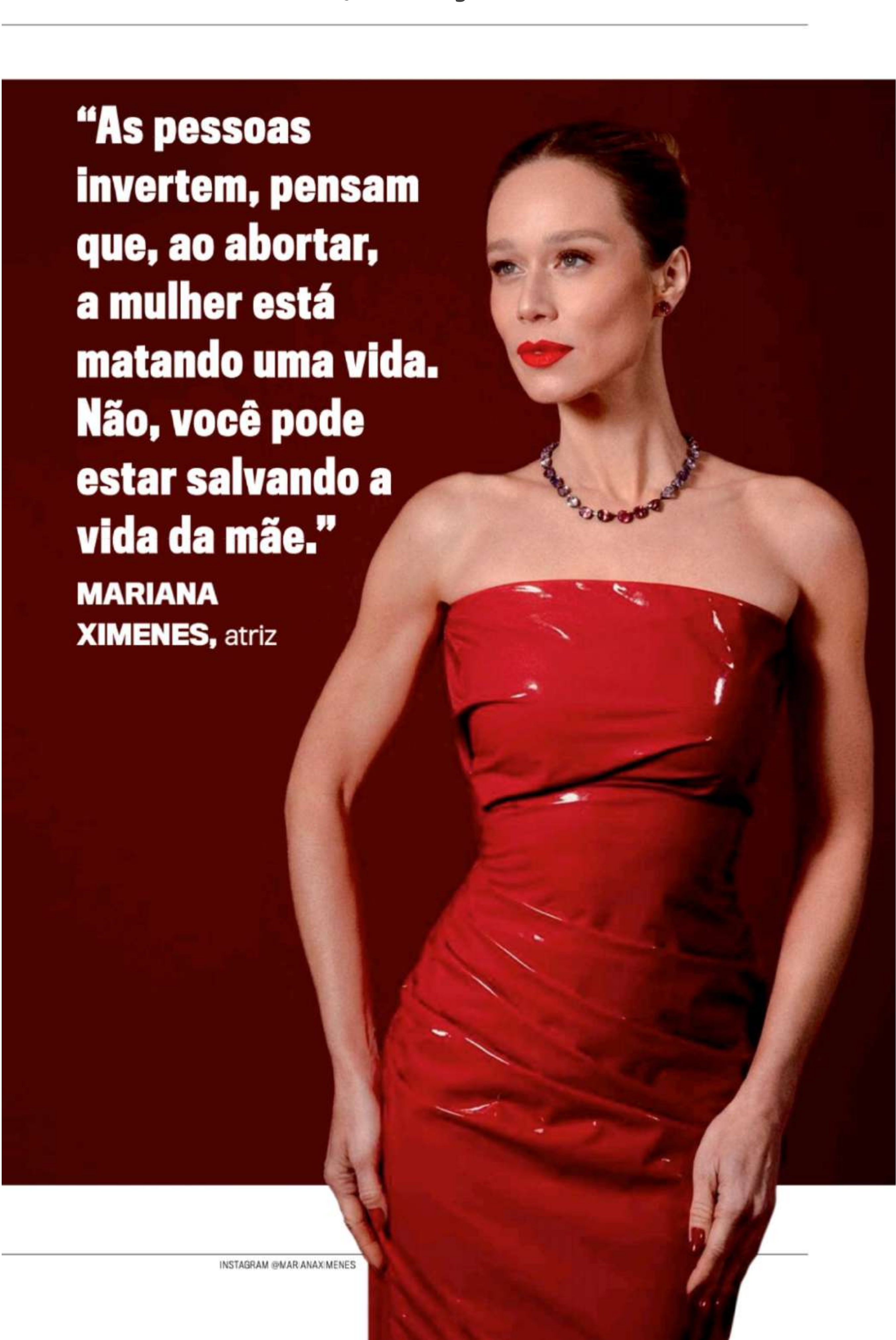
TOSTÃO, ex-camisa 9 do Brasil, depois das péssimas atuações da seleção brasileira masculina de futebol

"Enfim, casados."

GABRIELY MIRANDA, agora mulher do atacante **ENDRICK,** do Real Madrid e da seleção, ao celebrar a união nas redes sociais. Ela tem 21 anos; ele, 18

"Mãe, eu te amo. (...) Você me ensinou o estoicismo."

ANNA SAWAI, atriz japonesa, premiada com o Emmy por sua interpretação como a Mariko Toda da série *Xógun*, no Disney+



INSTAGRAM @MARIANAXIMENES



FERNANDO SCHÜLER

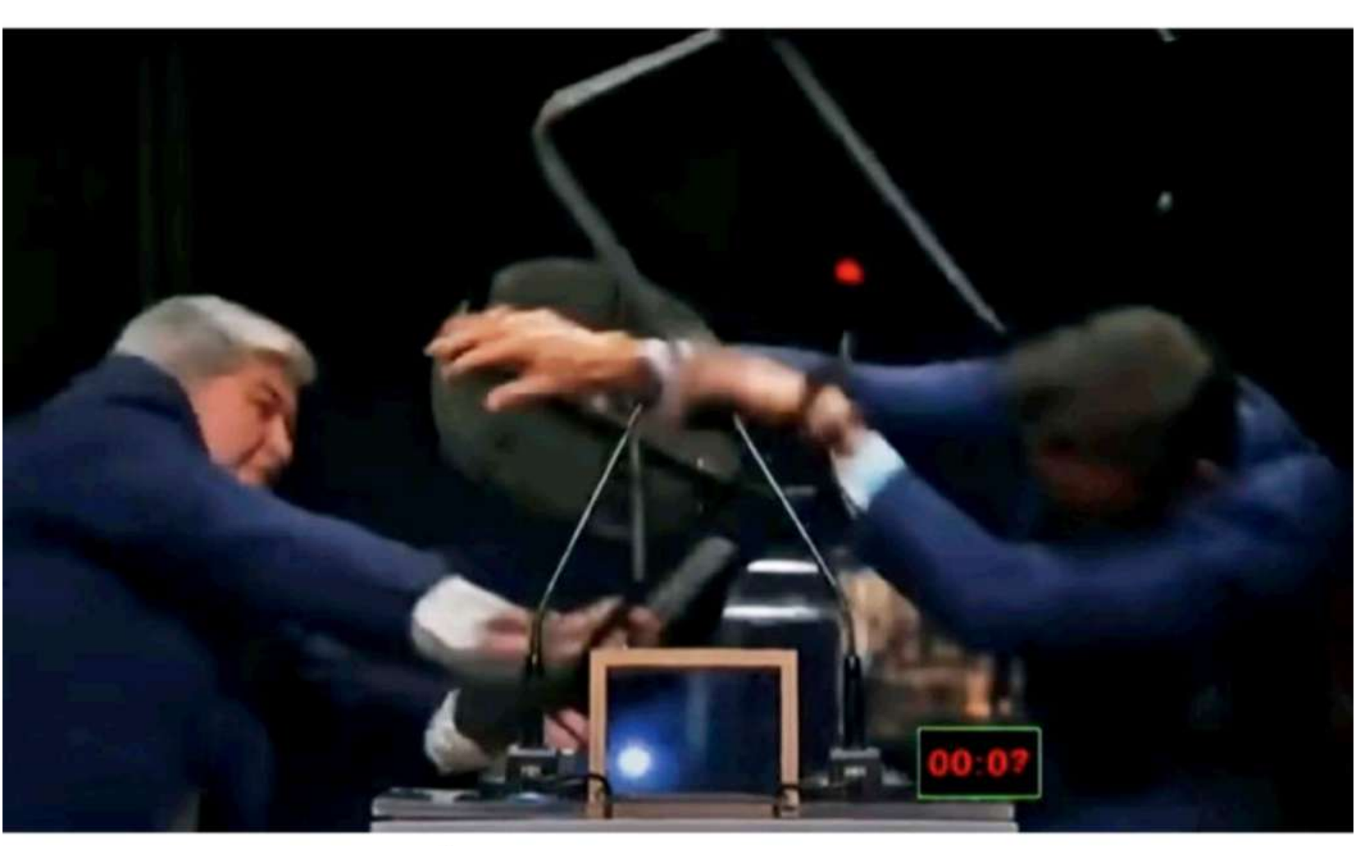
ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

PABLO MARÇAL vê a política como um tipo de guerra. E está longe de ser o único. A retórica existencial, segundo a qual "o meu adversário é um risco à civilização, à democracia, ao planeta", tomou conta da política. E não apenas aqui nos trópicos. Marçal talvez seja apenas uma versão extrema e popularesca do fenômeno. Algo como: "Não há nada a debater, só inimigos a ser derrotados". E para isto vale qualquer coisa. A grande novidade é a cadeirada. O vale-tudo de Marçal vai até o uso da palavra. Uso malandro, agressivo. Mas restrito à retórica. A cadeirada ingressa em terreno distinto. Tem um ar de *lucha libre* mexicana. E um lado sombrio. Talvez seja a imagem mais bem acabada daquilo em que nossa democracia foi se transformando.

O ponto é a banalização da violência. A teoria da "equivalência" entre as "duas agressões". De um jornalista, li que a cadeirada havia sido apenas "a parte física" da agressão. E que as pessoas "compreendiam" a atitude do agressor. Em nosso mundo de opinião, a regra foi o "mas".... Algo do tipo: "O.k., é errado fazer um 'traumatismo no tórax' do adversá-

rio em um debate. Mas...". Foi o que vimos, com toda a sorte de medidas de exceção, nos últimos anos no Brasil. "O.k., censura é errado, mas..."; "Há abusos de poder, mas é preciso, não é mesmo?" Abusos do bem, censura do bem. Qual seria mesmo o problema de uma cadeiradinha do bem? Curioso é imaginar como nosso mundo opiniático reagiria se fosse o oposto, se Marçal, um "bolsonarista pior que o próprio", como escutei por estes dias, tivesse dado a cadeirada. Alguém imagina quantas vezes teríamos escutado as palavras "fascista" e "nazista"? O duplo padrão é esporte nacional. E por aí, lamento, não acho termos muito conserto. O resultado é simples de compreender: se usar a violência física é aceitável, então quem sabe não exista muito o que reclamar do "estilo Marçal". E aí, de fato, estamos com um problema.

É um pouco inútil lembrar de alguns fatos simples. Todo o edifício da política moderna foi construído pela recusa da violência. Pela separação rigorosa entre o uso da palavra, por mais agressiva e abjeta que seja, e o uso da força. Há também uma questão de mercado. Se a campanha eleitoral da maior cidade do país se converteu em um ridículo pastelão, é porque os eleitores compram essa atitude. Já cansei de escutar a reclamação do porquê os candidatos não apresentam ideias e propostas. Eles apresentam, mas ninguém dá bola. Uma maneira de entender essas coisas é prestar atenção à divisão dos eleitores em dois grandes grupos, feita por Jason Brennan: os hobbits e os hooligans. Hobbits são os que dão pouca bola para a política e tratam de cuidar da vida:



VIOLÊNCIA A cadeirada de Datena em Pablo Marçal: *lucha libre* mexicana

por que cargas d'água alguém perderia tempo com política, se um voto não vale coisa nenhuma? E se ninguém será responsabilizado, se sua escolha eleitoral for um desastre. O segundo grupo são os hooligans. A turma dos apaixonados. O xarope do X, o obsessivo do WhatsApp. Eles são um mistério. Se o sujeito não ganha nada com isso, para que mesmo perder tanto tempo defendendo ou xingando o Boulos ou o Marçal? Não há uma resposta clara. A melhor hipótese é que as razões são as mesmas que levam alguém a torcer pelo Corinthians ou Flamengo. Ou entrar no fã-clube da Taylor Swift. É um tipo de entretenimento. De gosto duvidoso.

REPRODUÇÃO

“Antes da internet, as instituições faziam o filtro e a mediação”

Há um terceiro tipo, os vulcanos. A inspiração vem de *Star Trek* e do Mr. Spock. Tipo frio e racional. Tem muita informação e pouquíssima emoção. Gosta de dados. E se o candidato em que ele votou fizer besteira, ele muda de voto, sem problemas. Vulcanos são tolerantes. Não acham que seus adversários devam ser calados, mesmo dizendo absurdos. Se os vulcanos fossem maioria, não haveria baixaria. Pablo Marçal não existiria, ou seria um tipo comportado. Nenhuma cadeirada seria tolerada. O problema é que eles não são maioria. São uma minúscula minoria, por uma razão: não há incentivo, na democracia, para que o sujeito se comporte como vulcano.

Brennan toca em um tema conhecido: as pessoas são brutalmente desinformadas no mundo da política. Pesquisa mostrou que 64% dos eleitores sequer se lembravam em quem haviam votado para deputado nas últimas eleições. A informação é cara. A não ser que você seja um consultor profissional, ninguém vai lhe pagar para entender da reforma tributária. E não passa de um delírio imaginar que um cida-

dão vai gastar um fim de semana para saber como os candidatos pretendem lidar com a saúde ou os resíduos sólidos. Isso não vai acontecer. Na era da democracia tradicional, antes da internet, as instituições faziam o seu trabalho de filtro e mediação da opinião. E o grande demônio político era a alienação. Ainda me lembro de Bertolt Brecht xingando o "analfabeto político". Dizendo que era da sua "ignorância política que nasce a prostituta, o menor abandonado, o assaltante". Brecht se surpreenderia observando o volume de pessoas interessadas em política hoje em dia. E depois assistindo aos debates. Talvez compreendesse que o excesso e o engajamento político não serviram para grande coisa. As redes sociais criaram um enorme mecanismo de seleção adversa. Os radicais, à esquerda e à direita, são minoria na sociedade, mas seu engajamento digital é cinco ou seis vezes maior do que o da chamada "maioria silenciosa". São minoria na sociedade, mas dominam o debate público. O ecossistema digital fez o hooliganismo ganhar espaço nas democracias. É aí que se abre o espaço para tipos como Pablo Marçal. E, quem sabe, para nossa aceitação daquela cadeirada.

Gosto de pensar na imagem perturbadora do *Ensaio sobre a Cegueira*, de Saramago, que virou filme, para definir um pouco do que se tornou nossa arena pública na era digital. Aquela luz branca infernal, cegueira feita do excesso de luz. E logo o caos. As gangues, a guerra pela comida, os corpos e dejetos humanos espalhados pelo chão, a erupção dos piores instintos. A cegueira é uma metáfora. Por vezes

ela vem da falta, por vezes do excesso. De ruído, de gente falando ao mesmo tempo, sem disposição para escutar. E, no meio disso, a sedução da violência. Como vamos sair dessa? Não sei. No fundo, o que nos resta é uma escolha individual. Cultivar juízos imparciais ou cair na seletividade? "Prerrogativas" para qualquer cidadão, ou só para a nossa turma? E achar que "foi pouco" aquela cadeirada, porque, afinal de contas, estamos todos em meio a uma guerra. É isso? Vai aí a escolha de cada um. No fundo, a provocação incômoda da esposa do médico, na fábula de Saramago: "Se não formos capazes de viver inteiramente como pessoas, ao menos façamos tudo para não viver inteiramente como animais". Ela era a única que guardava alguma lucidez ali. E confesso que foi sua frase que me veio à cabeça por estes dias, assistindo àquele debate em São Paulo. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

SOBE

EMBRAER

Por decisão da corte arbitral de Nova York, nos Estados Unidos, a empresa aeronáutica brasileira receberá uma indenização de 150 milhões de dólares da Boeing por ela ter rompido o acordo de fusão entre as duas companhias.

BIENAL DO LIVRO SP

A mais recente edição do evento foi a maior dos últimos dez anos, reunindo cerca de 700 000 pessoas no Pavilhão de Exposições do Distrito Anhembi.

XÓGUM

A série disponível no Brasil pela plataforma Disney+ bateu recorde histórico no Emmy, com dezoito prêmios em uma única edição.

DESCE

IGUALDADE SALARIAL
Segundo o IBGE, as mulheres ganham menos que os homens em 82% das áreas, e o salário delas é, em média, 17% menor.

CAIXA
Condenado em ao menos quatro processos relativos aos casos de assédio de Pedro Guimarães, o banco fez acordos na Justiça trabalhista para pagar indenizações de 14 milhões de reais.

BONINHO
Responsável por programas apelativos e protagonista de diversas mancadas na Globo, o arrogante diretor foi demitido pela emissora. Já vai tarde.

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Nicholas Shores e Pedro Pupulim



O fiel da balança

Elmar Nascimento fez um movimento que, acredita, mudará os rumos da eleição na Câmara. Ele pediu a Lula que o governo fique fora da disputa, mas que o PT escolha um lado na guerra. Tem certeza de que o petismo não irá com Hugo Motta e Arthur Lira.

O castigo vem a cavalo

Um aliado de Elmar diz que Lira ainda receberá "o que é dele" por negar o amigo. "O

INSTAGRAM @DEPUTADOELMARNASCIMENTO

FACA NOS DENTES Elmar: ele quer o petismo ao seu lado na guerra da Câmara

tempo joga a nosso favor. Lira perdeu Elmar e Gilberto Kassab. Ficará sozinho com o bolsonarismo."

Gregos e troianos

Hugo Motta tem o apoio do PL, mas terá problemas para unir petistas e bolsonaristas em sua canoa. Os dois lados brigam pela vice-presidência da Casa.

Meus trunfos

Já Elmar tem um acordo com o PSD de Kassab, a determinação de quem foi traído e a promessa de apoio do PT, que não vai optar por eleger "um candidato do Eduardo Cunha e do Ciro Nogueira", como diz o deputado.

Nervos de aço

Elmar tem dito a aliados que terá sintonia com o Senado, caso seja eleito. É que ele e Davi Alcolumbre, favorito entre os senadores, são do mesmo partido. Lira, como se sabe, vive em atrito com Rodrigo Pacheco.

Amigo da onça

Elmar ligou a Motta para prestar solidariedade ao adversário. É que a PF investiga corrupção na prefeitura de Patos (PB), comandada pelo pai dele.

Follow the money

A PGR abriu recentemente uma série de investigações para seguir o dinheiro das "emendas Pix". Estão na mira deputados, senadores e prefeitos de cidades do interior e de capitais, como Salvador, na Bahia.

A lista só aumenta

Estão na mira, por exemplo, repasses de 3,4 milhões de

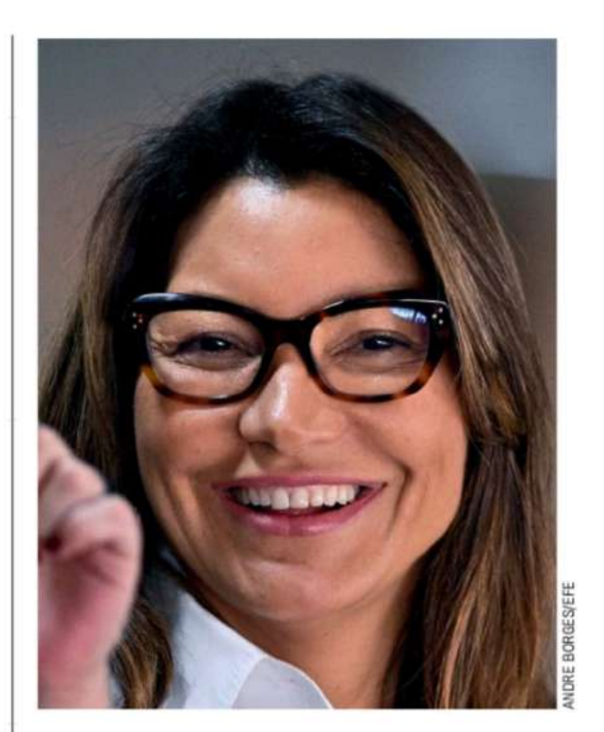
reais em emendas dos deputados Palumbo (MDB-SP), Marangoni (União Brasil-SP), Arnaldo Jardim (Cidadania-SP), Jonas Donizette (PSB-SP), Miguel Lombardi (PL-SP) e do senador Marcos Pontes (PL-SP).

Cabide petista

A PGR, aliás, arquivou inquérito contra Lula por nomeações na Petrobras, no BNDES e na Conab fora da Lei das Estatais. O aparelhamento político venceu.

Pode viajar tranquila

A primeira-dama, **Janja,** livrou-se, nesta semana, de uma investigação no TCU por causa dos gastos realizados durante viagem a Paris. O TCU não viu elementos para investigar Janja e disse que ela poderia, sim, gastar o que gastou para ir aos Jogos Olímpicos em nome de Lula — coisa de 200 000 reais.


ANDRE BORGES/EFE

PAZ Janja: TCU arquivou denúncia contra ela por gastos na viagem a Paris

Parceiro de banho de sol

No jantar com ministros do STJ, Lula surpreendeu convidados ao chamar um segurança dele para a conversa. “Esse aqui foi meu carcereiro lá em Curitiba”, disse o petista.

Vou ali e já volto

Lula disse aos ministros do STJ que vai mergulhar nas agendas internacionais daqui até o fim do ano. Aquela conversa toda de líder global vai voltar. O petista discursa na ONU na próxima semana e depois terá reuniões do G20 e outros compromissos.

Escorado no sogrão

Danilo de Lula, o namorado de Lurian e candidato a prefeito de Barra dos Coqueiros (SE), faz campanha prometendo duplicar estradas, fazer pontes, urbanizar praias... Parece até governador. "A futura primeira-dama é a filha de Luiz Inácio", diz o candidato.

Dobrando a aposta

Com 55,6 milhões de reais em caixa até agora, Guilherme Boulos é o candidato que mais gastou com impulsionamento de conteúdos no Facebook nestas eleições. Foram 2,5 milhões de reais.

O vencedor

O Facebook, aliás, já recebeu 46,7 milhões de reais de candidatos nesta campanha. O valor é 31,7% maior que o gasto pelos políticos em 2020.

Fala, meu padrinho!

Ricardo Nunes vai encontrar Jair Bolsonaro nos próximos dias. Devem gravar vídeos para a campanha em SP.

Chumbo grosso

Se Alexandre Ramagem continuar subindo nas pesquisas, a campanha de Eduardo Paes vai bater pesado na ligação dele com Cláudio Castro. Um

dos alvos da artilharia será o chefe de gabinete do governador, Rodrigo Abel.

Assim quebra a banca

A eleição para presidente do TJRJ virou uma bomba fiscal para Castro. É que tem desembargador prometendo, caso seja eleito, reajustar ou criar 27 penduricalhos no tribunal.

1 001 noites

O MPF negou, recentemente, o pedido de uma servidora que queria fazer home office no órgão diretamente de... Riad, na Arábia Saudita. Que delícia.

Aguenta firme

O governo Lula renovou, por mais quatro anos, a nomeação de Roberto Affonso como cônsul honorário do Brasil na Venezuela.

Missão impossível

Auxiliares da equipe econômica de Lula receberam uma missão daquelas. Discutir, em Havana, a "recuperação de créditos" da "dívida oficial de Cuba com o Brasil". Tentar não custa.

Olho no cofre

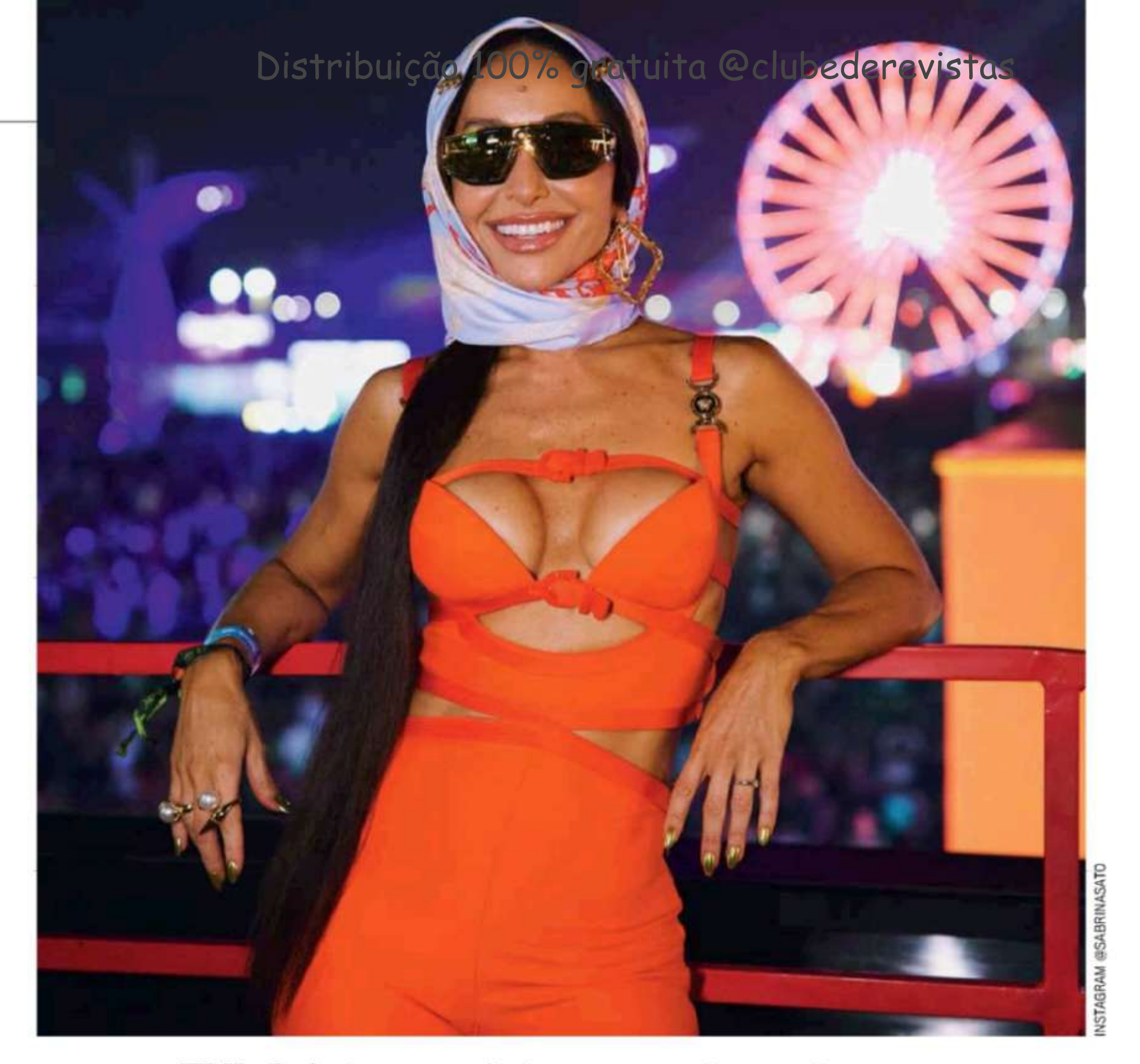
A PGR abriu um inquérito contra o Banco de Brasília. Mira um negócio de 14 milhões de euros feito pelo banco com a Santa Casa de Misericórdia de Lisboa para a criação do BRB Loterias.

Jogos de azar

O MPF investiga um esquema de exploração ilegal de loterias no Amapá.

Chegou a fatura

O STJ inocentou o empresário Álvaro Garnero das acusações de estelionato que a



FUI Sabrina: a polícia quer ouvir a atriz como testemunha num processo

sua ex-namorada, Cristiana Arcangeli, lhe fazia. Agora ela terá de pagar pela derrota pelo menos 700 000 reais em despesas com advogados.

Pode contar comigo...

O Carnaval de 2022 continua rendendo para **Sabrina Sato.** Naquele ano, ela pediu para tirar fotos com um PM tatuado que estava em serviço. Por causa dessas imagens, o sujeito virou alvo de processo por abandono de posto. A atriz prometeu testemunhar a favor dele, mas... não apareceu. Uma nova audiência será marcada. ■

VIDAS SECAS

Impulsionada pelo El Niño e pelas mudanças climáticas, estiagem recorde castiga praticamente todo o Brasil, sufoca cidades com fuligem tóxica e exige ação por parte dos governantes

ERNESTO NEVES E **AMANDA PÉCHY,** de Trabiju (SP)

BOA ESPERANÇA DO SUL

DESOLAÇÃO O agricultor Barbosa e sua família, na propriedade calcinada no interior de São Paulo: "A seca destruiu tudo"


CLAUDIO GATTI

Uma janela para o inferno — foi esse o cenário com que o agricultor Jorge Barbosa, 70 anos, se deparou em sua propriedade em Boa Esperança do Sul, a 280 quilômetros de São Paulo, no centro do estado, no fim de agosto. Naquela tarde, um paredão de fogo com origem na mata avançou sobre sua plantação de banana, devorando mais de 120 pés em questão de minutos. Desesperado, ele conseguiu ao menos salvar as vacas que sustentam sua produção de laticínios, principal fonte de renda da família. "O incêndio saltava dezenas de metros a cada minuto. Eu nunca vi nada igual", diz. Passado o fogaréu, ele, a mulher e os filhos temem pelo futuro. Barbosa afirma que não há mais pastos disponíveis para o gado, que pode morrer de fome. "A seca destruiu tudo", lamenta. Viajar a Boa Esperança do Sul e à vizinha Trabiju, na região de Araraquara, é percorrer a triste imensidão da pior seca já vivida no Brasil. Há nove meses não chove na região, um fenômeno jamais visto no que sempre foi um vale fértil e próspero, onde se localizam alguns dos municípios com melhor qualidade de vida do país.

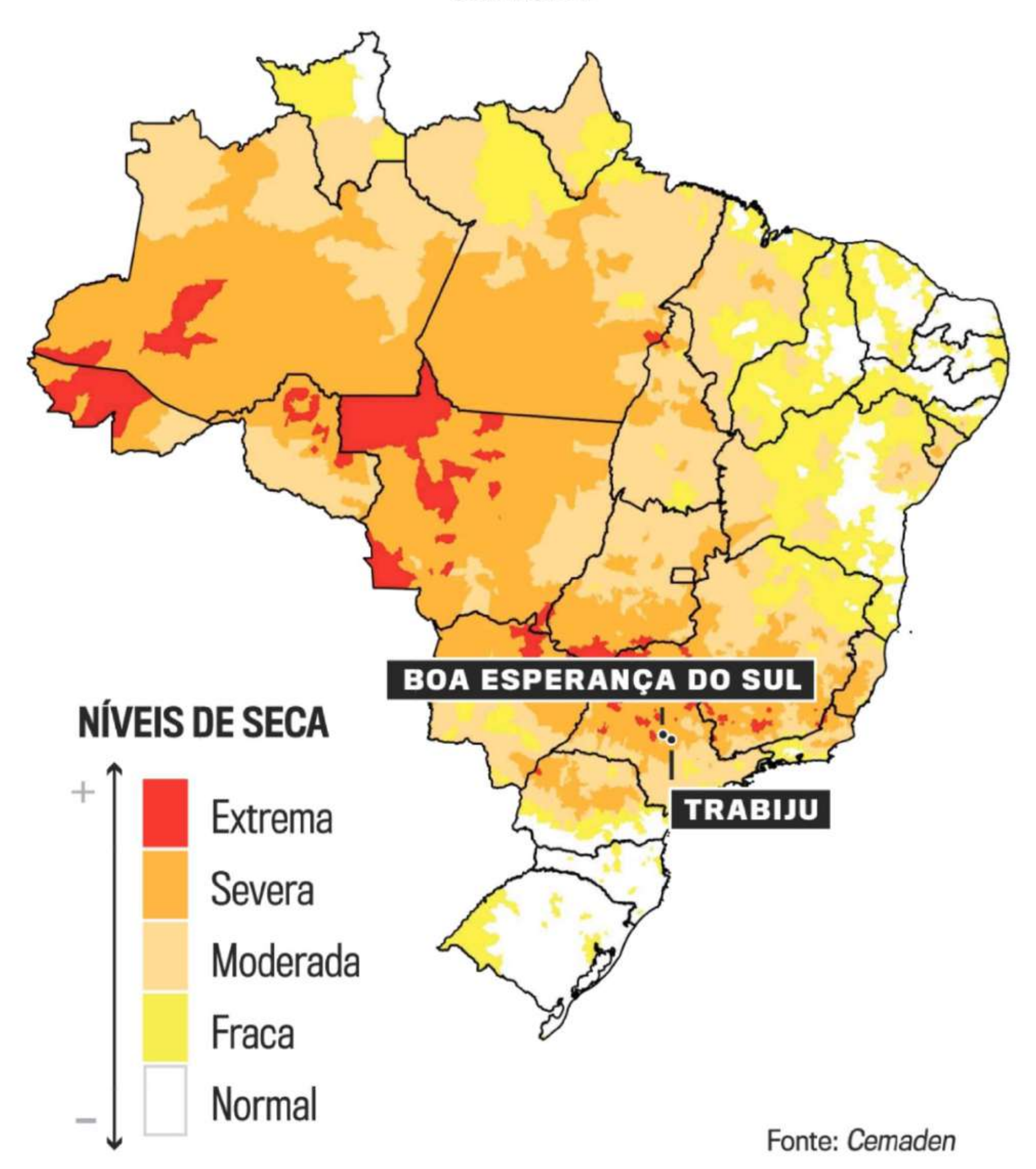
Para registrar a catástrofe em curso, a reportagem de VEJA percorreu o terreno esturricado, coletando relatos angustiados como o de Barbosa sobre a aridez implacável. Às margens da rodovia que conecta Trabiju e Boa Esperança do Sul à capital, assiste-se a um desfile de propriedades calcinadas por incêndios, onde a produção agrícola míngua sob o sol inclemente. O horizonte é cinza, encoberto pela fuligem, tor-

nando aflitivo respirar em um local onde a falta de chuvas fez a umidade relativa do ar despencar para 15%. Os dois municípios são exemplos extremos da estiagem que devasta o Brasil desde o ano passado. Segundo o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), 3 978 municípios brasileiros, ou 71% do total, padecem de falta de chuvas e, se as previsões se confirmarem, o número chegará a 82% até o fim de setembro, um recorde. A secura afeta 25 dos 27 estados — só Rio Grande do Sul e Santa Catarina escapam —, impondo sofridas consequências a quase 200 milhões de brasileiros *(veja o mapa na a seguir)*. “Em extensão e intensidade, é a pior estiagem da história, nunca enfrentamos nada parecido”, diz Ana Paula Cunha, especialista em secas do Cemaden.

Com o avançar dos meses sem chuva, a crise assumiu características de pesadelo climático — a vegetação ressecada serve de combustível para as queimadas, quase todas provocadas por ação humana, que agora se propagam em velocidade jamais vista. Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Especiais (Inpe), o Brasil somou 160 000 focos até setembro, o dobro do mesmo período do ano passado. O fogaréu cobriu de fumaça tóxica 60% do país e fez a qualidade do ar de cidades como São Paulo, Porto Velho e Brasília figurar entre as mais insalubres do planeta. “Estamos no meio da floresta, mas respiramos fuligem 24 horas por dia, há meses, o que fez minha família inteira adoecer”, diz Jesuíta Brito, 43 anos, empresária que vive com os filhos Maria Giulia, 11, Charlen, 4, e

O MAPA DA ARIDEZ

A seca nunca se alastrou tanto e com tamanha intensidade pelo território brasileiro quanto em 2024





71%

DOS MUNICÍPIOS FORAM ATINGIDOS HOJE PELA SECA, NÚMERO QUE DEVE SE EXPANDIR PARA 82% AINDA EM SETEMBRO



200

ESTÃO EM SITUAÇÃO DE SECA EXTREMA, COMO TRABIJU E BOA ESPERANÇA DO SUL (SP)



197 MILHÕES

DE BRASILEIROS VIVEM EM ÁREAS AFETADAS PELA ESTIAGEM

CLAUDIO GATTI



FOGO E FUMAÇA Desastre ambiental: incêndios se alastram pelo país *(na foto, o interior paulista),* com extensão recorde

Rebeca, 9 meses, em Santa Isabel do Rio Negro, no Amazonas, a 900 quilômetros de Manaus. Após doze meses seguidos de seca, a situação do município, segundo o Cemaden, é a pior do país — isso em uma região onde chuvaradas desabavam religiosamente todo fim de tarde.

O agravamento da situação chamuscou seriamente a imagem de um governo que se elegeu com a promessa de dar à agenda ambiental prioridade total, e falhou *(veja a reportagem "Filme queimado").* Sob pressão da sociedade e do mi-

nistro do STF Flávio Dino, o presidente Lula anunciou, na terça-feira 17, a liberação de 514 milhões de reais para o combate às chamas. A medida provisória inclui a decretação de emergência climática, a criação do Conselho Nacional de Segurança Climática e um projeto de lei para endurecer a pena de quem provocar incêndios. A iniciativa, no entanto, não foi capaz de reverter o mal-estar causado pela inação das autoridades até agora. Lula conseguiu reduzir o desmatamento, que na Amazônia registra queda de 62% na comparação com a gestão de Jair Bolsonaro. Mas, segundo especialistas, falta coordenação no combate a questões como o fogo criminoso ateado para a grilagem de terras. "As três esferas de governo precisam se envolver no manejo do fogo, que já conta com legislação bastante restritiva. Lula pode e deve gerenciar a distribuição de recursos e esforços, punindo quem desobedecer", afirma Suely Araújo, ex-presidente do Ibama e coordenadora de políticas públicas do Observatório do Clima.

Além da extensão sem precedentes, a seca atual demonstra intensidade extraordinária. Nunca tantos municípios foram afetados pelo nível extremo, o pior na escala do fenômeno, até pouco tempo atrás restrito ao sertão nordestino retratado em *Vidas Secas*, de 1938, a obra-prima de Graciliano Ramos. O Cemaden mostra que setembro deve se encerrar com 232 cidades em situação de seca extrema, com destaque para São Paulo (82), Minas Gerais (52) e Mato Grosso (24). "Nem o sistema de irrigação foi capaz de salvar a safra", diz Maria Elvira Bortolozzo, 88 anos, que toca com o filho José


CLAUDIO GATTI

CALOR QUE NÃO PASSA

Dona de um cafezal em Trabiju, São Paulo, **Maria Elvira,** 88 anos, calcula perdas superiores a 60% na próxima safra. "A temperatura está tão alta que nem mesmo a irrigação consegue dar conta", diz.

Roberto, 63, uma fazenda de café em Trabiju. Com temperaturas que não raro cravam 43 graus, mais da metade do cafezal não produziu grãos neste ano. Vanessa Belonconque, 38, que arrenda terras para outros produtores, tem queixa semelhante. "O calor literalmente cozinhou plantações de melancia e soja", diz. "Nossas nascentes não têm mais água."

De acordo com levantamento do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), 12 milhões de brasileiros não veem chuva há mais de 100 dias, o que inclui os moradores de Belo Horizonte, a capital em pior situação. Os prejuízos impostos pela crise ambiental são alarmantes. Até 16 de setembro, 538 municípios, onde vivem 10 milhões de pessoas, haviam de-

UM ANO DE SECURA

A empresária **Jesuíta Brito,** 43 anos, é de Santa Isabel do Rio Negro, no Amazonas, cidade há mais tempo sem chuva no país. "Estamos na floresta, mas o ar está irrespirável e meus filhos adoeceram", relata.



ARQUIVO PESSOAL

cretado situação de emergência devido ao avanço do fogo, totalizando danos de 1,1 bilhão de reais. A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), vinculada ao Ministério da Agricultura, calcula em 21 milhões de toneladas a redução da safra de grãos, o que representa queda de 6% na comparação com o ciclo anterior. Em São Paulo, a Secretaria de Agricultura e Abastecimento estima que os produtores, principalmente de cana-de-açúcar, tenham perdido 2 bilhões de reais nas últimas semanas. No caso dos pés de café, planta extremamente sensível ao calor, a recuperação não virá antes de 2026. Os custos disso vão recair, inexoravelmente, sobre os consumidores. "A inflação preocupa, sobretudo em virtude

do clima", admitiu o ministro da Fazenda, Fernando Haddad. No industrializado Triângulo Mineiro, o repasse já supera 25% nos preços do leite e do açúcar. "O impacto é enorme e afeta toda a cadeia produtiva", diz Pedro Henrique Silva de Paula, proprietário da fábrica Alimentos Triângulo, sediada em Canápolis. O município não vê chuva há dez meses e reparte com Apiacás, em Mato Grosso, a cruel vice-liderança no ranking da secura nacional.

A mudança no regime de chuvas e a sucessão de ondas de calor são provocadas por uma soma de fatores. Formado no último ano, o El Niño, fenômeno natural que consiste na elevação da temperatura da superfície do Oceano Pacífico, contribuiu para deixar o país 1,5 grau mais quente na comparação com o período pré-industrial, o aumento máximo admitido pelo Acordo de Paris. Meteorologistas esperavam que o El Niño perdesse força e encerrasse a seca em abril, mas sucessivos bloqueios atmosféricos estão impedindo que as frentes frias avancem pelo país, fazendo com que as nuvens descarreguem toda a chuva sobre os estados mais ao Sul. Por sua vez, um aquecimento incomum em faixas do Oceano Atlântico alterou a distribuição dos temporais. Mas essa conjunção de fatores explica parte do problema — a causa principal da seca, alertam os cientistas, é o superaquecimento do globo, que multiplica a intensidade e a frequência de eventos excepcionais. "A clara tendência de maior repetição de estiagens a partir dos anos 1990 se acelerou ainda mais nos últimos dez anos", diz José Marengo,


MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

HORIZONTE CINZENTO Fumaça de incêndio em Brasília: risco para a saúde

climatologista membro do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), da ONU.

O Brasil está, literalmente, secando: em quarenta anos, perdeu 6,3 milhões de hectares de superfície de água, quase um terço do que tinha em 1985. Além do efeito estufa, a destruição de matas nativas fez minguar o período de chuvas ao afetar um mecanismo chamado de evapotranspiração. Em períodos secos, a floresta retira do subsolo e emite por suas folhas quase 5 litros de água por metro quadrado. Essa transpiração sobe até a atmosfera, onde é transportada por correntes de ar, os chamados rios aéreos, até desabar sob forma de chuva em todo o país. Problema: quando a mata é substituída por pastagem, a emissão de umidade se reduz em 70%, secando rios e esturricando terras. No município de Benjamin Constant, na fronteira com o Peru, o Rio Solimões simplesmente desapareceu. "Não temos acesso à água potável, o

O RIO QUE VIROU AREIA

A líder indígena **Myrian Metchituna,** 40 anos, da tribo Tikuna, viu o Rio Solimões sumir no município de Benjamin Constant, a 1500 quilômetros de Manaus. "Nunca houve nada parecido na Amazônia", afirma.



ARQUIVO PESSOAL

que está empurrando as pessoas para a fome", diz a líder indígena Myrian Metchituna, da tribo Tikuna.

A receita do reputado climatologista Carlos Nobre para reverter o caos ambiental passa por acelerar o corte de emissões de gases do efeito estufa com medidas drásticas, como a proibição completa do uso do fogo no campo e o restauro da vegetação nativa em 1 milhão de quilômetros quadrados de terrenos degradados até o fim da década. "Isso baixaria a temperatura e normalizaria o ciclo de chuvas, promovendo uma série de ganhos econômicos", defende. O recado das chamas e dos rios secos é tão claro quanto o céu sem nuvens: não há tempo a perder. ■

OMISSÃO E INCOMPETÊNCIA

País em chamas expõe uma desarticulada gestão ambiental

NOS PRIMEIROS seis meses de 2024, os principais biomas brasileiros atingiram recordes históricos no número de queimadas. Tanto o Pantanal quanto o Cerrado registraram a maior quantidade de focos de fogo desde o início do monitoramento por satélites, realizado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) a partir de 1998. Na Amazônia, o número de focos no primeiro semestre de 2024 foi o mais alto dos últimos vinte anos. Comparado ao mesmo período de 2023, quase todos os biomas brasileiros apresentaram aumento na quantidade de incêndios.

Enquanto o Brasil ardia desde o início do ano, os organismos ambientais ficaram paralisados numa greve branca, refletindo não apenas um colapso de ação, mas uma crise estrutural de gestão na política ambiental. A demora em responder ao aumento dramático das queimadas é apenas a ponta do iceberg de uma série de decisões equivocadas e da inércia governamental. Mesmo diante de um cenário de emergência, as ações se limitaram a espasmos de

engajamento, sem plano consistente de prevenção e combate aos incêndios.

Na semana passada, após meses de inação e desencontros, o Supremo Tribunal Federal (STF), por decisão do ministro Flávio Dino, finalmente autorizou a liberação de créditos extraordinários para enfrentar os incêndios na Amazônia e no Pantanal. No entanto, o fato de que essa decisão tenha sido tomada após o impacto devastador das queimadas já estar consolidado expõe quão desarticulada é a política ambiental brasileira.

Mas os problemas vão muito além da demora na tomada de decisões e na liberação de verbas. O verdadeiro cerne da questão é a falta de coordenação dentro do governo e a subordinação do Executivo ao Judiciário na implementação de medidas de combate aos desastres ambientais. O que deveria ser uma resposta proativa, baseada em dados científicos e políticas públicas claras, se transformou em

“O Brasil não sabe enfrentar as inundações nem as queimadas. Imagine se tivesse que lidar com furacões”

um lento jogo pleno de indefinições e demora em reagir a problemas emergenciais.

A política ambiental do Brasil, além de falha em sua execução, sofre de uma gestão errática e mal orientada. Está contaminada por um ambientalismo de gabinete que, por exemplo, nem sequer se importa com a questão do saneamento. Basta ver o Acre, estado da ministra Marina Silva, que apresenta índices vergonhosos de saneamento, com esgoto a céu aberto, contaminando rios e igarapés. Voltando às queimadas, mesmo com repetidos alertas de que a situação climática é grave, não houve preparo adequado para enfrentar o problema, tampouco a construção de narrativa que desse algum conforto à cidadania.

É verdade que muitos incêndios que ocorrem no Brasil têm origem criminosa, mas isso não exime o governo de sua responsabilidade em criar e implementar sistemas de alerta e intervenção rápida, a fim de evitar que o fogo alcance proporções devastadoras. Também é verdade que a incompetência governamental na gestão do meio ambiente não é exclusividade do atual governo, sendo uma questão histórica. Não sabemos enfrentar as inundações nem as queimadas, que são recorrentes. Agora, imagine se o Brasil tivesse que lidar com furacões ou nevascas? A situação que se configura lembra uma expressão típica de Brasília. Existem dois tipos de problemas: os que se resolvem por si mesmos e os que não têm solução. Nossa política ambiental está emparedada nesse dilema. ■



FILME QUEIMADO

A devastação atinge a imagem do presidente e do governo, que não tinha política de prevenção, plano de contingência nem orçamento para enfrentar o problema

DANIEL PEREIRA

ESTADO TEATRAL Lula: o presidente tentou se eximir de responsabilidade e viu conspiração

RICARDO STUCKERT/PR

É CONHECIDA a distância que separa o discurso dos governantes da realidade. Em seu terceiro mandato na Presidência da República, Lula não foge à regra. O presidente insiste na fantasiosa ideia de que o Brasil é um protagonista global enquanto o país, sob sua gestão, vê contestada até a sua histórica posição de líder regional. Lula também festeja um crescimento de 3% ao ano como sinal de que o governo está no caminho certo, mas mesmo integrantes do Ministério da Fazenda alegam que a expansão do PIB terá sempre um teto baixo, o famoso voo de galinha, enquanto a responsabilidade fiscal não for levada a sério. Na área ambiental, a situação não é diferente. Em reunião com representantes dos Três Poderes para tratar da seca e dos incêndios, o presidente até admitiu que "a gente não estava 100% preparado" para lidar com a situação, mas preferiu reforçar a suspeita de que há uma atuação coordenada de criminosos para desgastar a sua administração, que teria uma "performance" ambiental reconhecida e elogiada no mundo inteiro. A cortina de fumaça também é da essência da política, assim como a arte de terceirizar responsabilidades.

Com o agravamento das queimadas, a Polícia Federal e as polícias estaduais passaram a dedicar mais atenção a investigações sobre a possibilidade de atos criminosos estarem por trás de incêndios, que já queimaram neste ano 234 000 quilômetros quadrados na Amazônia, no Pantanal e no Cerrado, área que supera a soma dos territórios de Portugal, Holanda e Bélgica. A apuração pela polícia é neces-

RICARDO STUCKERT/PR



INAÇÃO Reunião no Planalto: tentativa de apagar o incêndio interno com propostas óbvias para problemas complexos

sária, mas não pode desviar o foco de uma questão central: a falta de prevenção e de ações contundentes do poder público, que deixam claro que a prioridade ao meio ambiente só existe nos pronunciamentos oficiais. Diante da cúpula do Judiciário e do Legislativo, Lula situou os desastres climáticos como uma realidade mundial, declarou que a natureza resolveu colocar as garras de fora em reação à degradação provocada pela mão humana e, logo em seguida, apontou para a existência de uma "anormalidade", que teria ares de conspiração. "Algo me cheira oportunismo também de alguns setores tentando criar confusão neste país. O que que-

remos é autorização para fazer as investigações, porque, se as pessoas estiverem cometendo esse tipo de crime, a lei tem que ser exercida na sua plenitude", afirmou.

Repetindo roteiro adotado no caso das enchentes no Rio Grande do Sul, o presidente sobrevoou áreas atingidas pelo fogo na Amazônia e no Parque Nacional de Brasília. Foi uma forma de demonstrar preocupação com o tema e tentar conter danos de imagem. Segundo a mais recente pesquisa do Ipec, a avaliação do governo Lula continua estável, com 35% de "ótimo e bom" e 34% de "ruim e péssimo". Uma análise setor por setor revela que a desaprovação registrou o maior salto justamente no quesito meio ambiente. O total de "ruim e péssimo", que era de 33% em abril, passou para 44%, puxado principalmente pelos entrevistados das regiões Norte e Centro-Oeste, onde estão localizados a Amazônia e o Pantanal. Diante do desgaste, o presidente anunciou a liberação de pouco mais de 500 milhões de reais para o combate às queimadas e medidas destinadas a simplificar a liberação de recursos do chamado Fundo Amazônia, que recebe doações internacionais. A ordem é fazer o possível para apagar o incêndio — literal e metaforicamente.

Convidada a reassumir o Ministério do Meio Ambiente como prova do compromisso da gestão Lula com a área, Marina Silva ecoou o discurso do chefe de que há "terrorismo climático" no Brasil e reclamou na reunião da combinação entre secas extremas e "pessoas ateando fogo no futuro do país". Em rápida manifestação, elogiou o presidente, afir-


MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

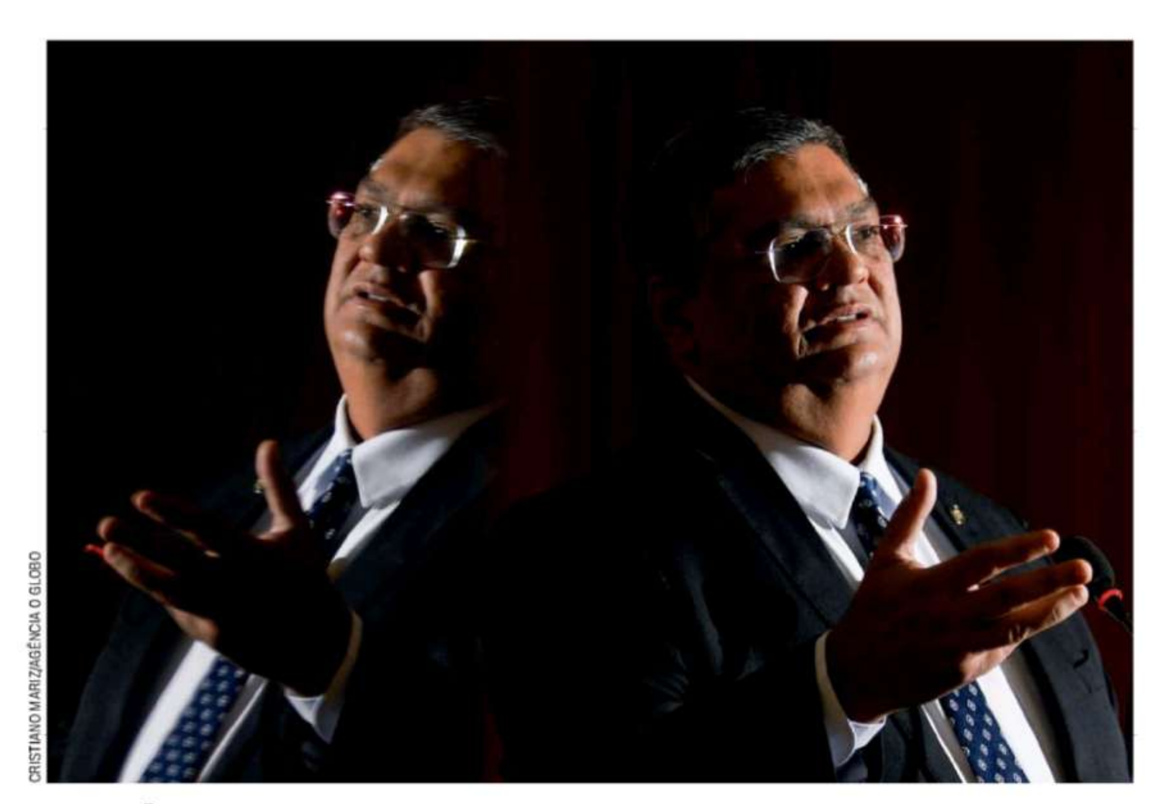
EMPECILHO Marina: a ministra tem muito prestígio — mas fora do governo

mando que ele recompôs o orçamento e uma série de atribuições da pasta. Marina ainda deu uma estocada no antecessor de Lula: "Não consigo imaginar o que seria de nós se tivéssemos ainda numa situação de completo desmonte da agenda ambiental brasileira". Jair Bolsonaro, o sujeito oculto dessa declaração, também abordou o tema, mas para registrar que, se ainda fosse o mandatário, não seria tratado com tamanha benevolência. "Quando é pela manutenção da democracia relativa, todo o sistema finge normalidade. Vamos culpar o Bozo e segue tudo inabalavelmente inabalável", postou numa rede social. Deixando de lado a fumaça do embate político, Marina ressaltou com cuidado o que o governo

ainda não fez e, aproveitando a oportunidade, pregou o que deve ser feito — de preferência, rapidamente.

Sob o olhar de Lula, a ministra defendeu a implantação de um plano de prevenção e combate a eventos climáticos severos, que está parado na Casa Civil. Se adotado, poderia ter, segundo ela, o mesmo efeito do plano de combate ao desmatamento, que teria reduzido esse indicador pela metade entre 2022 e 2023. Marina também mencionou a criação da Autoridade Climática, que funcionaria de forma autônoma e perseguiria objetivos específicos, como ocorre com o Banco Central. Na última campanha presidencial, Lula prometeu implantar a Autoridade Climática, mas a ideia foi abandonada porque nichos da burocracia não querem perder poder e também por enfrentar a resistência de setores do agronegócio influentes no Congresso. A seca e os incêndios, de certa forma, ajudaram Marina a retomar a pressão sobre o chefe e seus adversários internos na gestão petista. A ministra tem muito prestígio fora do Palácio do Planalto, mas na equipe de Lula exerce na prática um papel de coadjuvante e chega a ser vista como um empecilho a projetos de desenvolvimento, como a exploração de petróleo na foz do Amazonas, defendida pelo presidente e pelo ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira.

Como as autoridades públicas em geral têm dificuldade para admitir erros, um dos pontos centrais da reunião foi a necessidade de punir quem comete crime contra o meio ambiente. Uma das propostas é aumentar as penas previstas em lei. Em resposta, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco


CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO

VÁCUO Flávio Dino: as poucas ações práticas partiram do ministro do STF

(PSD-MG), recomendou que se evitasse "populismo" e afirmou que o problema, neste momento, não é legislativo. Bastaria cumprir a lei em vigor. Parece banal, mas não é. Em recente entrevista às Páginas Amarelas de VEJA, o presidente do Superior Tribunal de Justiça (STJ), Herman Benjamin, ressaltou que o crime ambiental compensa no Brasil, porque há sempre a perspectiva de anistia e porque o governo não toma atitudes que poderiam coibir os criminosos, como a suspensão de benefícios fiscais ou de empréstimos camaradas a pessoas físicas e empresas que desmatam ou tacam fogo nos diferentes biomas. "É um Estado teatral", definiu Benjamin. "O Judiciário é muito lento nas questões ambientais. O desmatamento

merece a mesma rapidez que hoje atribuímos a áreas como a violência doméstica", acrescentou, sobre a parte que lhe cabe.

Há outro ponto crucial a ser considerado. Qualquer iniciativa legislativa nessa seara tende a enfrentar resistência pesada na Câmara, onde os deputados têm demonstrado mais inclinação para atenuar do que para tornar rigorosa a legislação ambiental. O próprio presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), destacou que qualquer proposta precisa ser muito bem explicada para não ser interditada pelo debate ideológico e pela polarização. Ou seja: quase tudo concorre para a letargia na Praça dos Três Poderes. Atropelado pela crise ambiental, o governo não tinha nem plano de contingência nem recursos para reagir. Em meio a esse vácuo administrativo e à apatia de Executivo e Legislativo, o Supremo Tribunal Federal (STF) entrou em campo. Indicado ao STF por Lula, o ministro Flávio Dino determinou a convocação de mais bombeiros para combater os incêndios e deu um prazo de noventa dias para que o Planalto apresente um plano nacional de enfrentamento às queimadas para 2025. É melhor prevenir do que remediar, ensina a sabedoria popular tão negligenciada pelas autoridades.

Com a situação cada vez mais fora de controle, Dino também autorizou que os recursos liberados para debelar o fogo não sejam computados no cálculo da meta fiscal. Seguiu, assim, um entendimento firmado há meses pelo plenário do tribunal. "Não podemos negar o máximo e efetivo socorro a mais da metade do nosso território, suas respec-

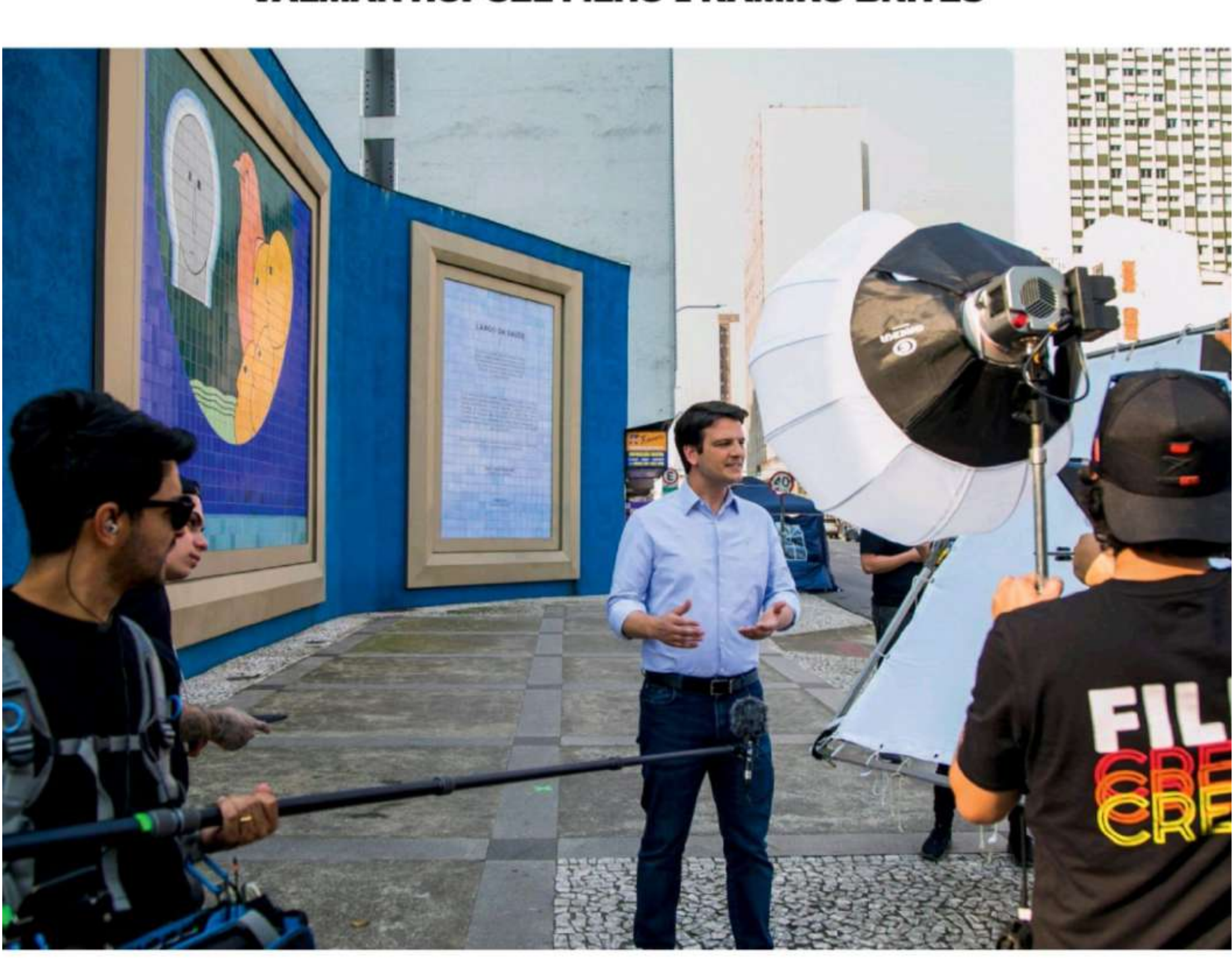
tivas populações e toda a flora e fauna da Amazônia e Pantanal, sob a justificativa de cumprimento de uma regra contábil não constante na Carta Magna, e sim do universo infraconstitucional." As decisões foram tomadas em uma ação protocolada pela Rede, partido da ministra Marina Silva, e fizeram a equipe de Lula finalmente se mexer. A VEJA, uma das principais autoridades envolvidas no caso, que pediu para não ser identificada, disse que o Ministério do Meio Ambiente até tem ideias, mas enfrenta uma dificuldade monumental para executá-las. Já os parlamentares estariam mais preocupados com seus interesses específicos, de emendas à sucessão no comando da Câmara.

Horas antes da reunião com representantes dos Três Poderes, o presidente participou de uma solenidade voltada para pequenos exportadores. Na ocasião, recomendou aos auxiliares que sempre falem com entusiasmo, porque só assim convencerão a sociedade da seriedade e das chances de sucesso de suas iniciativas. Para dar uma estocada bem-humorada no ministro da Fazenda, Fernando Haddad, Lula comparou a atuação do auxiliar à do vice-presidente, Geraldo Alckmin, conhecido pelo comedimento e o estilo sensaborão. "Toda a vez que o Haddad vai falar, eu falo: 'Haddad, você tem que passar entusiasmo'. Até o Alckmin passou entusiasmo hoje. Até o Alckmin", destacou o presidente. É uma boa dica, mas não resolve nada. Qualquer governo vive de apagar incêndios quando o entusiasmo dos discursos não é acompanhado de ações eficazes e previamente planejadas. ■

AINDA UM HORÁRIO NOBRE

Colocada em xeque após as redes sociais, a propaganda em rádio e TV mostra força e alavanca candidatos em capitais com disputas acirradas

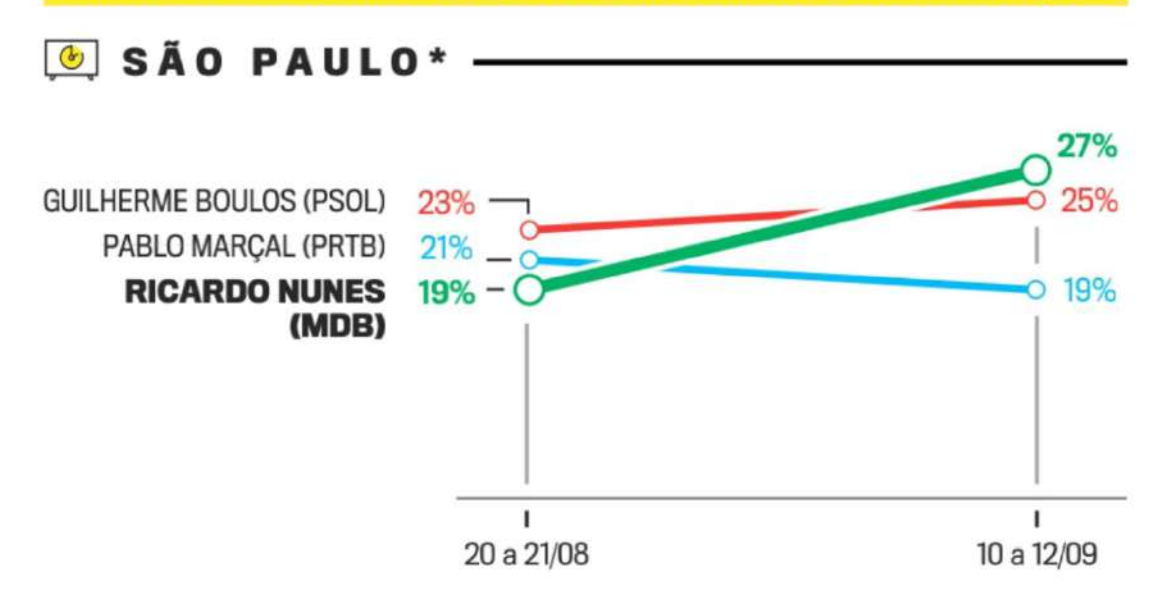
VALMAR HUPSEL FILHO E **RAMIRO BRITES**



HOLOFOTE Eduardo Pimentel grava inserção: alta de 17 pontos em três semanas fez dele o líder isolado em Curitiba

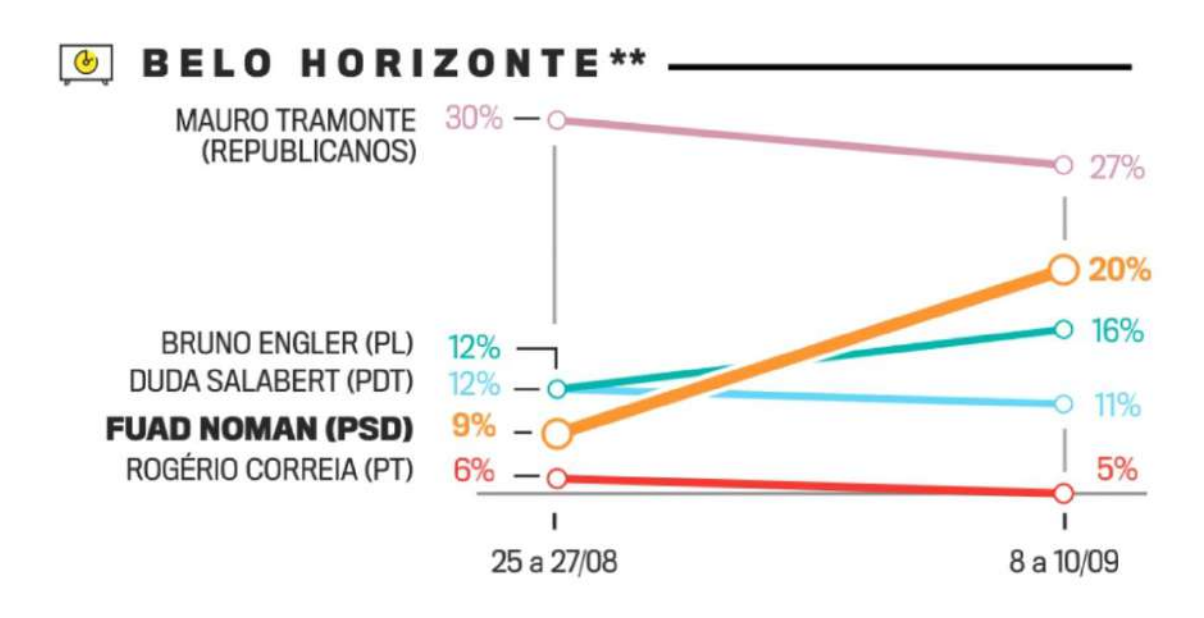
DIVULGAÇÃO

QUANDO Jair Bolsonaro chegou ao segundo turno de 2018 com apenas oito segundos no horário eleitoral e apoiado no Facebook e WhatsApp, deixando para trás candidatos com tempos muitos maiores de exposição, espalhou-se a impressão de que aquele pleito decretara o fim da era da propaganda em rádio e TV. Passados alguns anos, é possível dizer que a previsão sobre a morte do horário eleitoral foi um tanto quanto exagerada. Ele está vivo ainda e é arma importante nas campanhas, como mostra a atual corrida nas eleições municipais. Três semanas após o início das inserções, em 30 de agosto, candidatos

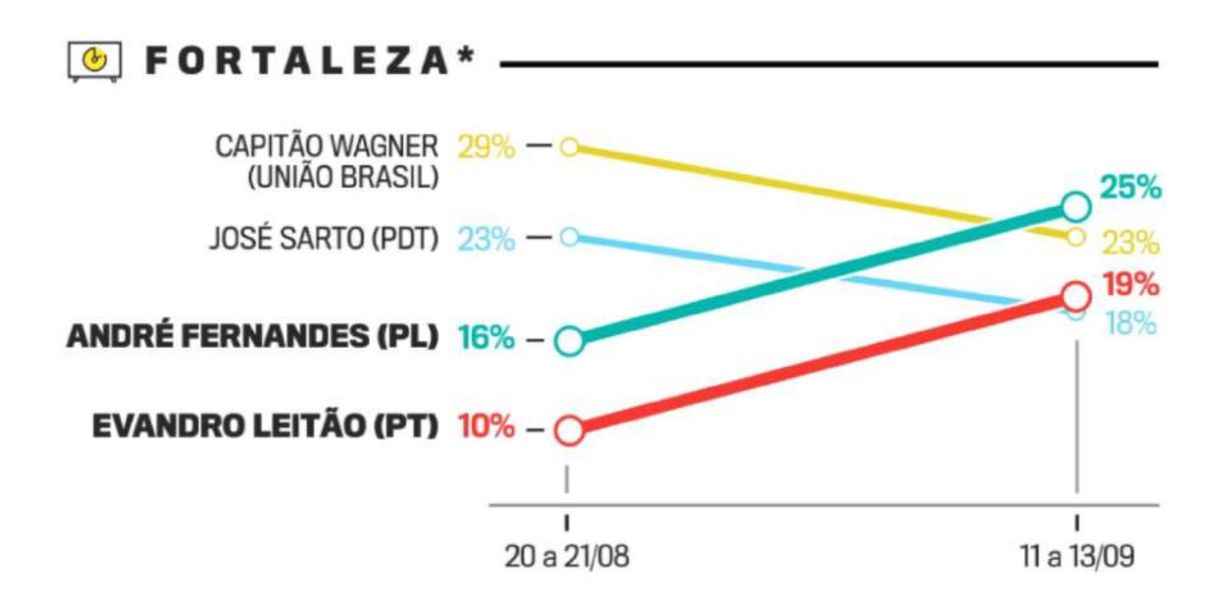


com os maiores tempos de grade nas capitais deram saltos significativos nas pesquisas de intenção de votos.

Um bom exemplo é o de Curitiba, onde havia um empate quádruplo até Eduardo Pimentel (PSD), dono de metade do tempo no rádio e na TV, subir 17 pontos e tornar-se o líder isolado da disputa *(veja o quadro)*. Fenômeno parecido ocorreu com o prefeito de Belo Horizonte, Fuad Noman (PSD), que diminuiu a distância para o líder Mauro Tramonte (Republicanos) de 21 pontos para 7. Em São Paulo, o prefeito Ricardo Nunes (MDB), que concorre a mais um mandato, ganhou terreno valioso nas pesquisas após o início da exposição na TV, onde tem 65% de todo o espaço. Situação semelhante viveu o prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo (MDB), que saiu do empate técnico com Maria do Rosário (PT) para uma vantagem de 17 pontos.

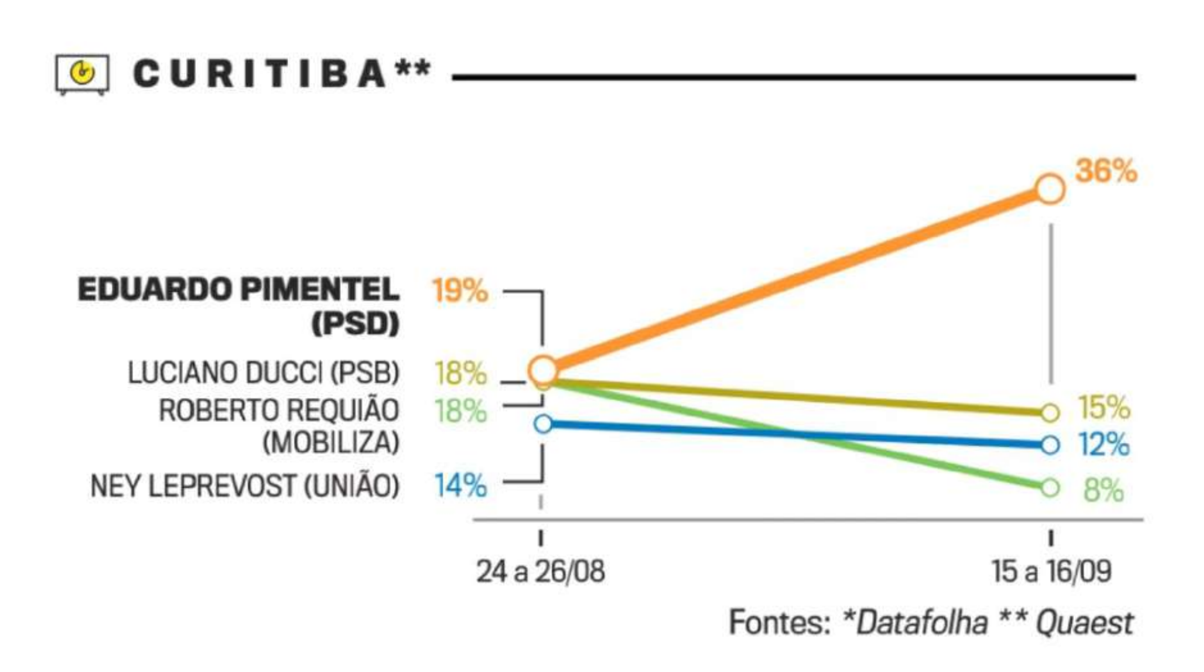


Embora cada eleição tenha sua peculiaridade, há explicações comuns para o fenômeno. Uma delas é que o espaço foi usado por prefeitos que estão no cargo, têm boas avaliações e apostaram em mostrar ao eleitor as realizações de seu mandato e os projetos em andamento — são os casos de Nunes, Melo e Noman. Outra explicação é que muitos candidatos puderam mostrar ao eleitor que estão conectados com governantes populares. Foi o que ocorreu com Pimentel, que mostrou já nos primeiros programas que é o vice do prefeito Rafael Greca (PSD) e foi secretário do governador Ratinho Junior (PSD), ambos com mais de 70% de aprovação de suas gestões. "A maioria da população não sabia quem era o candidato de Ratinho e Greca", diz João Debiasi, chefe de comunicação da campanha. Também foi o que fez Evandro Leitão (PT), candidato em Fortaleza apoiado pelo governador, Elmano de Freitas, pe-



lo ministro Camilo Santana e pelo presidente Lula — todos petistas — e com mais da metade da grade, sair do quarto lugar para um empate técnico na ponta. Em São Paulo, o governador Tarcísio de Freitas passou a ser figura constante no espaço de Nunes.

Há outras formas de a campanha no rádio e na TV impactar a disputa. Um efeito importante é despertar na população a constatação de que há uma eleição acontecendo. À medida que se deparam com as propagandas, os eleitores vão tomando consciência de quem são os candidatos e de que precisam decidir quem vão escolher na votação, a cada dia mais próxima — por isso, é comum diminuir a taxa de indecisos. Outra consequência é que ele geralmente dá rumo a uma candidatura. "É a espinha dorsal de uma campanha. Serve para passar o conceito ao eleitor, que é replicado por outras ferramentas com a devida adaptação





ALTA Noman, em estúdio: prefeito de Belo Horizonte dobrou intenções de voto

de linguagem", diz Sidônio Palmeira, marqueteiro da campanha vitoriosa de Lula em 2022.

A sobrevivência política do rádio e da TV não significa que as redes sociais tenham flopado. Elas são cada vez mais importantes e, apesar das restrições impostas pela legislação (como o cerco aos disparos em massa), ainda geram fenômenos eleitorais, como o coach Pablo Marçal, em São Paulo. Diferentes, esses veículos irão coexistir por algum tempo. O eleitor de televisão é mais velho, mais frequente nas classes C e D, interage com o veículo de forma mais passiva e relaxada — por isso, é menos propenso a se interessar por brigas, linguagem de conflito ou violência. O rádio, que continua sendo um importante veículo de

massa, é consumido geralmente quando o usuário está fazendo outra coisa, na academia ou no trânsito, por exemplo, e tem linguagem diferente daquela da televisão, em alguns casos claramente inspirada nas redes sociais, com mensagens curtas, repetitivas e de impacto, para fixar a mensagem na cabeça do eleitor. Já a rede social tem interação mais proativa, que depende da ação do usuário e, por

QUATRO MOMENTOS HISTÓRICOS DO HORÁRIO ELEITORAL

Propaganda obrigatória no rádio e na TV começou em 1965



Em 1976, a ditadura militar impôs a **Lei Falcão,** que proibiu os candidatos de falarem — aparecia só a foto, o número e uma breve biografia. A medida foi uma reação à derrota nas eleições de 1974, quando o MDB usou o espaço para falar dos problemas do país, e durou até 1984

isso, é mais aberta à linguagem agressiva. Marqueteiro de Fuad Noman, Paulo Vasconcelos diz ser um erro tentar replicar na televisão a linguagem incisiva da internet. "O eleitor de TV não quer conflito, quer ver propostas, conhecer o candidato. Não é a janela para isso", entende.

Embora a avaliação geral seja a de que o eleitor é mais impactado pelas inserções durante o dia, porque o pega de surpresa, do que no espaço que interrompe a programação normal, a entrada dos políticos nas telas não tem reduzido a audiência — embora não seja possível mensurar se o eleitor deixou o aparelho ligado e direcionou sua atenção a outra coisa, como o celular. Pesquisas internas que balizam candidaturas



FIASCO

Com uma coligação de nove partidos, **Geraldo Alckmin** (então no PSDB) ocupava quase a metade da grade eleitoral, mas conseguiu apenas 4% dos votos e foi atropelado por Jair Bolsonaro, que tinha só oito segundos na TV e inovou, em 2018, ao apostar no Facebook e no WhatsApp

na eleição paulistana apontam que o horário político alcançou 900 000 pessoas simultaneamente em cinco emissoras abertas na cidade na noite de segunda 16. O certo é que do "porta a porta" com eleitores aos cortes impulsionados nas plataformas digitais, passando por TV e rádio, nada se descarta quando o objetivo é ganhar as eleições. "Ainda vou continuar entregando panfletinhos impressos por muito tempo", brinca Rodrigo Mendes, marqueteiro de Mauro Tramonte.

Criado na ditadura, em 1965, o horário eleitoral sobrevive, apesar de nunca ter sido uma paixão nacional — pelo contrário, é fácil encontrar quem defenda o seu fim. Os Estados Unidos, por exemplo, não têm esse modelo — o can-



Na eleição de 1989, **Enéas Carneiro,** candidato a presidente pelo Prona, ficou célebre com o bordão "Meu nome é Enéas", que gritava no curto espaço de tempo que tinha. Pavimentou o caminho para 1994, quando ficou em terceiro lugar, atrás só de FHC e Lula, com mais de 7% dos votos

didato tem de comprar anúncios, como um cliente qualquer. Na Grã-Bretanha e na França, ele existe e tem o seu tempo dividido igualmente entre os candidatos — no Brasil, a distribuição é feita de acordo com a representação no Congresso. Embora seja chamado de "horário eleitoral gratuito", ele custa ao cidadão: a Receita Federal estima que irá abrir mão de 600 milhões de reais este ano em renúncia fiscal como compensação às emissoras pelo espaço. Com custo tão alto, é bom que seja usado ao menos para ajudar o país a discutir seus problemas com seriedade. Não dá para desperdiçar um horário nobre com uma programação de qualidade duvidosa. ■



Dono do menor tempo possível na propaganda (só um segundo), **Amom Mandel** (Cidadania), então vereador de Manaus, usou o espaço para dizer apenas "beba água" — teve 288 000 votos e, em 2022, tornou-se proporcionalmente o deputado federal mais votado da história do Brasil



CRISTOVAM BUARQUE

"A INFÂNCIA É NOSSA"

Que tal tratar a educação como se fez na defesa do petróleo?

NA DISCUSSÃO da Lei Áurea, em 1888, houve quem defendesse a ideia de abolir a escravidão em cada município que desejasse replicar o feito da cidade hoje chamada de Redenção, no Ceará, em 1884 - e não de modo nacional. Se essa ideia tivesse prevalecido, a escravidão provavelmente teria sobrevivido por décadas. Felizmente, o Império tratou a questão com um olhar para todo o país, de modo equânime. Na educação, porém, a República trata o país como soma de municípios, cada um cuidando de suas crianças de acordo com a vontade de prefeitos e a disponibilidade de recursos. Essa divisão deixou nossa educação entre as piores do mundo e certamente a mais desigual.

Os políticos e muitos educadores recomendam que a má qualidade e a desigualdade na educação de base sejam enfrentadas copiando, nos municípios que desejarem e tiverem recursos, as boas e ainda modestas experiências locais. Em 135 anos de República, nenhum presidente assumiu responsabilidade com a educação de base, sempre deixada para ca-

da família e cada alcaide, desiguais na renda e na vontade política local, sem estratégia de longo prazo nem recursos federais. Quando se trata de vacina, energia, aeroportos, estradas, universidades e formação profissional, o Brasil é a unidade e os municípios são as partes. Quando se trata do ensino fundamental, a unidade tem sido o município. O Ministério da Educação cuida apenas do ensino superior e de raríssimas escolas federais.

Para nossas escolas terem a qualidade das melhores do mundo, seria preciso rever a visão da infância partida pelas unidades municipais. O caminho: tratar a infância como patrimônio nacional e principal vetor do progresso, substituindo as escolas municipais por escolas com padrão federal em todo o território nacional.

Há quase 100 anos, a campanha O Petróleo É Nosso tratou o recurso energético como nacional. Nunca houve o lema

"O caminho seria substituir as escolas municipais por escolas com padrão federal em todo o país"

"A infância é nossa" para cuidar das crianças onde elas vivem. É ideia recusada por políticos e educadores tanto quanto foi a abolição ao longo de mais de 350 anos, desde o início do tráfico de escravos.

Não se aceita debater a ideia de nacionalização da responsabilidade com nossas crianças nem a consequente federalização da educação, livrando-a dos limites de renda da família e dos constrangimentos municipais. Argumenta-se que o Brasil é grande e diverso, na mesma lógica dos abolicionistas municipalistas em 1888. Esses, até com mais razão, porque economicamente a escravidão era mais necessária em alguns do que em outros municípios, mas a deseducação de cada criança gera um prejuízo nacional, não importa a cidade onde viva.

Um estudo de 2011 feito pelo Senado estimou que as escolas federais — técnicas, colégios militares, institutos de aplicação, Colégio Pedro II — colocariam a educação do Brasil entre as quinze melhores do mundo. A federalização da educação não se faria por um ato ou lei, mas por uma estratégia pela qual o governo federal espalharia as escolas, assumindo paulatinamente a responsabilidade sobre os sistemas municipais, até construir-se um sistema escolar nacional, com descentralização gerencial e liberdade pedagógica, mas com um padrão federal de qualidade.

O primeiro passo dessa estratégia, reafirme-se com insistência, é o Brasil gritar "A infância é nossa" e tratar nossas crianças como há quase 100 anos tratamos o petróleo. ■

TERROR ELEITORAL

A atuação das facções criminosas durante a atual campanha política ganha escala nacional e mobiliza polícia, Justiça e Ministério Público no combate ao problema **BRUNO CANIATO**



REPETIÇÃO Homens do Exército no Rio de Janeiro: a exemplo do que ocorreu em 2022, estado pediu reforço

FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL

HÁ ALGUM TEMPO já se acompanha com preocupação a ousadia de facções criminosas em localidades conflagradas do Rio de Janeiro, que impõem restrições ao ir e vir de cidadãos e candidatos em época de eleições, além do apoio aberto a políticos comprometidos em sustentar o establishment criminoso que se formou no estado. Nos últimos tempos, no entanto, cresce a preocupação das autoridades com o espraiamento desse tipo de prática mafiosa pelo país. Embora o entrelaçamento de quadrilhas com o poder público seja conhecido, inclusive com a operação de empresas de fachada que lavam dinheiro em vultosos contratos com o estado, o alerta do momento é com os relatos cada vez mais comuns de impedimentos, pelo terror, de um fundamento básico em uma democracia: o direito do eleitor de votar em quem quiser e a prerrogativa dos políticos de levar a sua mensagem a qualquer recanto do país.

Um bom exemplo da escalada nacional do problema veio de João Pessoa. A suposta influência de organizações criminosas no processo eleitoral conseguiu unir candidatos ideologicamente antagônicos, como Luciano Cartaxo (PT) e o ex-ministro da Saúde Marcelo Queiroga (PL), além de Ruy Carneiro (Podemos), em um apelo conjunto ao Tribunal Regional Eleitoral pela requisição de tropas federais para garantir a lisura da eleição. O pedido traz relatos da atuação de bandidos, como um envolvendo uma menina cadeirante de 9 anos de idade, cuja família teria sido ameaçada por gangues de despejo caso ela gravasse uma peça eleitoral. Há também o caso de um dono de circo que cancelou um evento eleitoral que reali-


AGÊNCIA ENQUADRAR/FOLHAPRESS

NA MIRA Cícero Lucena, prefeito de João Pessoa: filha foi alvo da PF

zaria em seu espaço por ordens de criminosos. Os adversários acusam o prefeito Cícero Lucena (PP), favorito nas pesquisas, de ter contratado facções para impedir atos de campanha de rivais e intimidar eleitores em territórios controlados pelo crime. O prefeito nega, mas o caso segue tendo desdobramentos. Na semana passada, a secretária-executiva de Saúde, Janine Lucena, filha do político, foi um dos alvos de uma operação da PF por suspeita de negociar apoio eleitoral da facção Nova Okaida, que controla o narcotráfico no estado, em troca de cargos na gestão municipal. Na quinta-feira 19, a vereadora Raíssa Lacerda (PSB), aliada da família Lucena, foi presa pela PF por suspeita de integrar o esquema.

A situação é ainda mais dramática no Acre, que faz fronteira com Peru e Bolívia e vive confrontos cotidianos entre facções ligadas ao tráfico internacional de cocaína. Ali, o re-



STEVEN ELLISON/DIVULGAÇÃO

AJUDA Cartaxo, Carneiro e Queiroga: tropas federais na capital da Paraíba

ceio é que a população tenha medo de sair de casa para votar. A Justiça solicitou o envio de tropas federais a oito das nove zonas eleitorais, para evitar baixo comparecimento às urnas. "A estrutura e o quantitativo de policiais têm se mostrado insuficientes à manutenção da ordem no dia da eleição, frente ao quadro volumoso de instalação de facções criminosas em nosso estado", escreve o juiz Fábio Alexandre Costa de Farias. No Ceará, está em andamento uma operação da Polícia Civil que investiga a atuação de falanges para ameaçar candidatos em Fortaleza, Sobral e dois outros municípios. O agravamento da crise fez o TRE criar o Comitê de Enfrentamento à Influência da Criminalidade Organizada nas Eleições, iniciativa pioneira no país. O Rio de Janeiro pediu o envio de tropas federais para a eleição deste ano, a exemplo do que já havia ocorrido em 2022. Além disso, o TRE mudou o endereço de

mais de 400 locais de votação em dez cidades, para tirar o processo eleitoral das regiões mais dominadas pelo tráfico.

O problema vem mobilizando as autoridades federais. Na última semana, a Procuradoria-Geral Eleitoral (PGE), órgão ligado ao Ministério Público Federal, emitiu diretrizes pedindo o compartilhamento de informações dos procuradores com o Ministério da Justiça, Abin e PF, além de promotorias estaduais. “O assédio eleitoral por facções tem se revelado uma realidade em todo o país”, avalia Nathalia Mariel, procuradora da PGE. Segundo ela, o poder público está investindo em ferramentas para “responder com rapidez às denúncias” e “fortalecer um plano nacional de enfrentamento a essas ameaças à democracia”.

A intimidação eleitoral é mais um preocupante sinal da ascensão das facções nas últimas décadas, embalada pelo dinheiro da cocaína e pela pusilanimidade do poder público. Estudo do Fórum Brasileiro de Segurança Pública mapeou 72 grupos atuantes no país. “As autoridades apostam, essencialmente, nas operações policiais localizadas nos territórios das facções, mas faltam ações integradas de inteligência para rastrear e sufocar as fontes de financiamento do crime organizado”, diz Carolina Ricardo, diretora-executiva do Instituto Sou da Paz. A infiltração dos bandidos na política, que ocorre numa escala inédita nas eleições, transforma o combate a essa situação em caso urgente não apenas de segurança, mas também de defesa da democracia. Em que pesem os esforços em andamento, eles são ainda medidas paliativas para mitigar danos em uma guerra que as instituições vêm perdendo já há algum tempo. ■

UM ALIADO INCÔMODO

André Janones é indiciado pela PF por esquema de rachadinha no gabinete e vira um problema para a esquerda que ele ajudou a levar ao poder em 2022

ISABELLA ALONSO PANHO



NA DEFENSIVA O parlamentar na Câmara: bravata sobre inocência virou um silêncio constrangedor após investigação

MARIO AGRA/CÂMARA DOS DEPUTADOS

A BARULHENTA greve dos caminhoneiros de 2018 teve como um de seus protagonistas um jovem advogado de Minas Gerais, ex-cobrador de ônibus, que viralizou nas redes sociais ao fazer vídeos da paralisação, defendendo o movimento e atacando o então presidente Michel Temer. A atuação transformou André Janones em um fenômeno das redes sociais — tem 11 milhões de seguidores — e o levou à Câmara dos Deputados, com 178 660 votos, número expressivo para uma estreia em cargo eletivo. Filiado ao PT por dez anos, migrou para o Avante e, embora tivesse sido eleito com o discurso de não ser nem de esquerda nem de direita, alinhou-se com a oposição a Jair Bolsonaro. Em 2022, lançou-se pré-candidato à Presidência da República e chegou a pontuar nas pesquisas acima de políticos como João Doria e Eduardo Leite. Desistiu, abraçou Lula e se engajou como um dos maiores guerrilheiros digitais da campanha, travando a guerra suja com o bolsonarismo na internet. Sua importância foi tamanha que chegou a ser cogitado para ministro da Secretaria de Comunicação Social (Secom).

A queda foi tão rápida quanto a ascensão, sendo que o mais recente capítulo da derrocada do parlamentar veio por conta da Polícia Federal, que o apontou como cérebro de um esquema de rachadinha no seu gabinete. As evidências contra Janones levantadas pela PF são muitas. O deputado foi indiciado pelos crimes de associação criminosa, peculato e corrupção passiva. Dois ex-assessores, Alisson Alves Camargos e Mário Celestino da Silva Júnior, também tiveram responsabilidades apontadas.

AS CONCLUSÕES DA POLÍCIA

Leia trechos do indiciamento do deputado federal

p. 6

De imediato, chamou a atenção da equipe policial o fato de ***MÁRIO*** **possuir gastos no cartão de crédito consideravelmente superiores aos seus rendimentos**. Enquanto liquidou, entre 2019 a 2023, pagamentos no cartão de crédito na ordem de **R$ 1.169.592,61**, as suas remunerações alcançaram, no período, apenas o montante de **R$ 940.190,06**.

Ao que tudo indica, o único objetivo de ***MÁRIO*** ao emitir o cartão adicional era o de repassar parte da sua remuneração para o parlamentar. Afinal, o cartão principal, de sua titularidade, somente veio a ser utilizado aproximadamente 04 anos após sua obtenção.[11] Enquanto isso, o adicional, em nome do **Deputado Federal *ANDRÉ JANONES***,

Não fosse o bastante para cravar que o **Deputado Federal *ANDRÉ JANONES*** era quem realmente utilizava o cartão, a equipe policial ainda notou que tais gastos geralmente eram feitos em Brasília/DF em Ituiutaba/MG, cidades estritamente vinculadas ao parlamentar.

p. 25

No que concerne a ***ALISSON***, a equipe investigativa se deparou com indícios da perpetração da tipologia de *"rachadinha"* mais comum: saques em espécie após o crédito salarial. Foi revelado o seguinte padrão comportamental de ***ALISSON*** que se encaixa perfeitamente na hipótese investigativa:

p. 29

O **Deputado Federal *ANDRÉ JANONES*** é o eixo central em torno do qual toda a engrenagem criminosa gira. A investigação expôs a ilicitude de seus atos em todas as etapas, desde o início até o desfecho.

Segundo a investigação, a rachadinha de Janones era organizada em duas frentes operacionais. Em uma delas, Silva Júnior teria emitido um cartão de crédito adicional em nome do chefe e pagava as faturas com parte de seu salário. "O único objetivo era repassar parte de sua remuneração para o parlamentar", diz trecho do relatório *(veja o documento acima)*. A

outra frente, utilizada por Camargos, era mais tradicional: ele teria feito sucessivos saques de 1 500 reais em espécie, logo que seu salário caía na conta, o que a PF chamou de "padrão comportamental" típico das rachadinhas.

Do começo do primeiro mandato de Janones na Câmara até meados de 2023, Silva Júnior pagou 1 169 592 reais em faturas de cartão de crédito, enquanto declarou 940 190 reais de renda. Segundo a polícia, os gastos coincidem com agendas de Janones e lugares em que o parlamentar esteve. Além disso, parte dessas despesas teria sido reembolsada pela Câmara. Semanas antes de Camargos começar os saques e meses antes de Silva Júnior emitir o cartão em nome de Janones, houve uma reunião na qual o deputado pediu aos assessores que devolvessem parte dos salários para custear despesas das eleições. A gravação, revelada em outubro de 2023, mostra que haveria, de um lado, a "coação" praticada pelo chefe e, de outro, os servidores entregando a ele parte de seus salários. Quando o caso veio à tona, Janones admitiu a autoria do áudio, abriu mão de seus sigilos e bateu no peito para afirmar a sua inocência.

A bravata murchou com o tempo. "André Janones é o eixo central em torno do qual toda a engrenagem criminosa gira", diz o delegado Roberto Santos Costa no relatório da PF. Por isso, hoje impera um constrangido silêncio, tanto da parte dele quanto de seus aliados na Câmara e no governo. Quem se arriscou a defendê-lo, ficou com a imagem manchada. Em junho, o Conselho de Ética desistiu de cassá-lo, acolhendo um parecer do deputado federal Guilherme Boulos (PSOL-

-SP), o que gera ao aliado sucessivas cobranças de seus adversários na campanha pela prefeitura de São Paulo.

Para o PT, em particular, o parceiro da última eleição transformou-se em um aliado incômodo. A oposição cobra, com insistência, declarações e atitudes tão veementes quando as da época em que o partido atacou as suspeitas de rachadinha do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). Sem muitos argumentos para defender Janones, parlamentares fogem hoje da imprensa quando se toca no nome do enrolado deputado. Procurado pela reportagem de VEJA para falar sobre o relatório da PF, Janones não retornou os pedidos de entrevista. O caso da rachadinha irá para a Procuradoria-Geral da República, que vai decidir se oferece denúncia ao Supremo Tribunal Federal. Apesar de a Corte nunca ter condenado ninguém por esse motivo e não existir jurisprudência sobre sua tipificação penal, vai ser difícil ignorar a fartura de provas colhidas pela Polícia Federal no curso dessa investigação. ■

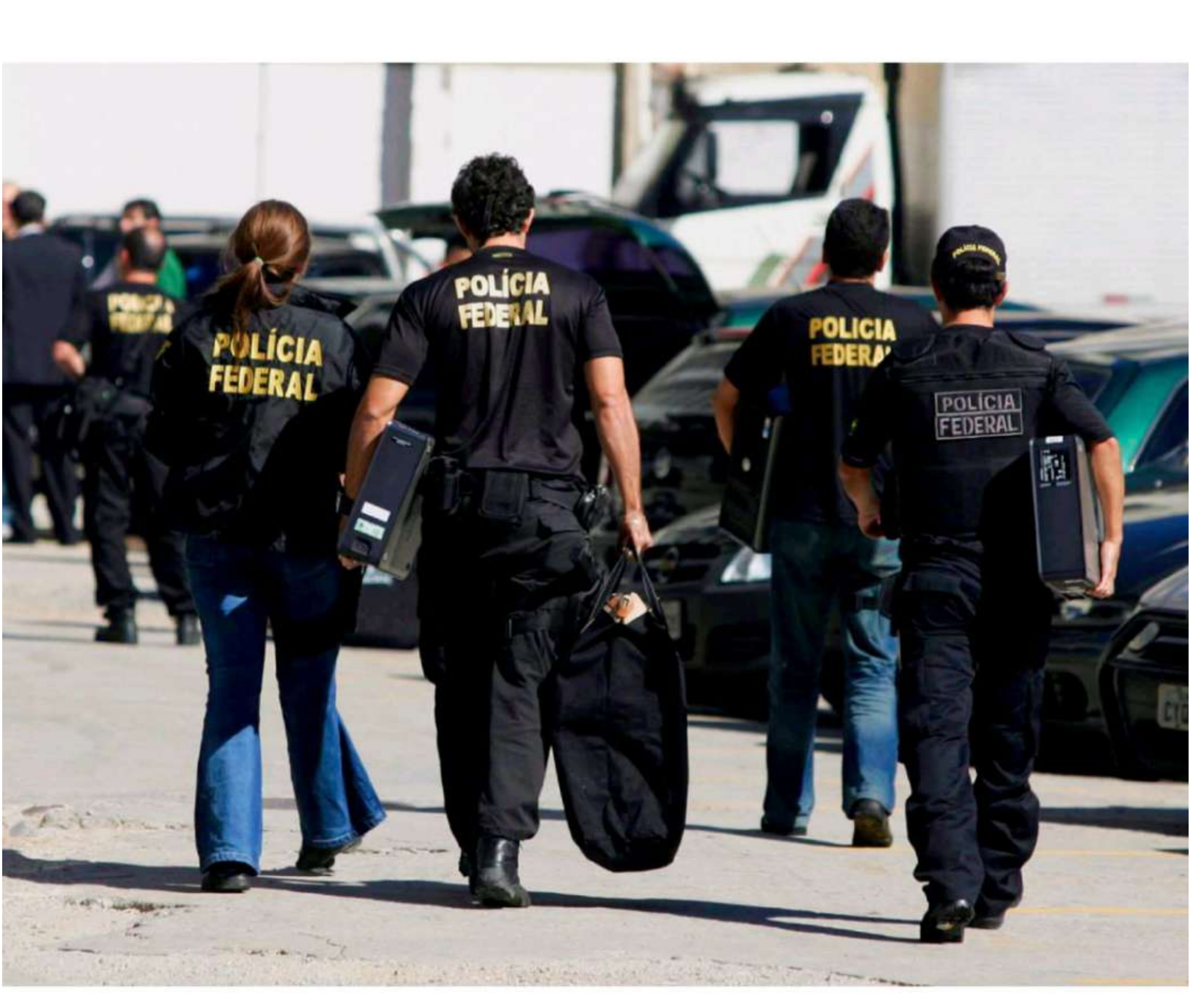


FACEBOOK @ANDREJANONES

OUTROS TEMPOS
Com Lula em 2022: parceiro estratégico, ajudou na guerra suja com a direita nas redes

SOB ENCOMENDA?

Operação contra o novo candidato à presidência da Câmara reacende suspeitas, dentro e fora do governo, de que algumas investigações da Polícia Federal se movem por uma bússola política **MARCELA MATTOS**



DESCONFIANÇA Polícia Federal: deputados e ministros que foram alvo de operações falam em "coincidências"

FÁBIO MOTTA/AGÊNCIA ESTADO

NA QUINTA-FEIRA da semana passada, a Polícia Federal cumpriu ordens de busca e apreensão em alguns endereços em Patos, cidade com cerca de 100 000 habitantes, no sertão da Paraíba. Os agentes vasculharam residências e escritórios e apreenderam computadores, celulares e cheques de empreiteiros locais com o objetivo de apurar um esquema de desvio de verba federal repassada à prefeitura. Até onde se sabe, há fortes indícios de que algo estranho aconteceu no município, diante da suspeita de que empresas foram favorecidas em licitações de cartas marcadas, além de superfaturamento de preços — uma ação aparentemente corriqueira, mas que repercutiu em Brasília por duas razões: a obra investigada foi abastecida com recursos enviados pelo deputado federal Hugo Motta, que é filho do prefeito de Patos. Ainda que as autoridades tenham ressaltado que nenhum dos dois é formalmente investigado, a incursão impulsionou uma especulação recorrente em alguns importantes gabinetes da capital: a coincidência entre certos fatos políticos e as operações da PF.

A investigação sobre os supostos desvios em Patos foi iniciada em 2022. Oito dias antes das buscas, Hugo Motta (Republicanos) havia sido apresentado como candidato à presidência da Câmara dos Deputados. A associação entre uma coisa e outra foi inevitável. Em nota, o parlamentar se limitou a informar que não era investigado e nem suspeito. Motta pertence ao Centrão, foi da base do então presidente Jair Bolsonaro, é um fiel escudeiro do atual presidente da Câmara, Arthur Lira, e, por tudo isso, está longe de compartilhar da



DOUGLAS GOMES/LID REPUBLICANOS

NO CONGRESSO Lira e Motta: ação pode minar credibilidade e candidatura

confiança e da simpatia do governo. A ação da PF foi interpretada pelos aliados do parlamentar como uma tentativa de minar a candidatura dele logo na largada. Por suas atribuições, é natural — e esperado — que a Polícia Federal incomode políticos, empresários e agentes públicos envolvidos em malfeitorias. No caso deste terceiro mandato de Lula, no entanto, o que vem gerando controvérsia e chamando atenção é o timing das operações. O caso envolvendo Hugo Motta se soma a outras coincidências registradas nesse período.

O próprio presidente da Câmara já reclamou formalmente de perseguição política. Conflituosa no início do governo, a relação entre ele e o Planalto atingiu o auge da tensão no fim de maio do ano passado. Deputados pressionavam por mais ministérios e cobravam a liberação de cargos e emendas prometidos, mas represados. Numa demonstração de força, o plenário ameaçou retaliar o governo. Dias depois, uma operação da Polícia Federal em Alagoas prendeu empresários e apreendeu dinheiro e documentos no curso de uma investigação que


KAYO SOUSA/MCOM

NO GOVERNO Juscelino e Rui Costa: disputas internas no centro da questão

havia começado em 2022. Um dos alvos foi um assessor que atuava como braço direito de Arthur Lira. Enfurecido, o parlamentar cobrou explicações do então ministro da Justiça, Flávio Dino, e do diretor-geral da Polícia Federal, Andrei Rodrigues — ambos, claro, negaram qualquer direcionamento. Os parlamentares costumam citar mais duas "coincidências" para as desconfianças: as operações que miraram o general Braga Netto e o deputado Alexandre Ramagem. Os dois foram alvos de mandados de busca ao anunciarem a intenção de concorrer à prefeitura do Rio de Janeiro.

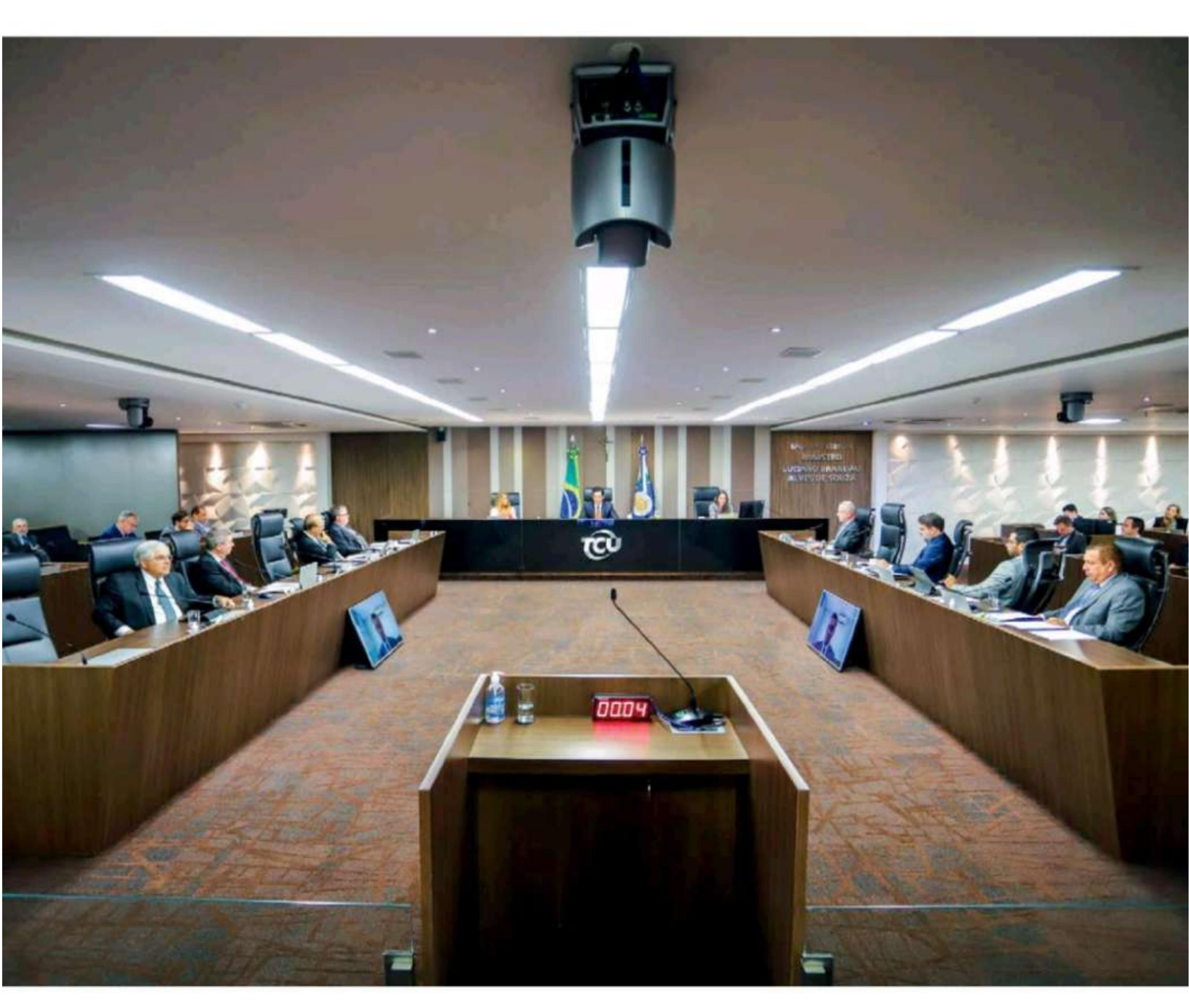
As suspeitas de que operações são orientadas por uma bússola política também existem entre ministros do próprio governo. Juscelino Filho, das Comunicações, já confidenciou a aliados que a disputa por espaço no Maranhão esteve por trás do seu indiciamento por corrupção, fraude em licitação e organização criminosa. Isso porque a ação contra ele foi desencadeada quando Flávio Dino ainda estava à frente do Ministério da Justiça, órgão ao qual a PF é subordinada. Dino e

Juscelino são notórios adversários no estado. O chefe da Casa Civil, Rui Costa, é outro que já se irritou com a PF. Ele viu as digitais do próprio chefe da corporação no avanço da investigação sobre a compra de respiradores durante a pandemia de covid-19 — os equipamentos foram pagos mas nunca entregues. Além dele, o ministro da Defesa, José Múcio, já chegou a relatar a Andrei Rodrigues o incômodo generalizado com a "coincidência" de algumas operações contra militares ocorrerem exatamente nos dias em que eram programados eventos festivos das Forças Armadas.

O atual diretor-geral da PF é um homem de confiança do presidente Lula — ele chefiou a segurança da campanha do petista em 2022. Há mais de vinte anos na polícia, Rodrigues já tinha comandado a segurança de Dilma Rousseff na campanha de 2010 e, em 2013, foi indicado pela então ministra da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, como chefe da Secretaria Extraordinária de Segurança para Grandes Eventos, responsável pelo aparato de segurança da Copa do Mundo em 2014 e da Olimpíada em 2016. Dentro da PF, as críticas às operações são conhecidas e até esperadas, dada a delicadeza de determinados inquéritos e a importância e influência de certos personagens. "Todas as nossas investigações são calcadas na autonomia da equipe, na qualidade da prova e na responsabilidade. Não há, e as datas e os fatos comprovam isso, nenhuma ação da Polícia Federal que tenha viés ou relação com qualquer fato político", disse a VEJA o diretor-geral. Sobram apenas coincidências. ■

SINÔNIMO DE PODER

A cobiça por uma vaga de ministro no Tribunal de Contas da União mobiliza o governo e o Congresso e entra no rol das disputadas negociações políticas **LARYSSA BORGES**



PRERROGATIVAS Plenário do TCU: ministro pode paralisar obras, desfazer licitações e fustigar autoridades

SAMUEL FIGUEIRA/TCUOFICIAL

EM 2018, o estado de Roraima ingressou com uma ação na Justiça solicitando ao governo federal o ressarcimento das despesas que teve com o acolhimento dos refugiados venezuelanos que cruzaram a fronteira, fugindo da ditadura de Nicolás Maduro. Consultados, os técnicos do Tribunal de Contas da União (TCU) fixaram o valor da indenização em 40 milhões de reais. Quando o processo foi ao plenário, o ministro Jhonatan de Jesus concluiu, com base em cálculos próprios, que o valor deveria ser quase cinco vezes maior, ou seja, aproximadamente 200 milhões de reais. A tese do ministro, deputado federal por Roraima até o ano passado, foi vencida, mas é um exemplo do poder de interferência em diversas áreas que a Corte vem acumulando nos últimos tempos — na verdade, um pequeno exemplo. A caneta de um ministro do TCU pode paralisar obras de infraestrutura, interromper negócios, desfazer licitações, fustigar autoridades públicas e privadas e até inviabilizar carreiras políticas — desde a do prefeito de um município do interior do país à do presidente da República. Por conta disso, os olhos da política — e dos políticos principalmente — estão atentos ao calendário.

Criado para auxiliar o Congresso a acompanhar e fiscalizar os gastos públicos, o TCU é composto por nove ministros, três deles indicados pela Câmara dos Deputados, três pelo Senado, um pelo presidente da República, um pelo Ministério Público e um oriundo do corpo de auditores. Ex-deputados federais, como Jhonatan, Aroldo Cedraz e Augusto Nardes, completam 75 anos de idade entre 2026 e 2027 e se-

rão obrigados a se aposentar. Nos bastidores, governo e congressistas já se movimentam para escolher ou, no mínimo, influenciar a escolha dos futuros ocupantes do cargo. Recentemente, o deputado Marcos Pereira (Republicanos) desistiu de disputar a presidência da Câmara. A decisão foi anunciada depois de ele ser consultado sobre a possibilidade de assumir a primeira vaga que surgir no tribunal. O parlamentar garante que a proposta nada teve a ver com a decisão, mas não descartou a hipótese de mais adiante considerar a oferta. Talvez por mera coincidência, surgiram rumores de que os

OLHO NO CALENDÁRIO

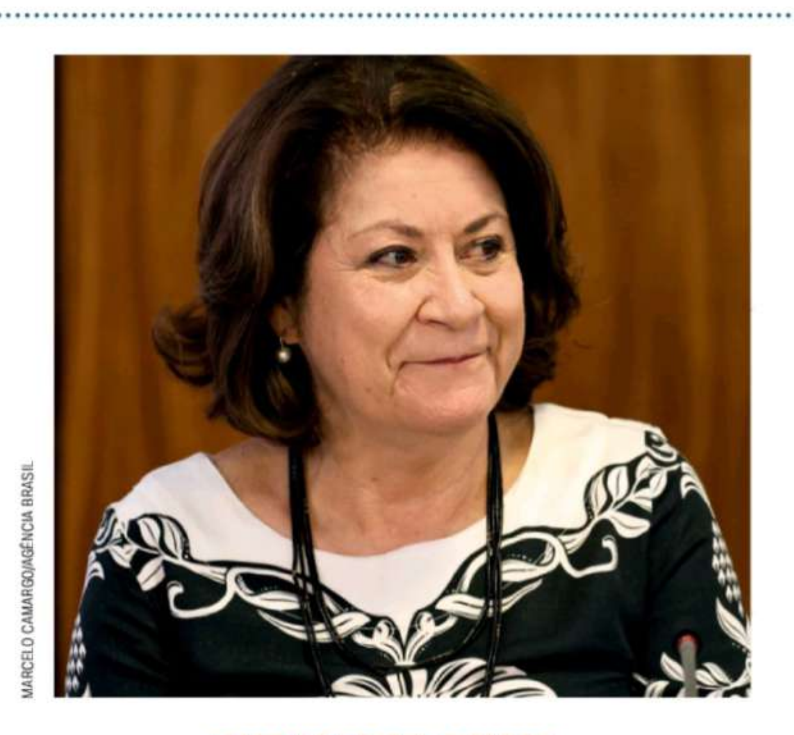
Em tese, apenas em 2026 será aberta uma vaga de ministro no TCU, mas já são intensas as negociações para preenchê-la


FLICKR/CÂMARA LEGISLATIVA DO BRASIL

MARCOS PEREIRA
O deputado desistiu de se candidatar à presidência da Câmara, mas garante que sua decisão nada teve a ver com a oferta para assumir o cargo de ministro

ministros Nardes e Cedraz estariam sendo convencidos a vestir o pijama mais cedo, no máximo até o fim do ano.

Considerado por muito tempo como um repositório de políticos à beira da aposentadoria, o TCU passou a ser alvo de cobiça a partir de 2016, quando um julgamento do tribunal forneceu argumentos jurídicos para que o Congresso levasse adiante o processo de impeachment contra a então presidente Dilma Rousseff. Empoderada desde então, a Corte tem ampliado seu raio de ação, o que multiplica o poder e a influência dos seus ministros. É função do TCU, entre ou-



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

MIRIAM BELCHIOR

O governo quer colocar uma pessoa de sua confiança na Corte e tem cogitado o nome da secretária-executiva da Casa Civil como alternativa técnica

tras coisas, julgar as contas de todos os presidentes da República, apontar candidatos ficha suja inaptos a disputar eleições e analisar ilegalidades no uso de dinheiro público pelo Executivo. No recente cabo de guerra sobre o pagamento de emendas parlamentares, coube ao TCU municiar o Supremo Tribunal Federal de informações sobre o potencial desvio de recursos por parte dos parlamentares. Além de Marcos Pereira, constam no rol de candidatos à vaga os deputados Hugo Leal (PSD-MG) e Soraya Santos (PL-RJ). "O Centrão, que já controla parte do governo, percebeu que pode



INSTAGRAM @ODAIRCUNHAMG

ODAIR CUNHA

O PT negocia apoio ao candidato do Centrão na disputa pela presidência da Câmara como contrapartida à indicação do líder do partido para o TCU

influir também na fiscalização, o que não é nada recomendável", avalia, sob reserva, um integrante da Corte.

O ministro Aroldo Cedraz hoje conduz as apurações sobre os gastos com cartões corporativos do governo Lula, enquanto Augusto Nardes é relator do processo que envolve Jair Bolsonaro com as joias recebidas de presente do governo saudita. Ambos já teriam sido sondados sobre a possibilidade de antecipar as respectivas aposentadorias. A indicação para as vagas dos dois cabe à Câmara dos Deputados. Em minoria no Congresso, o governo negocia um acordo para colocar no posto alguém de sua confiança em ao menos uma das cadeiras. O empenho aumentou nos últimos dias, especialmente depois que o tribunal anunciou que fará um pente-fino nas contas dos fundos de pensão, vespeiro que causa arrepios ao Planalto. Há muita preocupação sobre os caminhos que essa investigação pode tomar e as descobertas que podem emergir. Os governistas, por isso, tentam emplacar o nome do deputado Odair Cunha (PT-MG) ou o da secretária-executiva da Casa Civil, Miriam Belchior. Em troca da indicação de um petista, o partido apoiaria a candidatura do deputado Hugo Motta (Republicanos-PB), representante do Centrão, à presidência da Câmara. É uma operação política complicada e de difícil execução. Não deixa de ser revelador o cargo de ministro do Tribunal de Contas da União surgir no centro dessa negociação, que envolve apenas interesses políticos, pessoais e partidários. O interesse público, por enquanto, ainda não entrou na pauta. ■

PEDRO GIL

Com reportagem de Diego Gimenes
e Felipe Erlich





CAPTAÇÃO Franklin, CEO da Casas Bahia: dinheiro do mercado de capitais

REPRODUÇÃO

Crédito em alta

O Grupo Casas Bahia, que acabou de captar 300 milhões de reais com a gestora Red Asset para acelerar seu programa de crediário, pretende anunciar a cada trimestre uma nova captação com outros fundos. “Estamos indo ao mercado de capitais para não depender de bancos tradicionais”, diz **Renato Franklin,** presidente do grupo.

Passa amanhã

Em reestruturação operacional, a varejista, que vai focar em eletrodomésticos de linha branca, descarta a busca de oportunidades para fusões e aquisições, ao menos por enquanto. “Não faz parte da nossa agenda, mas existem, sim, ofertas”, afirma Franklin. “Marcas menores e regionais batem o tempo todo à nossa porta.”

No escuro

A Energisa suspendeu o fornecimento de energia elétrica de uma das fábricas da tecelagem Coteminas, dona das marcas Santista, Artex e MMartan, no estado na Paraíba. Segundo a distribuidora, a empresa de Josué Gomes teria atrasado uma fatura no valor de 147 000 reais após a aprovação de sua recuperação judicial.

Não decolou

O mercado se decepcionou com os 150 milhões de dólares que a americana Boeing pagou em indenização para a Embraer, após a tentativa frustrada de unir as duas companhias em 2018. Agentes financeiros esperavam algo em torno de 300 milhões de dólares.

Melhor que nada

Na Embraer, a avaliação é de que o valor pago ficou de bom tamanho. Executivos lembram que se trata de cifra relevante e que não estava sendo considerada nas estimativas da empresa. Segundo relatório do Itaú BBA, a Embraer gastou 241 milhões de dólares com burocracias para fazer o negócio, que afinal não saiu.

Quem compra?

A Prevent Senior busca interessados em sua operação no Rio de Janeiro, avaliada em 1 bilhão de reais. Por enquanto, não há negociações em andamento. Entre as operadoras de saúde, é difícil encontrar quem tenha bala para realizar a compra no curto prazo.

Não tem negócio

É sabido que a operadora Hapvida quer ampliar a pre-

sença no Rio de Janeiro e que busca terrenos para a construção de hospitais na capital fluminense. Na Prevent Senior, ninguém vê também potencial financeiro na MedSênior e na Leve Saúde, firmas apontadas pelo mercado como interessadas em comprar sua operação no Rio.

À luz do Sol

A fabricante de equipamentos eletrônicos Gradiente, recém-saída da recuperação judicial, passou a atuar no mercado de energia solar com a instalação de telhas especiais em residências. "Não quero acordar a concorrência, mas estamos vendendo bem", diz Eugênio Staub, dono da empresa.

Pedido da família

Com 83 anos, Staub está organizando um livro de memórias. "Meus filhos estão me pressionando, então tenho de fazer", afirma. Em 2006, a tradicional empresa de eletroeletrônicos chegou a faturar 1 bilhão de dólares. Staub não diz qual é a sua receita hoje, mas admite que passa longe dos bons tempos.

Bye-bye

O Consulado Americano emitiu em julho 106 000 vistos no Brasil, 35% mais em comparação com o mês anterior. No acumulado do ano, foram feitas 691 000 emissões, alta de 6% sobre o mesmo período de 2023. Os dados são da consultoria Viva América. ■

A FARTURA TEM SEUS RISCOS

Os índices de ocupação quebram recordes, o que melhora a vida das pessoas e impulsiona a economia — mas o movimento provoca escassez de mão de obra e pode acelerar a inflação

JULIANA ELIAS E **CAMILA BARROS**



ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA/AGÊNCIA O GLOBO

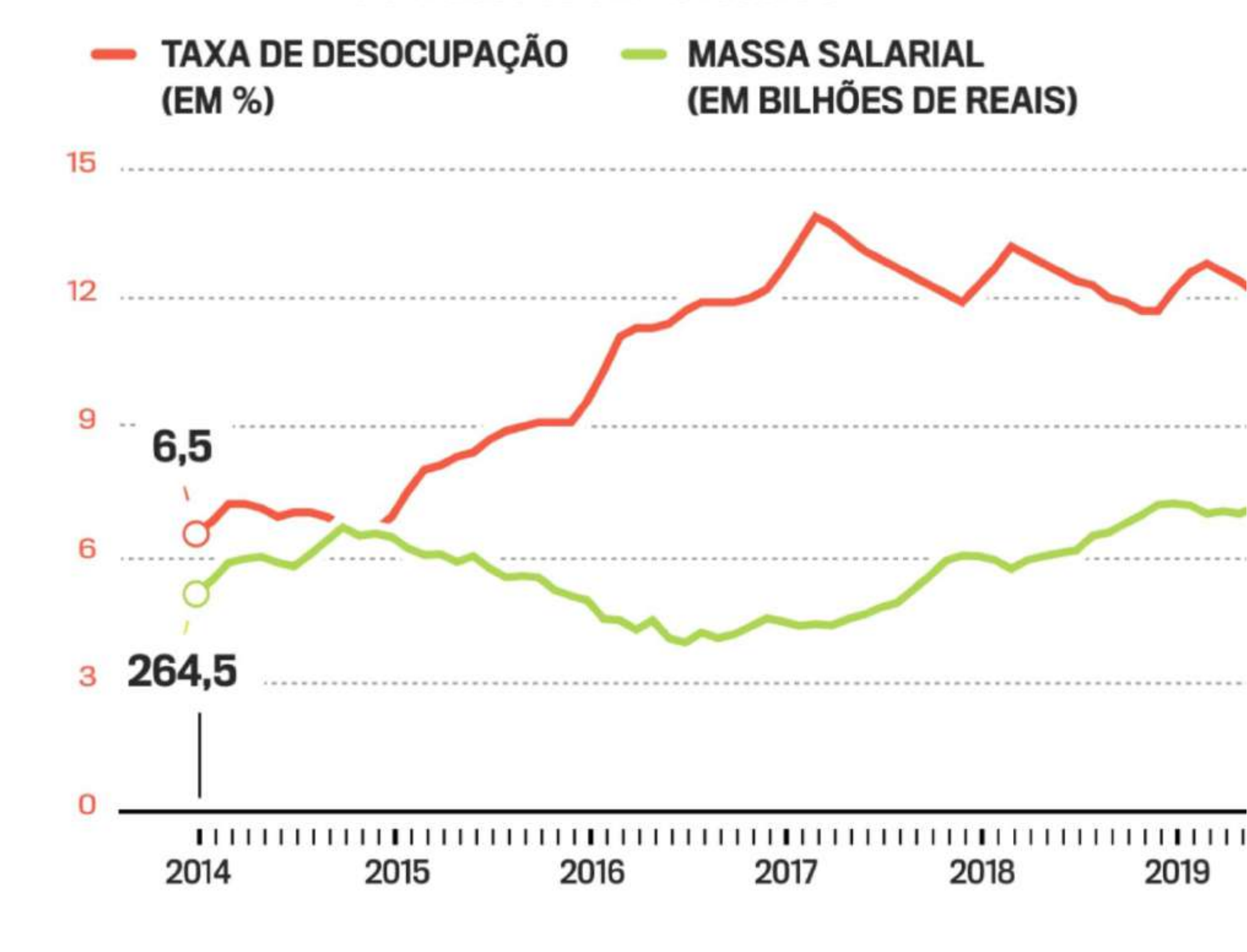
MARCA HISTÓRICA Trabalho em alta: número de pessoas com carteira assinada não para de crescer desde 2021

Muitas coisas melhoraram para José Lucilane da Silva, um ex-auxiliar administrativo de 52 anos, desde que conseguiu voltar a trabalhar, em 2022, após quase três anos de desemprego alternado com serviços em que ganhava pouco e não era registrado. Com o salário que recebe atualmente como auxiliar na cozinha de uma pizzaria em Botafogo, na Zona Sul do Rio de Janeiro, o morador da Rocinha consegue pagar sem sustos o aluguel da casa onde mora sozinho, ajudar a família com os gastos do mês e arcar com o curso de radioterapia que seu filho começou a fazer. Também comprou uma televisão e, nos aniversários, comemora por poder dar presentes para o filho e a mãe. "Só de colocar comida dentro de casa já é um êxito muito grande", diz Silva.

Ele é um dos 19 milhões de brasileiros que conseguiram se recolocar desde os piores momentos da pandemia, em 2020, e que colaboram, hoje em dia, para que o mercado de trabalho brasileiro ostente números superlativos, como há muito tempo não se via. A taxa de desemprego, que caiu a 6,8% em julho, está no menor nível desde 2014 e se aproxima — se já não passou — do chamado pleno emprego, uma situação virtual em que aqueles que restaram procurando trabalho são, em boa medida, um grupo transitório, com perfil diferente do que as vagas disponíveis requisitam. Como resultado da disputa crescente por profissionais, o salário médio também está nos maiores valores já registrados, e o número de pessoas com carteira assinada,

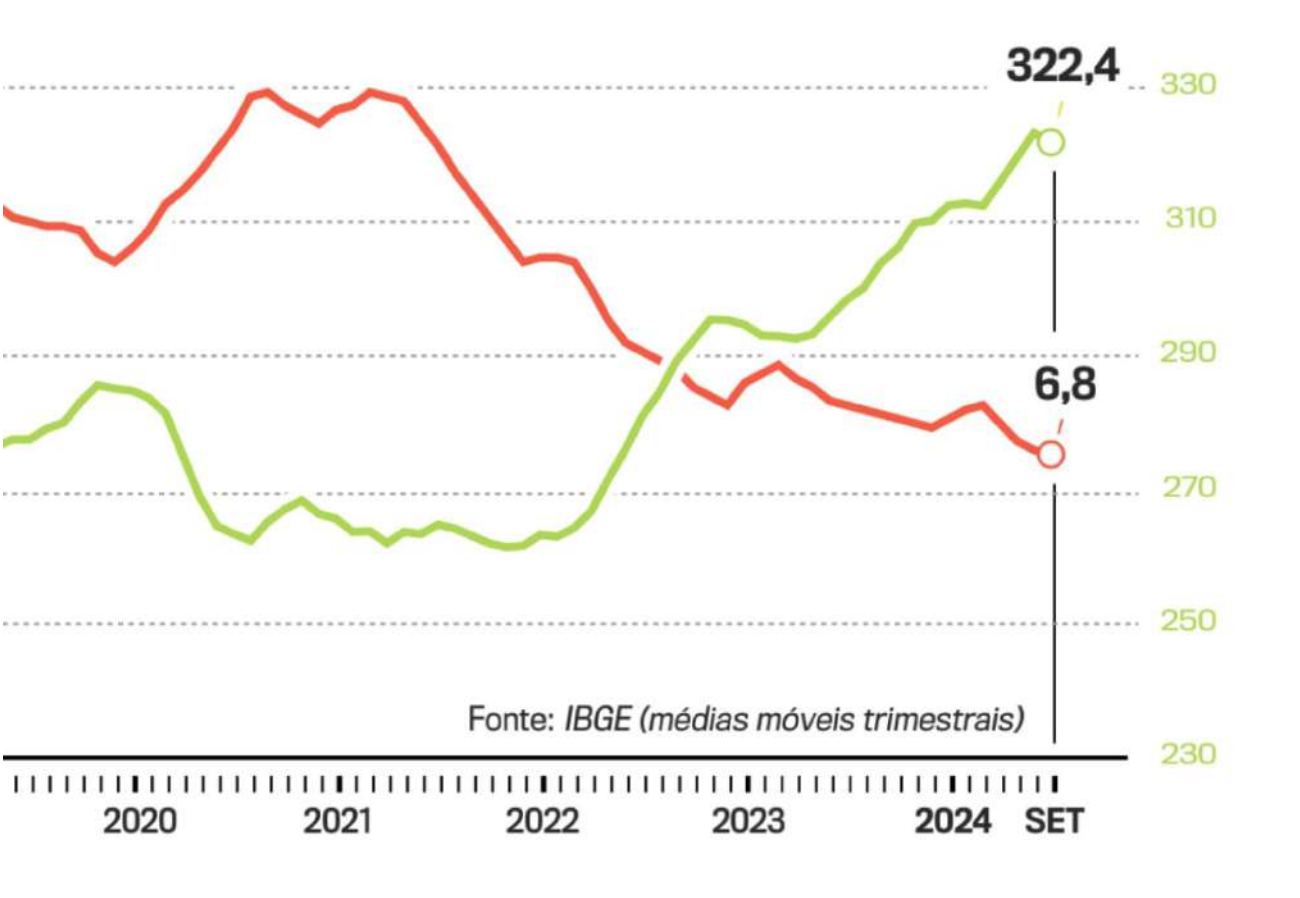
que não para de crescer desde 2021, é recorde, assim como também crescem os grupos daqueles que trabalham como autônomos, como empresários e até no setor público, conforme mostram os dados mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

As marcas confirmam um mercado de trabalho pujante e que já se recuperou com folga não só do choque da pandemia, quando a taxa de desemprego disparou para quase



15%, mas também da letargia em que ficou preso depois da dolorosa recessão de 2015 e 2016, nos anos Dilma Rousseff. Na próxima sexta-feira, 27, o IBGE atualiza os números referentes a agosto e não será surpresa se todos seguirem testando novos recordes. "O mercado de trabalho ainda deverá continuar forte e, em dezembro, quando cresce a contratação dos temporários, a taxa de desemprego pode cair a 6%", diz Bruno Imaizumi, economista da consultoria LCA.

Se confirmada a projeção, será o menor nível de desocupação observado desde, pelo menos, 2012, quando começou a série do IBGE. Para os trabalhadores, que vêm de uma década sofrida de desemprego alto, informalidade em disparada e salários minguantes, ser protagonista de um



Fonte: *IBGE (médias móveis trimestrais)*


MAIRA ERLICH/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

LOTAÇÃO Restaurante cheio em Camboriú (SC): o aumento do emprego e da renda estimula o consumo

mercado aquecido é ótimo. Para a economia também, já que os aumentos de renda causados por esse movimento convertem-se em consumo e crescimento. Não à toa, os resultados do produto interno bruto também vêm surpreendendo trimestre a trimestre, num ciclo em que mais pessoas trabalhando ajudam a economia a acelerar, enquanto o PIB em ascensão leva a mais postos de trabalho.

Para as empresas, porém, os resultados são mistos. Se, de um lado, as vendas crescem, de outro começa a ficar mais difícil encontrar um novo funcionário. E, a depender da intensidade desse desequilíbrio, essa pode ser apenas a receita para a próxima crise — trata-se exatamente da mesma combinação traumática que transformou o crescimento acelerado de 2010 na profunda recessão de 2015. "Estamos chegando ao limite da exaustão da nossa reserva de mão de obra e isso em algum momento gera inflação, principalmente com as baixas taxas de investimentos e de produtividade

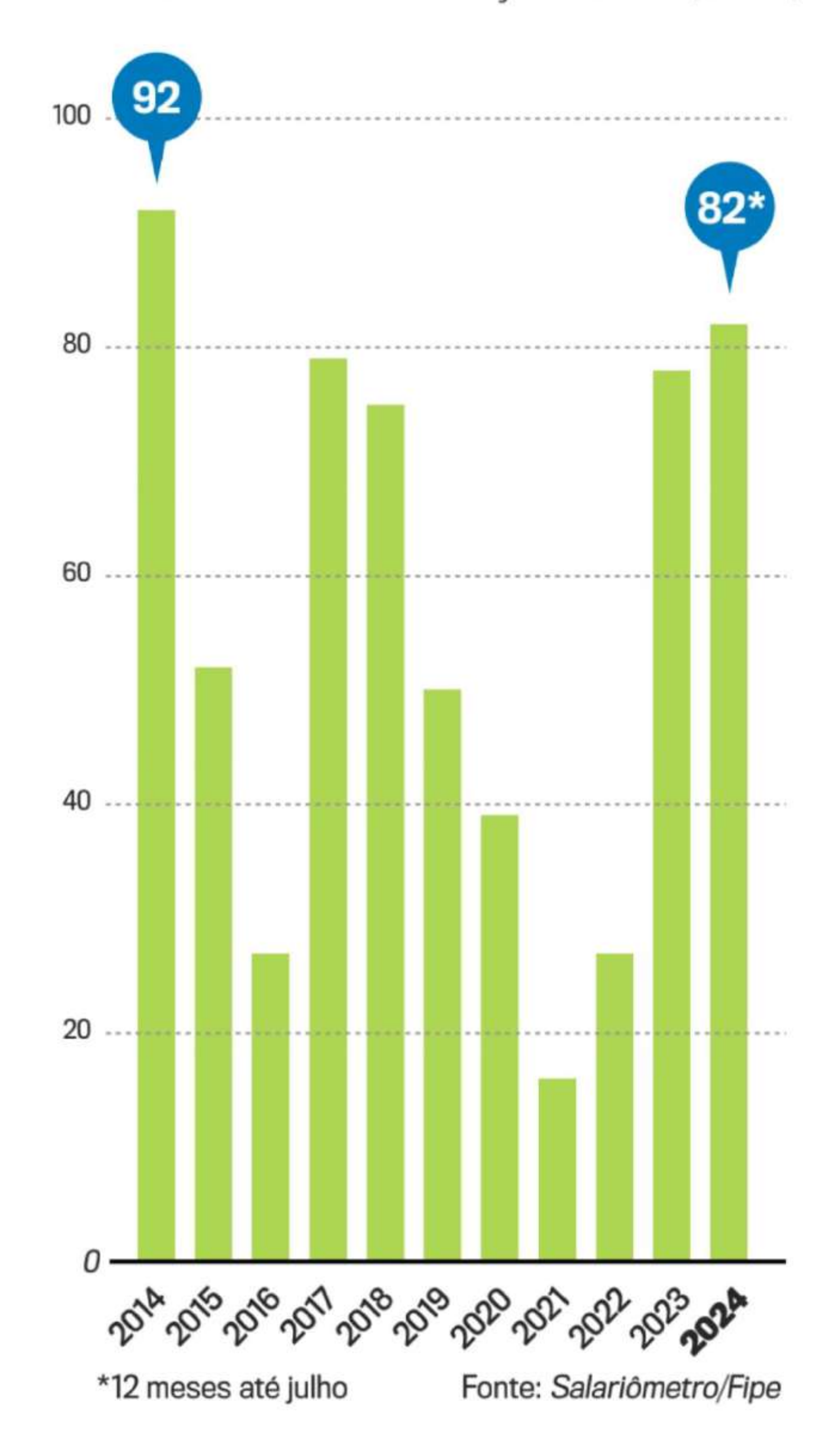
que temos no Brasil", diz Hélio Zylberstajn, professor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo. "Já vimos esse filme antes e não foi bom."

A pressão nos preços ocorre porque a esticada na renda e no consumo se dá com mais velocidade do que a indústria é capaz de responder com oferta de produtos, ou porque, simplesmente, os salários vão subindo e virando, eles próprios, um custo maior para a produção. Não à toa, os sinais de que isso já esteja acontecendo foram uma das justificativas dadas pelo Banco Central, na quarta-feira 18, para aumentar, pela primeira vez em dois anos, a taxa básica de juros, a Selic. "A atividade econômica e o mercado de trabalho têm apresentado dinamismo maior do que o esperado", destacou o BC em seu comunicado. "É raro ouvir que as empresas estão desligando seus funcionários ou fazendo corte de pessoal", diz Fernando Mantovani, diretor-geral da consultoria de recrutamento Robert Half, especializada na busca de candidatos com nível superior. "Elas têm receio de perder os profissionais, já que não está fácil achar no mercado."

Diversas estatísticas confirmam essa realidade. Nas sondagens empresariais feitas pela Fundação Getulio Vargas (FGV), a falta ou o encarecimento da mão de obra, que andava sumida das respostas, já voltou a figurar entre as principais preocupações dos empresários. Outro levantamento, o Salariômetro, da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, mostra que, até julho, mais de 80% das negociações salariais *(veja o gráfico ao lado)* entre sindicatos e

PODER DE BARGANHA

Proporção das negociações salariais que conseguiram aumentos acima da inflação no ano (em %)



*12 meses até julho

Fonte: *Salariômetro/Fipe*

empresas neste ano resultaram em reajustes acima da inflação para os empregados. É uma marca que há uma década não era alcançada. "A bola agora está com os trabalhadores, se o salário não estiver bom, eles vão trocar por outro mais atraente", diz Zylberstajn, que coordena a pesquisa. Foi o que aconteceu com o analista de software Nicholas Alves. Aos 24 anos e formado há três, ele já dobrou o salário depois que pediu demissão da consultoria de TI onde trabalhava até o ano passado. "Não via perspectiva de crescer ali e fui buscar algo que desse benefícios melhores", diz Alves. Há alguns dias, ele começou no novo emprego como desenvolvedor de software em uma companhia de comércio eletrônico.

Principal marca do apagão generalizado de mão de obra a que o país assistiu em 2010, a falta do profissional de alta qualificação não parece, entretanto, ser o principal gargalo de agora — o que, ressalta-se, pode ser indício de que o país passou por mudanças importantes, e positivas, nesse meiotempo. "Nunca tivemos uma população ocupada tão escolarizada quanto agora, e essa é certamente uma diferença em relação àquele período", diz Rodolpho Tobler, economista que coordena as sondagens da FGV. Entre 2012 e 2023, a proporção dos trabalhadores com ensino superior completo subiu de 14% para 23%, de acordo com o IBGE.

Um levantamento da Confederação Nacional do Comércio mostra que são principalmente ocupações de nível técnico ou médio que aparecem entre as mais requisi-



ARQUIVO PESSOAL

A VIDA MELHOROU

Depois de três anos em dificuldades, **José Lucilane da Silva,** 52 anos, se estabilizou em seu novo emprego como auxiliar de cozinha, no Rio de Janeiro. Agora, ele consegue equipar a casa, ajudar a família e pagar os estudos do filho. "Colocar comida dentro de casa é uma conquista", comemora Silva.

tadas. A lista é dominada por cargos como os de vendedor, garçom, pessoal ligado à manutenção (como faxineiros, piscineiros e eletricistas) e auxiliar em geral. A pesquisa mapeou, entre as centenas de profissões existentes no cadastro geral de emprego, o Caged, do Ministério do Trabalho, aquelas que estão tendo aumentos de contratação e de salários acima da média. É um indicador conjunto de quais áreas estão precisando pagar mais para contratar e que, portanto, sofrem com algum nível de escassez. A conclusão é de que tal situação atinja atualmente 40% das profissões, um nível de estrangulamento que, em uma década, nunca tinha sido registrado. "O recado é que a economia está precisando não de engenheiros, advogados ou contadores, mas de profissionais que lidam com as situações do dia a dia e que dão apoio aos que têm nível superior", diz Fabio Bentes, economista da Confederação do Comércio.

No caso da construção, um dos setores que mais sofreram com a caça desesperada por engenheiros nos anos de 2010, o desafio está sendo encontrar os operários. "A mão de obra operacional está diminuindo", afirma Leandro Melo, diretor-executivo de engenharia do Grupo ADN, dono das construtoras ADN e Livon. "Antes, os pais traziam os filhos com eles. Agora, eles conseguiram oferecer uma opção diferente para a família, e os que puderam foram estudar e mudaram de ramo." Felipe Kobylko, sócio-diretor da Stog Engenharia, que também gere projetos na constru-

PROCURA-SE

*As 10 profissões com os maiores aumentos nos salários de admissão em 2024**

HELPDESK

AGENTE DE VENDAS DE SERVIÇOS

CALDEIREIRO

MONTADOR DE ESTRUTURAS METÁLICAS

AUXILIAR DE FARMÁCIA DE MANIPULAÇÃO

CUMIM (AUXILIAR DE RESTAURANTES)

AUXILIAR DE SERVIÇOS JURÍDICOS

TRABALHADOR DE MANUTENÇÃO DE EDIFICAÇÕES

ANALISTA DE NEGÓCIOS

SERRALHEIRO

PSICÓLOGO

*Dados de 6/2024 comparados a 6/2023
Fonte: *Caged/MTE. Elaboração: CNC*

ção, compartilha de um cenário semelhante. “Precisamos de pedreiro, bloqueiro, eletricista, encanador e, muitas vezes, não conseguimos encontrar”, diz. Os jovens que foram fazer engenharia no *boom* de 2010, por sua vez, já estão agora no mercado há dez anos. “Também está difícil achar, mas não tanto”, afirma Melo. André Yuki, dono do restaurante Água Doce Cachaçaria, no município mineiro de Varginha, tem contornado seu “apagão” de garçons com mais digitalização no atendimento. “Desde que passou a pandemia, eu tenho vagas e não consigo completar”, afirma Yuki. Cardápio digital e celulares que auxiliam os atendentes na gestão dos pedidos ajudam a fazer com oito funcionários o que antes era realizado com dezesseis. “Antes, para cada vaga aberta, recebíamos cinquenta currículos. Hoje, não passam de vinte”, diz o empresário.

O aumento da escolaridade é uma das várias hipóteses para o fato de que a própria noção de pleno emprego possa estar mudando — para melhor — no Brasil. Ela é uma medida imaginária que tenta estimar qual é o limite de pessoas que um país consegue empregar sem que a economia comece a sofrer com falta de gente e aumentos desenfreados de preços. É algo que está ligado à qualificação dos profissionais e à produtividade de cada país em frentes como tecnologia e infraestrutura, e o que explica, por exemplo, o nível de desemprego se acomodar historicamente na faixa dos 4%, com tranquilidade, nos Estados Unidos, enquanto no Brasil, a pouco menos de 7%, os problemas já



ARQUIVO PESSOAL

APAGÃO DE GARÇOM

O empresário **André Yuki,** dono de restaurante em Varginha, em Minas Gerais, tem vagas abertas que não consegue preencher, especialmente para o cargo de garçom. O número de currículos recebidos por ele diminuiu, enquanto a rotatividade dos novos atendentes aumentou. "Falta mão de obra", diz Yuki.


DIVULGAÇÃO/GRUPO ADN

EM OBRAS Construção civil: a escassez de profissionais preocupa empresas do setor

começam a aparecer. "Antes da pandemia, essa taxa era estimada entre 8% e 9% no Brasil, e, agora, pode ser que já esteja mais entre 7% e 8%", diz Tobler, da FGV, mencionando fatores como o avanço da digitalização, acelerado em especial depois dos choques comportamentais da covid-19, e a reforma trabalhista, que, de 2017 para cá, flexibilizou os rígidos formatos de contratação do mercado brasileiro. Não se sabe, ainda, se isso já é suficiente para contar agora uma história com final diferente daquele a que assistimos em 2015 e 2016. Tanto empregados quanto empregadores esperam que sim. ■

Colaborou Letícia Yamakami



ALEXANDRE SCHWARTSMAN

POR QUE O BRASIL CRESCE POUCO?

O desempenho pobre da produtividade limita o crescimento

A PERGUNTA pode parecer estranha, depois do crescimento forte do país na primeira metade do ano e indicações de que, pelo terceiro ano consecutivo, o PIB deve aumentar na casa de 3%. No entanto, o crescimento médio de países emergentes no mesmo período superou 4%, enquanto até a economia americana, já madura, cresce a cerca de 2,5% ao ano.

A diferença não é modesta: ao ritmo de 3% ao ano, a economia dobra de tamanho a cada 23 anos; a 4% ao ano, bastam dezoito anos. Parte da história parece ligada ao baixo investimento no país. Segundo dados do FMI, a mediana da taxa de investimento em países emergentes tem sido ao redor de 25% do PIB; no Brasil, apesar da recuperação recente, o investimento equivale a apenas 16,5% do PIB, e mesmo no seu melhor momento das últimas décadas, em 2013, mal alcançou 21% do PIB.

O dado mais preocupante, porém, não é o fraco investimento, ainda que inquietante, mas sim o desempenho da produtividade.

Tive recentemente a oportunidade de ler um trabalho de Fernando Veloso, em que o autor levanta a evolução do produto por trabalhador de 1981 a 2023. Segundo ele, ao longo desse período, que coincide com a forte desaceleração do crescimento do PIB, a produtividade aumentou apenas 0,2% ao ano. Mesmo se tomarmos um período mais recente, digamos, desde o momento imediatamente anterior à pandemia até agora, a expansão não passa de 0,5% ao ano.

Em mais detalhe, dentre os vários setores econômicos, apenas a agricultura apresenta aumento robusto da produtividade. Tanto na indústria quanto nos serviços, ao longo desse intervalo mais recente, o produto (no caso por hora trabalhada) fica, para todos os fins práticos, estagnado. Sempre de acordo com Veloso, o desempenho sofrível não decorre de supostamente darmos peso indevido a setores

“A agenda de maior integração internacional se torna a cada dia mais urgente para a economia do país”

"atrasados", mas do baixo crescimento em cada setor individualmente (com as exceções de praxe).

Não é por outro motivo que, poucos meses após ter encerrado o ciclo de redução de taxa de juros, o BC se viu obrigado a voltar a elevar a Selic. Há sintomas de sobreaquecimento, que transparecem na inflexão da inflação a partir de maio. Mesmo o crescimento de 3% ao ano parece ser mais do que a economia consegue suportar sem que a inflação se acelere, sugerindo que o ritmo sustentável é ainda menor que isso. Já as causas do desempenho ruim da produtividade são mais difíceis de identificar, embora o investimento reduzido, portanto a baixa incorporação de tecnologia de máquinas e equipamentos mais novos, pareça ser um motivo.

Dentre muitos, quero chamar atenção hoje para o fechamento relativo da economia às importações. Tarifas elevadas de importação, assim como barreiras não tarifárias, reduzem o uso de máquinas e bens intermediários mais avançados, com efeitos negativos sobre a produtividade. Também preservam indústrias sem condições de concorrer internacionalmente. Obviamente, seus donos não pensam assim, mas, para todos os demais, tais indústrias "puxam" para baixo a capacidade de crescimento. Recursos nelas aplicados poderiam gerar retornos maiores em outros setores.

A agenda de maior integração internacional se torna a cada dia mais urgente para a economia brasileira. ■

A SAGA DE UM VENCEDOR

Em autobiografia, Henrique Meirelles traz detalhes inéditos de sua trajetória — e revela como foi a transição da carreira de executivo bem-sucedido para a política **MAÍLSON DA NÓBREGA**

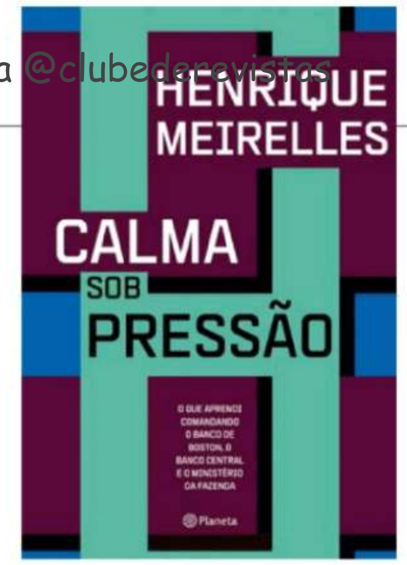


INDEPENDÊNCIA Ao lado de Lula: mesmo pressionado pelo presidente, decidiu aumentar a taxa de juros

ALAN MARQUES/FOLHAPRESS

NA HISTÓRIA econômica do país, poucos brasileiros tiveram a sorte — e a competência — para deixar legados positivos tanto na iniciativa privada quanto na atividade pública. São ainda mais raros os que brilharam além das fronteiras brasileiras, ocupando cargos de destaque em grandes corporações internacionais. O goiano Henrique de Campos Meirelles é um deles. Banqueiro bem-sucedido, Meirelles deu notável contribuição à administração pública, e seu trabalho teve o mérito de ser reconhecido por políticos de diferentes matizes ideológicos, algo também incomum em se tratando de Brasil. Outro aspecto atípico diz respeito à sua capacidade para se reinventar. Depois de comandar um banco no exterior, Meirelles ingressou no governo federal aos 57 anos, iniciando uma nova jornada profissional. É essa trajetória pulsante que está descrita na autobiografia *Calma sob Pressão*, escrita na primeira pessoa sob a coordenação editorial do jornalista Thomas Traumann, colaborador de VEJA.

Meirelles nasceu em Anápolis (GO), em 1945. Seus pais fizeram carreira no setor público: a mãe foi diretora de uma escola pública e o pai, professor na mesma instituição. A política, no entanto, sempre esteve por perto. Seu avô foi prefeito de Anápolis mais de uma vez e o pai exerceu cargos de relevo na administração estadual, tornando-se governador interino por algumas semanas. Enquanto isso, o filho concluía o ensino médio em Goiânia numa escola pública. Lá, Meirelles se sentiu atraído pelo movimento estudantil. Presidiu a União Goiana de Estudantes Secundaristas, que integrava o eixo de apoio ao presi-



LIDERANÇA DESDE CEDO
Atentado: no livro, Meirelles conta que, como líder estudantil, foi alvo de seis tiros, que não o atingiram: "Um dos períodos mais ricos de minha vida"

dente João Goulart. Num episódio dramático, os perdedores se recusaram a desocupar a sede da entidade, o que provocou um confronto violento. Ameaçado de morte, Meirelles foi alvo de seis tiros, que não o atingiram. "Foi um dos períodos mais ricos de minha vida", disse.

Em 1965, foi aprovado no vestibular para a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. No terceiro ano do curso, associou-se a um colega para criar uma empresa de fabricação de artefatos de concreto. Ganharam a concorrência para fornecer material a um projeto de construção de casas populares, mas Meirelles descobriu que a construtora estava em dificuldades, o que os levou a desistir da empreitada. Concluído o diploma de engenharia, passou em concurso que lhe valeu frequentar o Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fez o mestrado em economia e cogitou entrar no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social ou virar professor. Tinha também uma proposta para trabalhar em uma conhecida rede de varejo.

De todas as opções de emprego, a menos promissora era a oferecida pelo Banco de Boston, depois chamado

BankBoston. O salário era baixo e não havia oportunidade de ascensão para brasileiros. Mesmo assim, aceitou, dada a oportunidade de aprender sobre a economia mundial e como uma multinacional operava. Em poucos meses, Meirelles se tornou superintendente da companhia de leasing do banco. Aos 39 anos, depois de muita labuta, um feito: passou a ser o primeiro não americano a assumir a presidência do Boston no Brasil. Em 1996, a carreira meteórica de Meirelles o levaria ainda à presidência do BankBoston International, na cidade de Boston. Por ser brasileiro, a investidura no cargo exigiu tratamento especial pelo Federal Reserve, o banco central. Era a primeira vez que um estrangeiro dirigiria uma instituição financeira americana de grande porte.

O mesmo espírito inquieto que o levou a arriscar a sorte no exterior acabou estimulando-o a entrar na política. Em 2002, aposentado do ambiente corporativo, decidiu iniciar a carreira pública. Disputou e ganhou uma cadeira de deputado federal por Goiás. Em plena campanha, foi sondado pelo petista Aloizio Mercadante para assumir o cargo de presidente do Banco Central. O convite oficial foi feito por Lula, logo após a sua primeira eleição. O anúncio de Meirelles para o Banco Central foi uma surpresa positiva para o mercado financeiro. Ainda em campanha, Lula havia aprovado a Carta ao Povo Brasileiro, em que assumia o compromisso de observar direitos de propriedade e cumprir contratos (o que incluía pagar os compromissos da dívida externa, afastando temores de calote). Ideias econômicas equivocadas do programa do PT foram abando-

nadas. Nesse contexto, Meirelles era a cereja do bolo. Associava sua elevada reputação a um esforço que Lula empreendia, de dotar de credibilidade a política econômica de seu governo.

Meirelles condicionou a aceitação do cargo a dispor de autonomia para comandar a política monetária. O compromisso foi honrado, mas ele teve de lidar com pressões e críticas que vinham do PT e de setores do próprio governo. Entre seus autores estavam "ministros com gabinete no Palácio do Planalto", como registrou. A certa altura, Lula pediu para que a taxa Selic fosse reduzida. José Dirceu disse à imprensa que o presidente ordenaria a redução do juro. A tensa conjuntura pôs à prova a habilidade de Meirelles para enfrentar a situação. Em diálogo com Lula, ele o informou de que o Comitê de Política Monetária tomaria a melhor decisão para o país. A taxa de juro foi elevada.


PAUL MAROTTA/GETTY IMAGES

PIONEIRISMO
Sede do BankBoston: primeiro estrangeiro a liderar o banco

Em maio de 2008, "cansado de brigar sozinho" (o ministro da Fazenda Antonio Palocci, que o apoiava, havia sido substituído por Guido Mantega, que criticava publicamente a política monetária), Meirelles pediu dispensa do cargo. O jornalista João Borges, que havia sido assessor de imprensa

do Banco Central, conta essa história no livro *Eles Não São Loucos*. Lula chegou a escolher um conhecido economista de ideias heterodoxas, mas desistiu da substituição na última hora. Meirelles permaneceu no cargo nos dois mandatos de Lula, durante os quais lidou bem com o fogo amigo e com o enfrentamento dos desafios da crise financeira de 2008, cujos resultados Lula comemorou. Afirmou que a crise chegaria aqui como "uma marolinha".

Depois de deixar o Banco Central, Meirelles aceitou presidir a Autoridade Olímpica dos Jogos do Rio e atuou em conselhos de administração de instituições financeiras estrangeiras e na criação do Banco Original. Após o impeachment de Dilma Rousseff e com a assunção de Michel Temer à Presidência da República, Meirelles se tornou ministro da Fazenda. Foi um período de muitas reformas. A principal delas foi o teto de gastos, que restaurou a confiança na economia. Por pouco, não foi aprovada a reforma da Previdência, abortada após o conhecido diálogo de Temer com Joesley Batista, da JBS.

Meirelles deixou o governo Temer em abril de 2018 para candidatar-se à Presidência da República. A derrota nas urnas deve ter sido o único revés em sua vitoriosa carreira profissional. Mesmo assim, não ensarilhou armas e aceitou o convite para comandar, em 2019, a Secretaria de Fazenda do Estado de São Paulo, que acumulou com a Secretaria do Planejamento. Por onde passou, Meirelles cuidou de cercar-se de auxiliares competentes. Ele reconhece o papel dos que o ajudaram na vitoriosa trajetória, mas sua liderança foi certamente fundamental. ■



DIVULGAÇÃO

LONGE DOS HOLOFOTES Meirelles: "O BC não pode querer popularidade"

"É PRECISO TER CORAGEM"

Em entrevista a VEJA, Henrique Meirelles defende a importância da autonomia formal do Banco Central para que o Brasil cresça.

Em seu livro, o senhor diz que a maior qualidade de um bom presidente de banco central é ter coragem. Por quê? A questão básica é que um banco central não pode atuar querendo popularidade a todo momento. Para tomar as medidas corretas, é necessário coragem. A atuação da autoridade monetária, por definição, gera críticas. Um excelente exemplo é o período de Paul Volcker no comando do Federal Re-

serve. Quando assumiu, ele elevou rapidamente a taxa básica de juros dos Estados Unidos de 11% para 21% ao ano. A atividade econômica caiu bruscamente. Houve passeatas contra o Volcker, uma coisa inédita no país. Mas a inflação, que era de 12,5% em 1980, caiu para 3,8% em 1982, e a economia voltou a crescer. São fenômenos muito difíceis de explicar em um debate público. Então, é normal que as pessoas não gostem.

Diante das fortes críticas de Lula aos juros altos, será difícil para o próximo presidente do BC, Gabriel Galípolo, ter essa coragem? Eu acho que não. De uma certa maneira, ele terá até uma vantagem em relação à minha época, que é o fato de que o Banco Central hoje possui independência legal. Isso dá uma segurança muito maior do que no meu tempo para fazer o que é certo e necessário.

O senhor relata no livro que, em meados de 2007, Lula lhe telefonou pedindo que o BC cortasse os juros. A falta de autonomia legal expunha o BC a essas situações? Sim, mas tem um ponto muito importante. Como o Banco Central não era legalmente autônomo, eu lembrei ao Lula que, quando ele me convidou para o cargo, nós dois fizemos um acordo de que eu atuaria com independência, porque só assim seria possível resolver os problemas que impediam o país de crescer. Naquele dia em que ele me pediu para baixar os juros, eu falei: "Vou cumprir a mi-

nha parte do acordo e não vou cortar, e o senhor tem a prerrogativa de me exonerar, se quiser". Quando o país começou a crescer bastante, ficou claro que a autonomia não era um capricho meu, mas, sim, um instrumento para tomar as melhores decisões, baseadas em dados técnicos, e não políticos. Aquela foi a única vez em que Lula me ligou.

O senhor também destaca a necessidade de alinhamento das políticas monetária e fiscal. Elas estão alinhadas neste governo? Se a política fiscal é um pouco mais expansiva, isso significa que é preciso ter uma taxa de juros um pouco mais alta para equilibrar. Agora, é positivo e relevante que tenha sido aprovado o arcabouço fiscal, porque mostra que há consciência do problema do aumento de despesas. O arcabouço é mais flexível que o teto de gastos e cria muitas exceções, mas o fato concreto é que ele coloca uma certa restrição fiscal, o que vai no caminho correto. Mas, evidentemente, a taxa de juros de equilíbrio da economia se acomoda um pouco para cima. É possível, porém, trabalhar com isso, tanto que o país está crescendo. É verdade que as reformas estruturais anteriores ajudam. Elas não foram desmontadas. Não se voltou atrás na reforma trabalhista, por exemplo, nem no novo marco legal do saneamento.

Márcio Juliboni



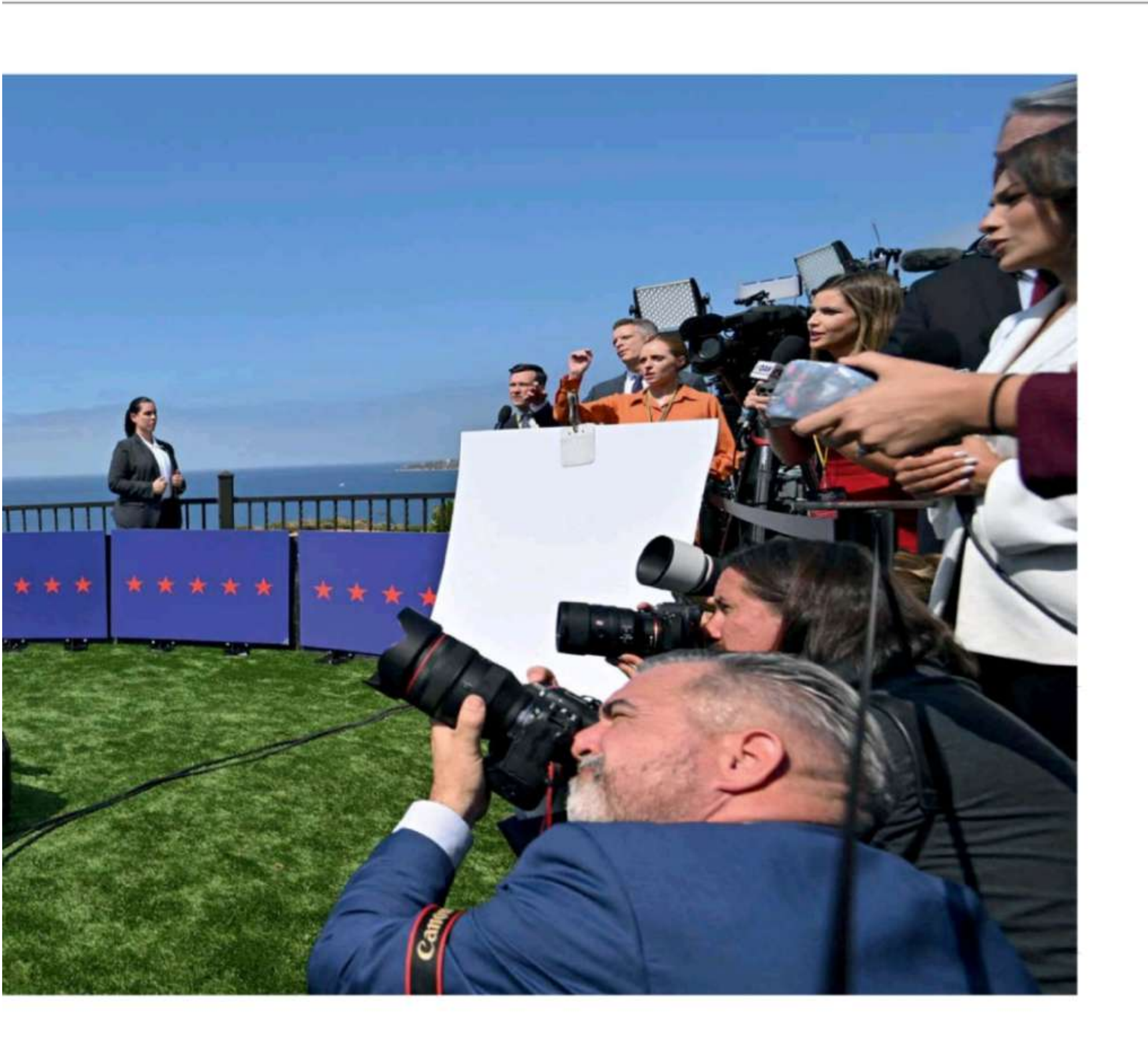
NA MIRA Trump logo antes de o suspeito ser flagrado: a agressividade escalou a um nível inaceitável

ROBYN BECK/AFP

ELEIÇÃO MOVIDA A ÓDIO

O FBI investiga um segundo atentado à vida de Donald Trump — mais um sinal de que a violência é marca de uma acirrada disputa, travada sob a moldura da polarização

AMANDA PÉCHY



A atual corrida à Casa Branca vem sendo permeada por eventos extraordinários em série — o atentado contra o candidato republicano Donald Trump, em que ele levou uma bala de raspão na orelha, ainda povoava as manchetes quando o atual ocupante do Salão Oval, Joe Biden, anunciou que havia decidido deixar o páreo, e sua vice, Kamala Harris, entrou na disputa a apenas 105 dias do pleito. Eis que, no domingo 15, mais um episódio se somou ao rol de fatos inesperados da eleição americana:

pela segunda vez em dois meses, Trump esteve na mira de um homem armado, caso investigado pelo FBI como tentativa de assassinato. O ex-presidente praticava golfe em sua propriedade na Flórida no momento em que agentes avistaram o cano de um fuzil em meio aos arbustos e abriram fogo contra o sujeito que empunhava a arma. Foi tudo rápido e ninguém saiu ferido, mas serviu para fazer subir a já elevada temperatura nos Estados Unidos, onde a apertada contenda vem sendo embalada por discursos cheios de disparos de parte a parte, mas especialmente virulento no campo de Trump, que alimenta o caldeirão das fake news e da polarização num país rachado. "Vivemos tempos perigosos", disse um porta-voz do Serviço Secreto, após deter o autor do atentado.

Não está ainda claro o que teria motivado Ryan Routh, 58 anos, a passar doze horas à espreita, munido de uma AK-47 e uma câmera fotográfica tipo GoPro. Assim que foi capturado em rota de fuga, sem ter disparado nenhum tiro, postagens antigas mostraram que ele já depositara seu voto em Trump, em 2016 e 2020, e andava às voltas com um mirabolante plano para pôr fim à guerra na Ucrânia que incluía o recrutamento de soldados afegãos, tudo detalhado em um livro que publicou nas redes ao viajar a Kiev como voluntário para lutar contra a Rússia. Uma hipótese levantada como motivação para o atentado seria o desprezo de Trump pela causa ucraniana. A apuração segue, mas o republicano já insuflou suas falas com aquele heroísmo dos que caem de pé. "Há pessoas neste mundo que farão de tudo para nos impedir. Minha determinação,

porém, só ficou mais forte após mais este atentado", escreveu Trump para seus apoiadores apenas quatro horas após o ocorrido. Detalhe: o texto vinha acrescido de um link para doações.

Na batalha por eleitores indecisos, uma finíssima fatia pela qual Trump e Kamala duelam voto a voto, a aposta dos observadores de plantão é de que o episódio não irá alterar o embate — mesmo com o ataque na Pensilvânia, em 13 de julho, do qual o republicano saiu com a feição ensanguentada, brandindo "lute, lute!", nada mudou. "Esse discurso serve para energizar sua base, que já está consolidada", avalia o especialista em relações internacionais Roberto Uebel. A violência na campanha americana, que atingiu nível máximo e inaceitável com a ameaça à vida de um dos candidatos, encontra uma alavanca nas estocadas verbais do próprio Trump, recheadas de inverdades que não raro semeiam o ódio. No debate de 10 de setembro, ele voltou a repisar a sandice de que na cidade de Springfield, em Ohio, os imigrantes haitianos estavam matando cães e gatos para se alimentar. "Eles comem seus bichinhos de estimação", afirmou, sem se preocupar com o poder de sua fake news. Desde então, Springfield registrou 33 ameaças de ataques à bomba em escolas e universidades frequentadas pela comunidade haitiana, obrigando o governo local a empreender buscas diárias por explosivos. "A linguagem de Trump inspira pessoas a tomarem ações agressivas, tanto a favor como contra ele", afirma Uebel.

Do lado democrata do ringue, a tática é desconstruir o republicano, tentando colar à sua imagem a ideia de um candi-



REBECCA NOBLE/AFP

MENTIRA PERIGOSA Springfield: haitianos estariam comendo pets, diz Trump

dato que não traz novidade à paisagem política e afronta os pilares da democracia — tudo num clima mais debochado do que raivoso. Nos últimos dias, os trumpistas difundiram vídeos que exibem os oponentes em postura menos austera ("a vontade é dar um soco na cara dele", desabafou num deles um senador democrata), com o objetivo de mostrar que, também eles, perdem a linha. Não demorou, e o próprio Trump apareceu culpando os democratas pelo episódio do campo de golfe. "Por causa dessa retórica da esquerda comunista, as balas estão voando", postou o ex-presidente, que já havia dito à Fox News que o "discurso inflamatório" de Kamala e Biden incentivou seu agressor. Logo a metralhadora giratória antidemocrata do bilionário Elon Musk entrou em ação. "E nin-

guém está tentando assassinar Biden e Kamala", publicou no X. "As condições são propícias para o aumento da violência retórica e por vias de fato", analisa o cientista político John Carey, da Universidade Dartmouth.

A história americana é marcada por acirrados períodos de violência política, que tem no acesso facilitado a armas de fogo um trampolim. Quatro presidentes foram assassinados no exercício do mandato (Abraham Lincoln e John F. Kennedy entre eles) e outros quatro, feridos em atentados. Dois aspirantes à Casa Branca também se tornaram alvo de tiros, totalizando dez incidentes do gênero desde 1865. A comparação mais próxima com o caso de Trump é o de Gerald Ford, que, em 1975, sobreviveu a dois ataques em duas semanas. Mas o nível da violência, que cresce sob a moldura de um tecido social esgarçado, faz lembrar mais o ano de 1968, quando Martin Luther King Jr., símbolo da luta contra a segregação racial, e Robert F. Kennedy, em campanha para a Presidência, foram mortos a tiros num intervalo de dois meses. O quadro de hoje tem suas peculiaridades, uma vez que a polarização que cinde o país mudou de natureza — se nos anos de 1960 ela ficava circunscrita à política, agora adentra todos os terrenos. "A afinidade por um ou outro candidato virou questão existencial. A vitória do oponente é vista como um beco sem saída", ressalta a especialista Karina Calandrin. Em seu relatório anual de análise de riscos para 2024, o Eurasia Group destacou entre os pontos merecedores de atenção o que definiu como "a guerra dos EUA consigo mesmos". Que prevaleça a paz. ■

AGORA, VIREM-SE

No fim do mandato, AMLO sanciona lei que determina a eleição de juízes pelo voto popular, medida que põe em risco a independência do Poder Judiciário e deve causar enorme confusão **CAIO SAAD**



RODRIGO OROPEZA/AFP

EM SEUS ÚLTIMOS DIAS de mandato, o presidente do México, Andrés Manuel López Obrador, o AMLO, pôs em marcha uma pouco testada e até perigosa reforma do sistema judiciário sem perder um único pontinho de seus 60% de apoio popular — apoio de verdade, não aquele imposto de cima para baixo pelos autocratas de plantão. Aprovada sem resistências no Congresso, onde seu partido, o Morena, conta com confortável maioria, e endossada pela maior parte dos 32 estados, a nova lei determina que, a partir do ano que vem, todos os juízes mexicanos, em vez de indicados, serão eleitos pelo voto popular a partir de listas de candidatos elaboradas pelos Três Poderes.

Para os críticos, a mudança representa uma séria ameaça à independência dos juízes e um reforço do viés autoritário do governo, além



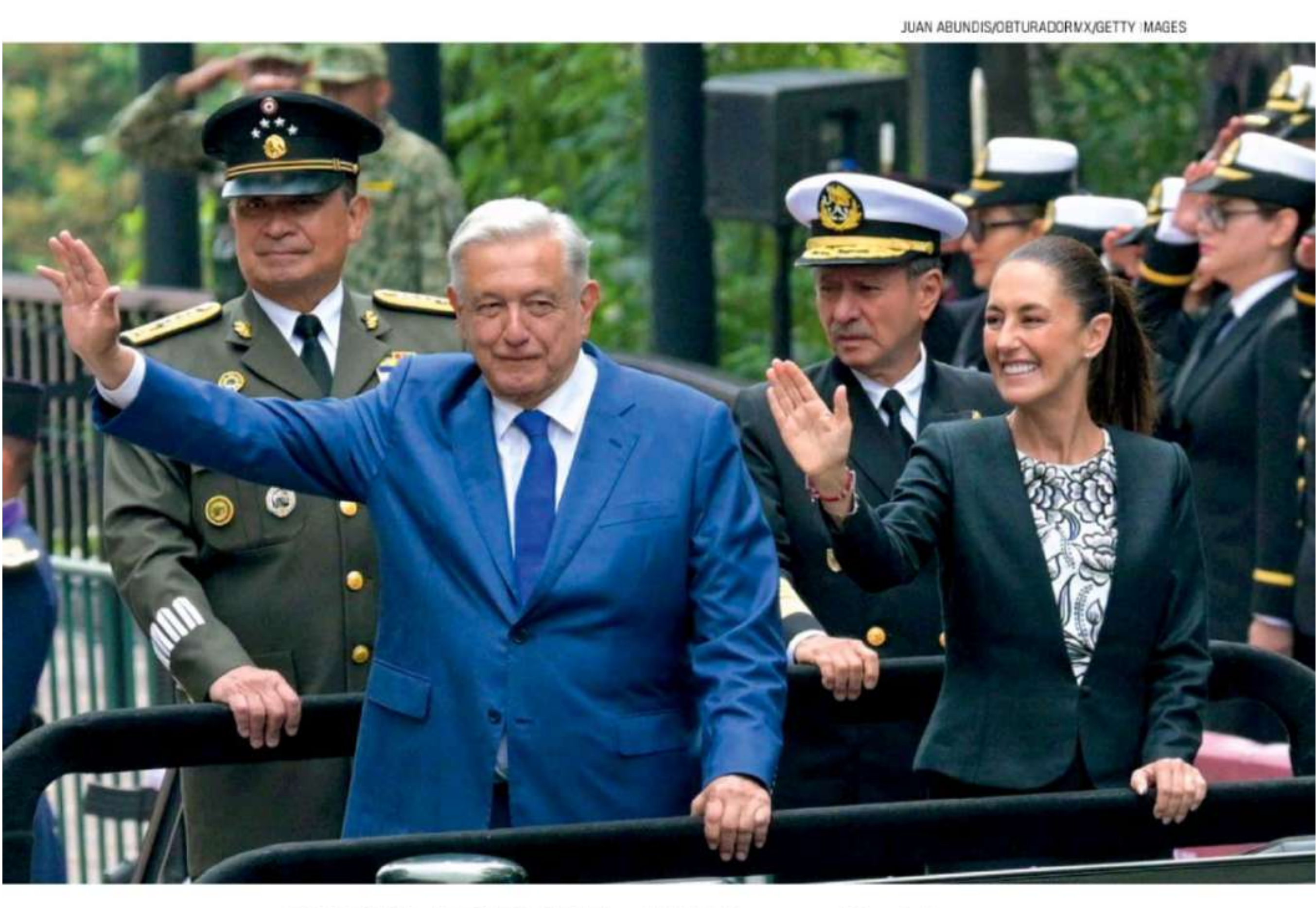
NÃO À REFORMA
Protesto na Cidade do México: imparcialidade em risco e reforço do governo autoritário

de plantar o sistema em terreno desconhecido. Para AMLO, ela sanará deficiências históricas. "O Judiciário não faz justiça. É muito importante acabar com a corrupção e a impunidade", disse em coletiva ao lado de Claudia Sheinbaum, que assume como primeira mulher presidente do México em 1º de outubro e manifesta total aprovação à reforma.

O governo alega que a escolha pelo voto atende a um anseio da população — 66% dos mexicanos consideram os juízes corruptos. Mas enfrentou protestos, sobretudo de estudantes e funcionários do Judiciário, contra a medida, até porque é no mínimo duvidoso que o simples fato de serem eleitos resolva o problema. "O método de seleção via eleitoral em si não é problemático, mas também não é infalível e não se aplica a todos os cenários", alerta Héctor Soto García, do Instituto Mexicano de Direitos Humanos e Democracia. Especialistas ressaltam que a eleição dos quase 7 000 magistrados do México, em vez de garantir sua isenção, pode, na verdade, prejudicar sua independência e imparcialidade. Na Bolívia, um dos raros países a adotar a votação em nível federal, em 2009, a mudança não acabou com a corrupção, politizou os tribunais e minou a confiança do público. No México, a iniciativa embute ainda certo ressentimento, já que a Suprema Corte derrubou propostas caras ao presidente.

A reforma proíbe que os candidatos a juiz recebam doações públicas ou privadas (sem explicar como vão financiar suas campanhas), mas não impede que empresários, líderes políticos e até chefes de cartéis de drogas pressionem por seus

JUAN ABUNDIS/OBTURADORMX/GETTY IMAGES



POPULARIDADE A MLO, com Sheinbaum: em busca de um lugar na história

favoritos. Por sua participação na elaboração das listas de candidatos, Executivo e Legislativo também podem influenciar a votação e aumentar ainda mais o poder do Morena e seus aliados. No lugar de testes de proficiência, os candidatos terão apenas que apresentar o diploma em direito e cinco anos de experiência (dez, no caso da Suprema Corte), acompanhados de "boas notas e cartas de recomendação". Metade dos juízes será eleita em julho de 2025 e o restante em 2027, com até nove candidatos por vaga, o que significa que só a votação para o Supremo poderá mobilizar 81 postulantes.

O sistema judicial do México é, de fato, notoriamente vagaroso e ineficiente, sujeito a corrupção e infestado de nepotismo. Uma pesquisa do Mexico Evalua, que avalia políticas governamentais, sobre o nível de impunidade em denúncias de homicídios dolosos, feminicídios, abusos sexuais, desaparecimentos e sequestros em 2022, mostrou que a imensa maioria não teve qualquer punição — 95,7%, no caso dos homicídios dolosos. "As pessoas sabem que o sistema não funciona bem, o que deu gás à aprovação da reforma. Mas, se os problemas fundamentais e estruturais permanecerem, os juízes eleitos não estarão mais bem equipados para lidar com eles", diz Miguel Ángel Toro, do Instituto Tecnológico de Monterrey.

Os Estados Unidos, para onde o México destina 80% de suas exportações, reagiram à reforma afirmando que ela ameaça um relacionamento que depende da confiança dos investidores e pode representar "um grande risco" para a democracia. Inabalável, AMLO segue firme no presunçoso projeto de promover, com seu partido, a "quarta transformação" do México, expressão recorrente em seus longuíssimos discursos que coloca os feitos do governo no patamar de outros três momentos-chave da história: a guerra da independência, a separação entre Igreja e Estado e a revolução contra a ditadura de Porfirio Díaz. Na reta final do mandato, AMLO mexe os sombreiros para garantir um lugar ao sol nos livros de história do México. Corre o risco de sofrer uma insolação. ■

VALMIR MORATELLI

Com reportagem de Giovanna Fraguito,
Mafê Firpo e Nara Boechat



ROCK É PODER

Ao cravar a data redonda de quarenta anos de existência, o Rock in Rio aderiu à bandeira da igualdade de gênero, reservando mais uma vez um dia exclusivamente a vozes femininas. Mesmo assim, houve quem achasse o movimento ainda tímido diante dos giros que o mundo já deu nesta direção. Instantes antes de entrar em cena ao lado da banda Planet Hemp, a roqueira **PITTY,** 46 anos, bateu firme as botas de couro no chão: "Não entendo por que não tem nenhuma mulher do rock no palco principal. Mas a gente vai se adaptando e ocupando os espaços que tem, fazer o quê?", provocou ela, que não quis embarcar em outro zum-zum-zum que agitava os bastidores: o ingresso do gênero sertanejo na grade musical do festival, encabeçado por Chitãozinho & Xororó. "Sobre isso, prefiro não falar." E quebrou o silêncio logo depois, com um show que sacudiu aquelas bandas da Barra da Tijuca, na Zona Oeste carioca.

VANS BUMBEERS

AH, ESSES ASTROS

Principal atração da sexta-feira 13, **TRAVIS SCOTT,** 33 anos, não deu vida fácil aos organizadores do festival. Primeiro, sua produção arrumou encrenca com Ludmilla, 29, que quase cancelou sua apresentação porque o estelar americano exigiu que, naquela noite, apenas ele pudesse cruzar a passarela que conduzia ao palco. Travis, aliás, só viria a subir ali após uma festinha privê no camarim que custou quarenta minutos de atraso ao show, no qual aproveitou para disparar críticas contra o staff. "Alguém da produção f*deu com os meus telões, e não posso mostrar minha apresentação inteira ao Rio, que é um dos melhores lugares do mundo", gritava à plateia. Um dia antes, já se vislumbrava certo mau humor. Num jantar com amigos, programa embalado pelos melhores cortes de carne e que ele emendou com uma visita a um bordel de luxo, o rapper mirou lanternas na direção dos fotógrafos que tentaram clicá-lo na saída do restaurante.

NDZ/STAR MAX/IPX



ALEXANDRE CASSIANO/AGÊNCIA O GLOBO

CORPO SÃO, MENTE SÃ

Os clássicos da banda Imagine Dragons embalaram uma plateia que não deixou de notar – e postar, claro – a entusiasmada performance do vocalista **DAN REYNOLDS,** 37 anos, que, no Rio, fez como os cariocas. Arrancou a camisa no começo do show e entoou seus hits em look minimalista, com short estilo academia e um par de chinelos. Deixou claro que a malhação estava em dia, mas, consciente, resolveu adentrar o terreno da saúde mental. "Se está doendo, por favor, não mantenha isso com você, compartilhe, converse com um amigo, com a família. Vá à terapia", incentivou Dan, ele próprio adepto de análise desde a adolescência, quando foi diagnosticado com uma depressão. "Isso não te torna fraco, te faz sábio", arrematou no palco.



WAGNER MEIER/GETTY IMAGES


INSTAGRAM @DIOGONOGUEIRA_OFICIAL

POBRES COADJUVANTES

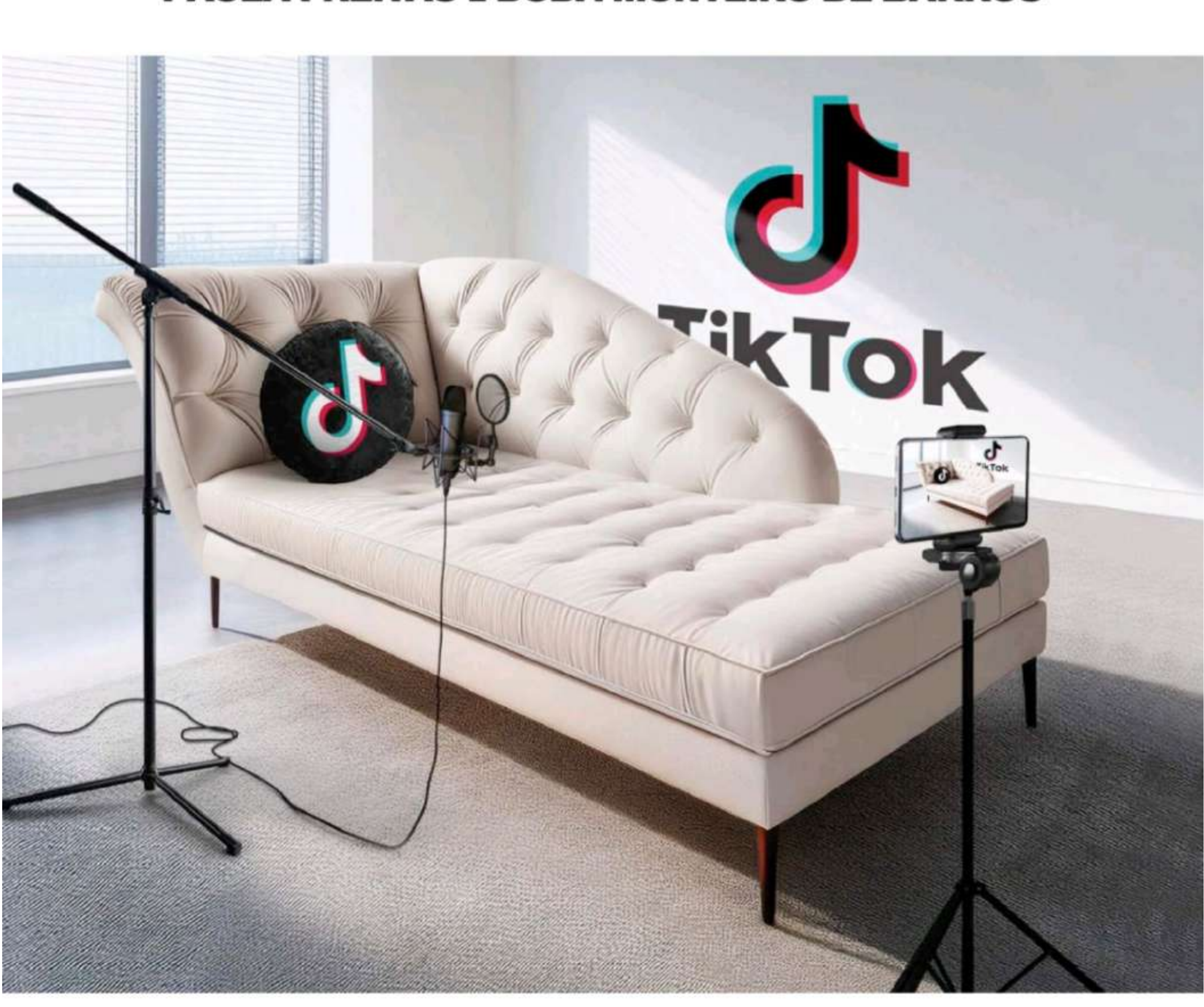
Acomodada em meio a uma multidão de mortais, **PAOLLA OLIVEIRA,** 42 anos, jura que fez de tudo para não ser notada assistindo ao show do namorado, **DIOGO NOGUEIRA,** 43, que estreou no Rock in Rio numa noite em que a atração-mor era a banda americana de metal Evanescence. Mas foi só começar a sambar para atrair a atenção de gente que, ops!, mudou o foco e só queria mesmo uma foto com a atriz, solícita diante dos pedidos. "Tem samba agora no rock, bebê", vibrava ela, já menos discreta. Outra que naquele mesmo domingo, 15, contava que não queria roubar os holofotes do marido, **JOÃO LUCAS,** 25, "mas só trabalhar", era **SASHA MENEGHEL,** 26, contratada para fazer publicidade de marcas patrocinadoras do evento. Dona agora de uma grife, ela desabafava aos que a abordavam: "Não paro. Até aqui continuo resolvendo coisas no telefone". Encontrou, porém, uma brecha para acompanhar a exibição de João, a quem atribui uma "voz de anjo". "Ele está investindo na carreira dele e eu na minha", fazia questão de esclarecer. ■


INSTAGRAM @SASHAMENEGHEL

LUZ, CÂMERA, DIVÃ

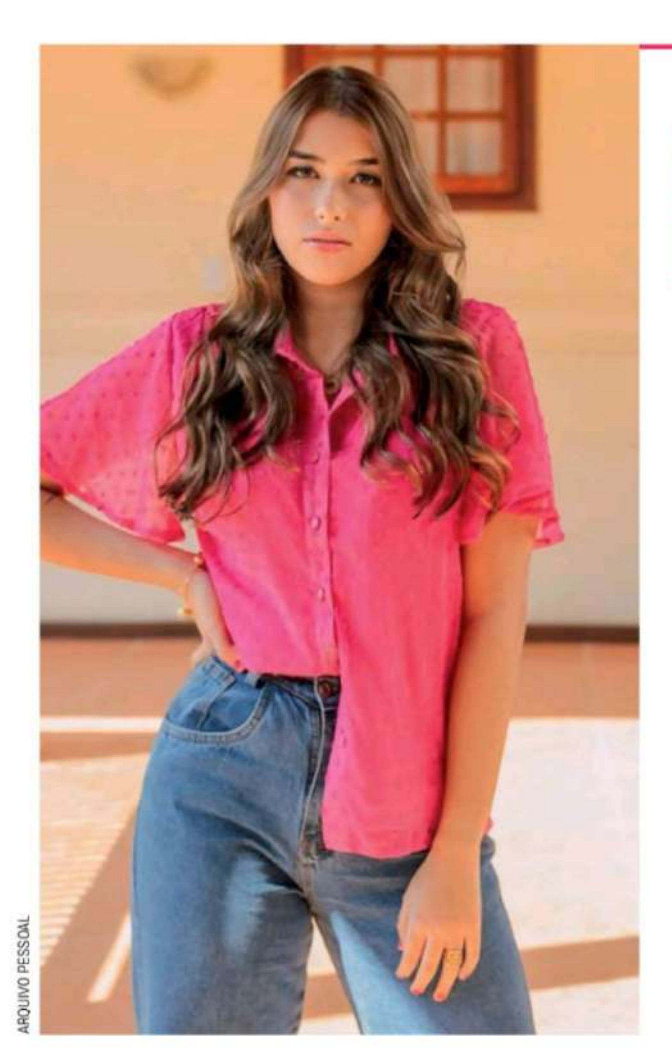
Capitaneada pela jovem geração Z, a polêmica tendência de postar vídeos de sessões de terapia é embalada pela incessante busca por aprovação nas redes e preocupa os especialistas por não preservar o princípio da privacidade

PAULA FREITAS E **DUDA MONTEIRO DE BARROS**



No início do século passado, Sigmund Freud (1856-1939) apresentou, diante dos olhos atentos dos alunos da Universidade de Viena, na Áustria, o nascimento de um novo campo de estudos que se debruçava sobre o inconsciente: a psicanálise. Na ocasião, ressaltou a importância de uma "ligação emocional especial" entre médico e paciente, de modo que este, quando se deitasse no divã, se sentisse confortável para revelar o lado "mais profundo de sua vida mental", o que ocultava de outras pessoas e "não admitia nem a si próprio". Aquele deveria ser um tratamento, Freud alertou, "aplicável a uma única pessoa e jamais a todo um auditório de estudantes". Pode-se imaginar então o susto do pai da psicanálise se fosse teletransportado para o presente e se deparasse com um fenômeno recente e em acelerada proliferação: uma multidão de jovens, a maioria da chamada geração Z, vem cultivando o hábito de gravar e postar trechos de suas sessões de terapia nas redes sociais.

Ao contrário de seus pais e avós, que pouco comentavam ou simplesmente escondiam as idas ao terapeuta, essa turma não tem problema em assumir que, sim, procura ajuda para tratar da saúde mental, uma positiva quebra de tabu. A exposição nas redes, no entanto, embute questões éticas e problemas sérios. A porta de entrada dos vídeos é o TikTok, onde se tornaram trends entre usuários nos seus 20, 30 anos — os responsáveis por fazer com que a hashtag #therapy, usada mundo afora, acumule mais de 2,7 milhões de publicações.



ARQUIVO PESSOAL

O PSICÓLOGO DEU AVAL

Um dos temas que mais vêm à baila nas sessões da influencer **Clara Borrelli,** 19 anos, é a ansiedade que a imagem que projeta nas redes lhe causa. "Grande parte dos meus problemas tem relação com isso", admite ela, que, com a permissão do terapeuta, posta trechos do papo entre os dois e se sente bem.

As gravações curtas exibem momentos pinçados da sessão, sempre realizada em modo remoto, incluindo puxões de orelha, conselhos e tiradas divertidas. O rosto e o nome do terapeuta não são revelados, e alguns omitem até a voz do profissional, publicando apenas suas próprias falas. "Editei o vídeo e deixei só as partes engraçadas, com as quais outras pessoas poderiam se identificar. Sei até onde me expor", diz a designer de moda Laura Roriz, 20 anos, autora de um filmete que hoje soma quase 50 000 visualizações. Detalhe: ela ainda não abordou o assunto com sua psicóloga.



ARQUIVO PESSOAL

AGITANDO BANDEIRA

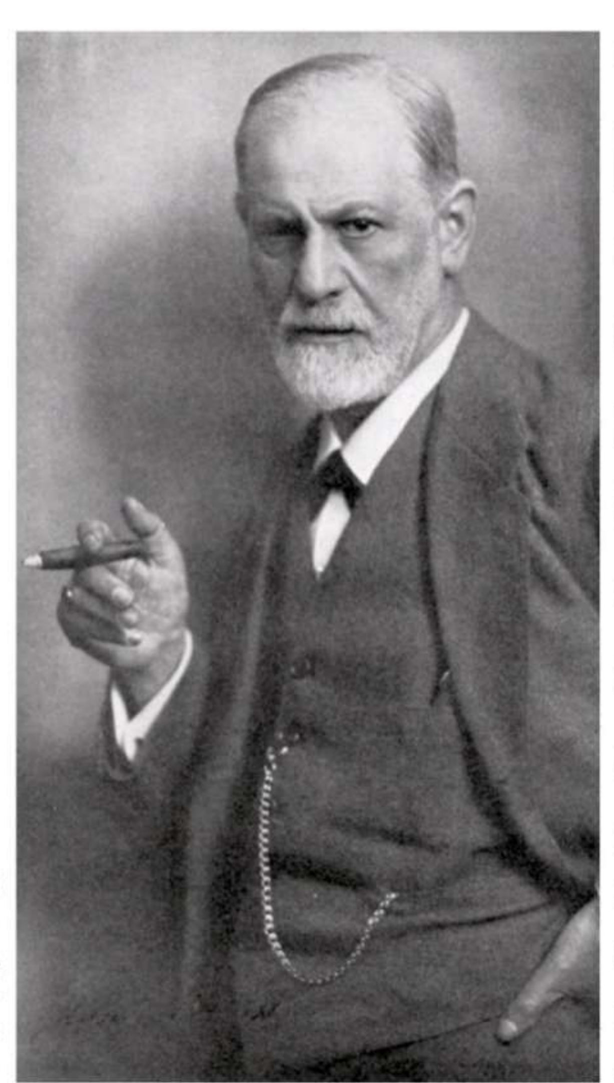
A atriz **Beatriz Jordão,** 20 anos, acha que, ao compartilhar vídeos de suas consultas, dá sua contribuição para colocar os males da mente sob os potentes holofotes virtuais. "Acho que ajuda a mostrar a terapia como algo leve e divertido", diz ela, que tem mais de 5 milhões de

Expor nas redes alguém que não sabe que está sendo gravado, além de indecoroso, é crime, mesmo que o nome e o rosto não sejam mostrados. "Esse é um fenômeno visto com preocupação, que pode gerar um processo caso o psicólogo sinta que foi de alguma forma prejudicado", observa a vice-presidente da Sociedade Brasileira de Psicologia, Katie Almondes. Pior ainda se o terapeuta for identificado e acabar submetido, à revelia, ao escrutínio do tribunal da internet. "Filmar e publicar rompe o acordo de confidencialidade e impede que haja uma troca li-

vre e sincera entre analista e paciente", alerta a presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, Ruth Naidin.

Além de escancarar as portas do sigilo terapeuta-paciente, a brincadeira pode também pôr em risco os avanços conquistados a duras penas nas consultas. Sessões de terapia vasculham traumas, memórias trancadas a sete chaves, falhas a serem contornadas e dificuldades do cotidiano que, trazidos à potente luz das redes, em maior ou menor escala, podem transformar um percurso de autoconhecimento em uma performance para a plateia digital. "O risco é colocar a opinião dos seguidores à frente das reflexões propostas por profissionais", alerta o psicólogo Cristiano Nabuco. "Compartilhar a terapia cria uma série de interferências paralelas, que prejudicam o processo", acrescenta. Ao fincar os pilares da psicanálise, o próprio Freud enfatizou: "Essas informações dizem respeito àquilo que é mais íntimo em sua vida mental, a tudo aquilo que deve ocultar de outras pessoas", registrou, sobre a relevância seminal da privacidade no percurso psicanalítico.

Ao mergulhar no crescente universo dos vídeos em que a terapia é exibida a tão vasta audiência, encontram-se depoimentos que refletem aflições mais imediatas ("Não sei se quero um emprego, a relação com meus chefes tem me estressado"), até dilemas mais densos ("Fico apaixonada a ponto de criar uma dependência emocional"). Os fatores que movem uma pessoa a devassar momentos de tamanha


PRINT COLLECTOR/GETTY IMAGES

“Essas informações dizem respeito àquilo que é mais íntimo em sua vida mental, a tudo aquilo que deve ocultar de outras pessoas.”

O austríaco Sigmund Freud (1856-1939), sobre a relevância da privacidade no processo clínico psicanalítico

inflexão e intimidade têm raízes na forma como as novas gerações, nascidas e criadas no mundo digital, se relacionam com ele. Há fortes indícios de que, imersos nos labirintos da internet, os jovens se sentem mais solitários — um de cada três assim se definiu em uma recente pesquisa global da plataforma YouGov. Daí a propensão a saírem em busca de audiência virtual, ainda que, em muitos casos, ela acabe por reforçar a sensação de isolamento. Outro vigoroso impulso a fazer circular por ali a conversa com o

terapeuta tem a ver com o afã de acumular likes, seguidores, engajamento — uma (para lá de questionável) medida de sucesso dos tempos atuais. "É uma forma de obterem aprovação e tornarem a própria vida um espetáculo", afirma o sociólogo Rafael Silva.

Muita gente nesse rol dos que exibem trechos de sua terapia também justifica estar imbuída de uma bandeira: incentivar os outros a tratar da cabeça. São afinal eles, os jovens, os mais acometidos por transtornos de saúde mental em quase toda a parte do mundo, inclusive no Brasil, segundo o relatório Panorama da Saúde Mental, do Instituto Cactus, em parceria com a AtlasIntel. Adepta de compartilhar seu dia a dia nas redes, a atriz Beatriz Jordão, 20 anos, integra o pelotão que expõe as sessões com a psicóloga. Contabilizando mais de 5 milhões de seguidores, ela alcançou, em um único vídeo, 180 000 visualizações. "Os comentários me surpreenderam. Várias pessoas falaram sobre aquilo ter lhes despertado a vontade de fazer terapia", diz.

Há casos em que a transposição do divã para o TikTok é feita com consentimento e aprovação do terapeuta. "Antes de gravar, contei ao psicólogo meu desejo de participar da onda e ele permitiu", conta a influencer Clara Borrelli, 19 anos, que é acompanhada por 210 000 seguidores. "Grande parte dos meus problemas está relacionada às redes sociais e sempre tratamos disso nas sessões." Pode ser moderno — mas é pouco provável que Freud achasse útil e positivo. Certamente, não. ■



LUCILIA DINIZ

A SABEDORIA DO CORPO

Perceba os sinais que seu organismo emite e surpreenda-se

HÁ POUCO TEMPO, um orangotango na Indonésia impressionou o mundo ao tratar de uma ferida de luta com uma pasta de folhas feita por ele mesmo. Gorilas no Gabão sabem cuidar de suas infecções com plantas e ervas, capazes, segundo estudos, de liquidar até superbactérias.

Os feitos farmacêuticos dos grandes primatas me lembraram de uma frase que escutei há vários anos e que nunca mais me abandonou: o corpo é mais antigo e mais sábio que a mente.

Talvez algo nessa linha de pensamento tenha levado os cientistas a, diante desses fatos, olharem para esses animais e se questionarem sobre quais outros segredos eles poderiam guardar. Como terão alcançado esse conhecimento sobre seus corpos? Não haveria aí algo de especial que pudéssemos aprender com eles?

Ao longo da história humana, a mente foi com muita frequência reafirmada como a nossa essência, o que orienta a vida, muito superior ao corpo — como se esse fosse

mero acessório daquela, uma carcaça para carregar o que de verdade importa. Segundo essa concepção, o que vai dentro é que manda. Ao corpo caberia se deixar disciplinar. Ele seria apenas o "braço operacional".

Eu, no entanto, me permito discordar e afirmar que, se ouvirmos com cuidado, o corpo sabe, sim, apontar suas necessidades e os caminhos para atendê-las.

Em uma de suas muitas cartas, o poeta Rainer Maria Rilke, já maduro, escreve a uma jovem que o havia procurado pedindo conselhos: "Não sou daqueles que negligenciam o corpo a fim de fazer dele uma oferenda para a alma". Empregando a fé cega na razão, essa característica que define a posição única dos humanos, nos distanciamos de nós mesmos como objeto de estudo.

Será que não compartilhamos uma sensibilidade ou uma sabedoria natural com outros seres vivos? Talvez o que

"Não digo que nós devamos correr para o jardim e para a horta em vez de ir ao médico e à farmácia"

chamamos de intuição seja uma forma particular do mesmo instinto que permite aos gorilas saber que árvores como a sumaúma e a figueira ajudam a combater o mal-estar.

Não digo que nós devamos correr para o jardim e para a horta em vez de ir ao médico e à farmácia. Mas, sim, que precisamos estar mais atentos ao que nosso corpo comunica.

Por anos, eu mastiguei cravo-da-índia quando precisava de foco. Ninguém me disse para fazer isso. Eu apenas sentia que funcionava. Hoje, o óleo essencial dessa especiaria é indicado para ajudar a concentração.

O mesmo vale para uma relação que estabeleci ao me expor ao sol. Licopeno e betacaroteno ainda não eram palavras tão conhecidas quando percebi que ganhava uma cor mais saudável se, antes da piscina ou da praia, tomasse um suco de tomate.

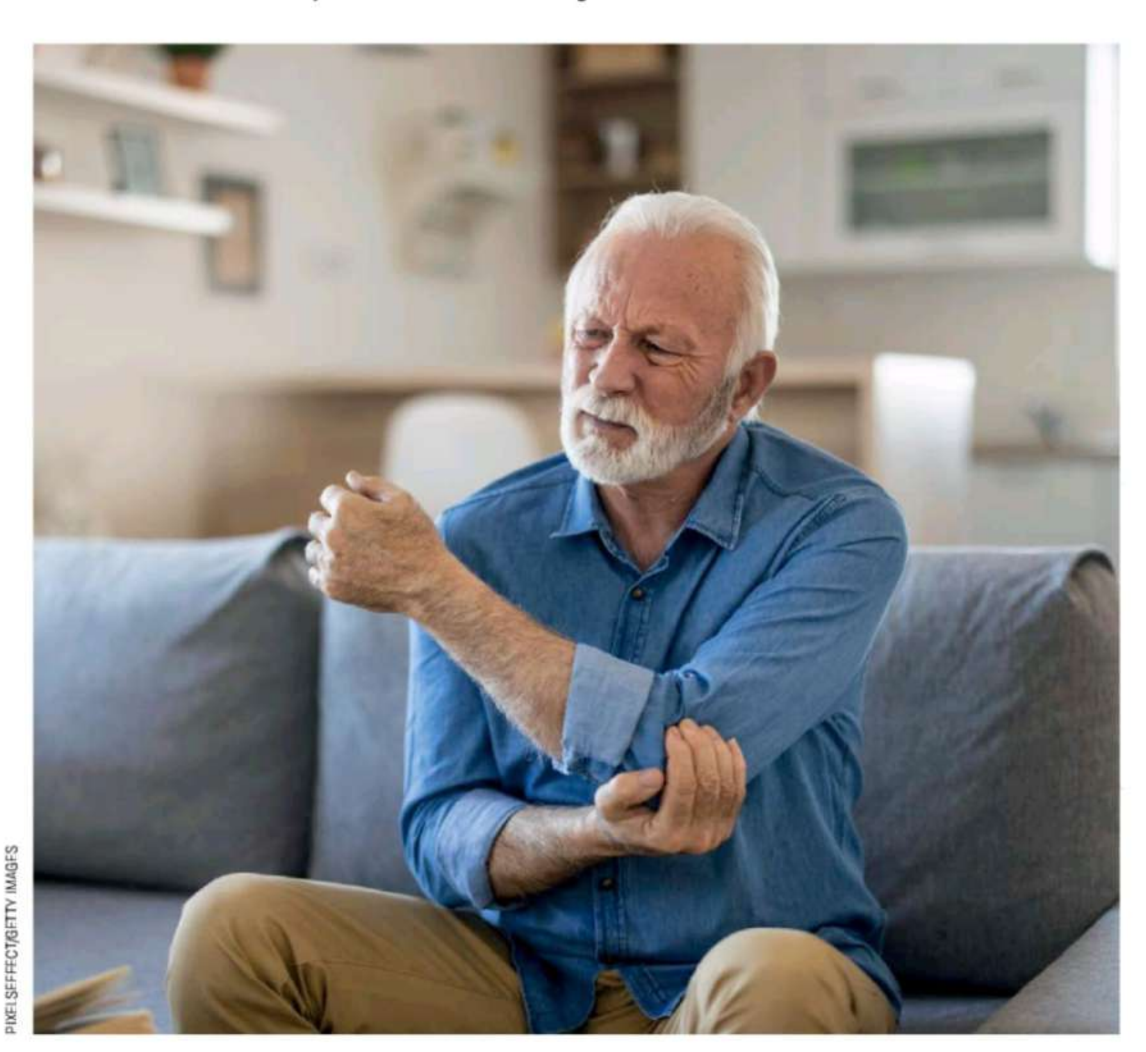
Diferentemente dos gorilas e orangotangos, dispomos da ciência, de médicos, de laboratórios, de químicos sintetizados. Não precisamos mastigar plantas para aplicar sobre a pele baseando-nos apenas no aprendizado empírico.

Mas, como eles, somos capazes de dar atenção aos cinco sentidos e ver como o mundo ao redor nos toca. Podemos entender muita coisa sem precisar o tempo todo do saber. É importante observar como reage a superfície desse corpo, que prefiro chamar de “guia silencioso”. ■

CONTROLE EM GOTAS

Especialistas estabelecem um novo limite para os níveis de ácido úrico no organismo, um passo decisivo na contenção das dores nas articulações causadas por uma doença milenar **PAULA FELIX**

PIXELSEFFECT/GETTY IMAGES



AGULHADAS Crise: cristais de ácido úrico se acumulam nas juntas e deflagram sofrimento ao longo de dias

SUAS MARCAS foram encontradas nos pés de múmias egípcias com mais de 4 000 anos de idade. E a descrição remonta a textos deixados por gregos e romanos, com destaque para as obras dos precursores da medicina ocidental, Hipócrates (460 a.C.-377 a.C.) e Galeno (129 d.C.-216 d.C.). A dor lancinante e a peculiaridade de atacar os que podiam se deleitar com banquetes e os prazeres de Baco, o deus do vinho, vincularam a doença a reis e nobres. Fora os monarcas medievais, figuras históricas como Cristóvão Colombo (1451-1506) se queixaram das agruras da gota, uma inflamação nas articulações provocada pelo acúmulo de cristais de ácido úrico. Hoje bem mais tristemente democrática, ela afeta ao menos 2% da população adulta, prevalência que galga degraus se a vítima for homem e estiver acima dos 50 anos. Ao menos a ciência evoluiu para domá-la. Eis a proposta de uma diretriz recém-publicada pela Sociedade Brasileira de Reumatologia (SBR), que aponta um novo limite, ainda mais preciso, para os níveis de ácido úrico no sangue, a fim de podar o incômodo que pode resultar na deformação das juntas.

A hiperuricemia, fenômeno que semeia as crises, ocorre em um intricado processo que envolve o metabolismo das purinas, moléculas existentes no DNA e no RNA, e que fazem parte de alimentos, sobretudo carnes vermelhas, miúdos, frutos do mar e refrescos açucarados, além de estarem presentes em bebidas alcoólicas (fermentadas ou destiladas) e em alguns medicamentos, como diuréticos. Em pessoas saudáveis,

com uma rotina equilibrada e sem propensão ao quadro, o organismo trata de eliminar o excesso. Nos pacientes com gota, porém, o ácido úrico fica retido e começa a se depositar em tecidos como os rins, a pele e as articulações, onde causa a pane inflamatória e dolorosa. Nas crises, o incômodo se deve ao fato de que a substância se cristaliza como agulhas que atormentam o dedão do pé, o tornozelo ou o cotovelo.

A NOVA DIRETRIZ

A recomendação para pacientes com gota é não ultrapassar o valor de referência recém-definido no exame de sangue



2%

É O ÍNDICE ESTIMADO DA POPULAÇÃO MUNDIAL ADULTA QUE TEM O PROBLEMA

COMO ERA

Resultados de exames mostravam como normais os níveis séricos de ácido úrico entre 3,4 e 7 mg/dL

COMO VAI FICAR

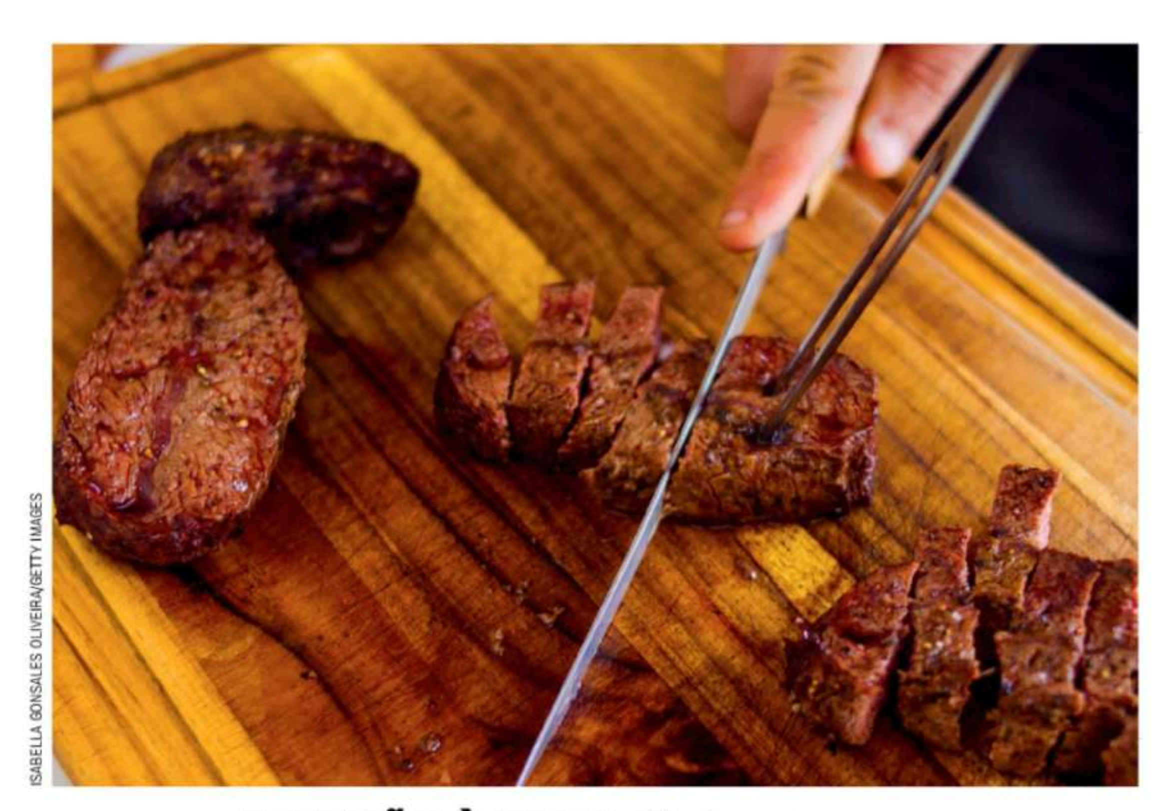
Será incluída uma observação indicando que, em pacientes com gota, o índice deve ser inferior a 6 mg/dL

Fonte: *Geraldo Castelar, membro da Comissão de Artropatias Microcristalinas (Gota) da Sociedade Brasileira de Reumatologia (SBR)*


UNIVERSAL IMAGES GROUP/GETTY IMAGES

CLÁSSICO Dedão do pé: parte do corpo mais afetada pelo mal

Após décadas de estudos, hoje o controle do problema é feito com medidas e remédios para reduzir a produção do ácido úrico ou incentivar seu expurgo. Contudo, ele continua sendo uma pedra no sapato de pacientes e médicos. “Essa estratégia é teoricamente perfeita. Mas no dia a dia o resultado é péssimo”, afirma o reumatologista Geraldo Castelar, membro da SBR e um dos autores do documento. Para piorar, a maioria dos pacientes é do sexo masculino, população conhecida por ir menos aos consultórios e não aderir com afinco a tratamentos e mudanças no estilo de vida. “Apenas a crise aguda é tratada, e não a causa da gota”, diz Castelar.


ISABELLA GONSALES OLIVEIRA/GETTY IMAGES

ATENÇÃO À DIETA Moderação: carne vermelha e álcool estão ligados ao problema

O gargalo está em fazer o controle antes que os ataques prejudiquem as juntas. Castelar e outros pesquisadores brasileiros se aprofundaram nos níveis séricos de ácido úrico da população em geral, índice que varia de 3,4 a 7 mg/dL, e, com base na literatura científica sobre o tema, elaboraram a diretriz que passa a indicar a marca de 6 mg/dL como o nível a não ser ultrapassado por pessoas com histórico de gota. A meta será descrita no laudo dos exames de sangue nos laboratórios.

Apesar de seus efeitos serem retratados há milênios, a hiperuricemia bebe da fonte de condições e hábitos típicos da vida moderna, como obesidade, sedentarismo, dieta

inadequada, colesterol alto... "O metabolismo da população piorou muito e o valor do ácido úrico reflete isso", diz Castelar. As crises de gota, que chegam a durar dez dias, podem ser, assim, a ponta do iceberg de um processo sistêmico capaz de abalar da saúde renal à cardiovascular.

Ter noção do índice a ser mantido pode mudar a rotina de profissionais, pacientes e familiares, que terão ao alcance das mãos um marcador de quando será necessário intervir e iniciar as medicações antes de penar com os sintomas. É algo que já ocorre em outras circunstâncias. "Bons exemplos são os níveis de colesterol, glicemia e hemoglobina glicada. O paciente presta atenção para chegar ao nível recomendado", afirma o patologista Luís Eduardo Coelho, da Sociedade Brasileira de Patologia Clínica/Medicina Laboratorial, que também assina a diretriz. "O valor é objetivo e tende a levar a um comportamento virtuoso." Nesse sentido, com informação e um plano de ação, as dores e deformações que tanto afligiram a humanidade podem se tornar, quem sabe, um capítulo do passado. ■

MARIAN VALENTE





OS INDÍGENAS AINDA SÃO MUITO ROTULADOS

Modelo internacional e estrela da Globo, Dandara Queiroz revela os desafios para superar os preconceitos



DANDARA é um nome africano, vem da mulher de Zumbi, Dandara dos Palmares. Mas a minha origem é indígena, tupi-guarani. Na aldeia Tabaçu, em Itanhaém (SP), onde criei minha conexão com a comunidade, me chamam de Ipuara, "o tempo dos sons sagrados". Mas, tal qual a companheira de Zumbi, tenho o desejo de liberdade e respeito aos povos originários, e de força para lutar por isso. É claro que os tempos são outros, mas infelizmente o desrespeito ainda existe. Meu avô dizia que, quando descobriam que era indígena, era visto como escravo. Por isso, foi motivo de vergonha. Eu mesma já sofri muito preconceito. Nasci em Araçatuba, interior de São Paulo, mas cresci em uma cidade pequena, Três Lagoas, em Mato Grosso do Sul. Quando era pequena, na escola, sempre ouvia coisas do tipo "índio

não pode ter iPhone" ou "daqui a pouco vai fazer uma fogueira". Essas coisas sempre existiram na minha vida, mas não tinha consciência de que me desrespeitavam.

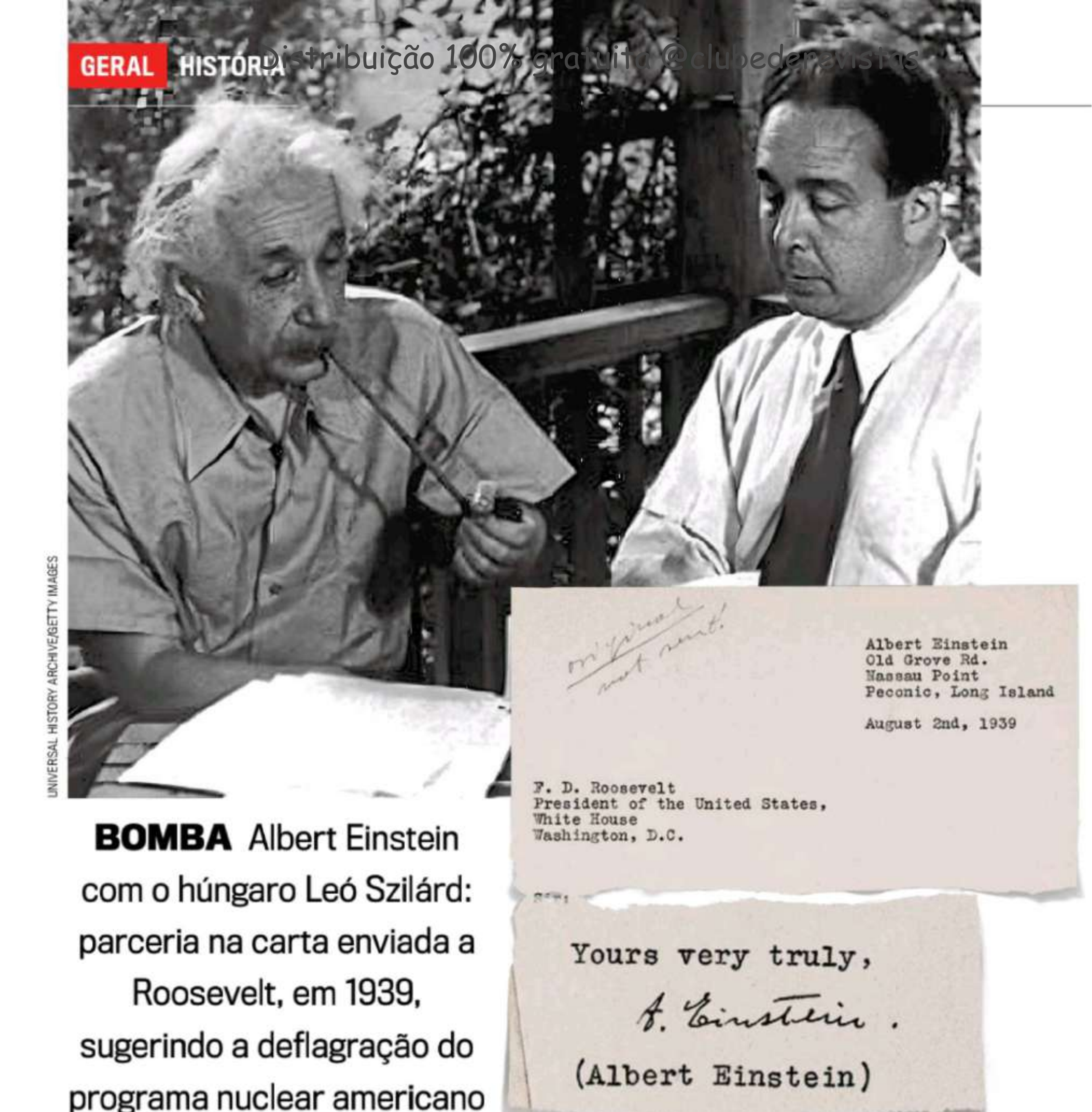
A gente já nasce com uma cultura colonizadora de alienação, que dificulta o entendimento de que estão desdenhando da sua essência. Conforme fui crescendo, entendi que era desrespeito. Há pessoas que não fazem por mal, claro, mas foram alimentadas pelos preconceitos. Por isso, creio, comecei minha carreira tarde. Aos 14 anos, eu quis ser modelo. Recebi não de todas as agências, que queriam meninas loiras, dos olhos claros. Segui a vida, me formei em arquitetura e urbanismo, mas a arte sempre esteve em mim. Aos 22, quase dez anos depois, arrisquei no concurso de miss da minha cidade. Ganhei, fui para o estadual, que também venci, e fiquei em quinto lugar no Miss Brasil, que me abriu portas no mundo da moda. De repente, todas as agências queriam me contratar, mas também pelo perfil de inclusão que desejavam exibir. No primeiro ano, fiz capas de revistas e editoriais de moda, inclusive internacionais. No ano seguinte, mudei para São Paulo, onde fui recordista de desfiles no São Paulo Fashion Week. Surgiu então a oportunidade de ir para a Alemanha, outro choque de realidades — lá tive ansiedade e compulsão alimentar, o que me desestabilizou.

Meus pais me apoiaram, não me deixaram desistir. Ainda bem, porque essa visibilidade na moda chamou a atenção da Globo, que me convidou para participar do docu-

mentário *Falas da Terra*, para o qual ainda ajudei a compor a trilha sonora, e da novela das 6, *No Rancho Fundo*. Até hoje, porém, ainda é difícil acreditar que estou na TV, especialmente porque as oportunidades ainda são pequenas. Os indígenas ainda são muito rotulados, estereotipados. Atores têm que fazer papel na floresta ou músicos precisam compor canções sobre natureza. A mulher indígena também é muito sexualizada, pela ideia de que usa poucas roupas. Pensam que temos menos conhecimento ou capacidade, um julgamento completamente equivocado. Eu sou modelo, atriz, canto, componho. Tenho muito orgulho da minha origem. Mesmo sabendo que muita gente vê como fantasia, o que também é uma falta de respeito, faço questão, por exemplo, de pintar meu rosto com grafismos que representam minha conexão com a ancestralidade, com a natureza. E usar meus colares de sementes que eu mesma faço e me servem de proteção.

Algo que me chateia muito é quando alguém questiona se sou indígena. É constrangedor. Sim, eu sou. E, como qualquer outra pessoa, livre para fazer o que bem quiser da vida. Neste lugar em que estou hoje, quero aproveitar minha representatividade para falar da minha cultura e valorizar meu povo. E inspirar as próximas gerações sobre quanto é fundamental entender e respeitar de onde viemos. Isso é o mais relevante, simples assim. ■

Depoimento a Simone Blanes


Albert Einstein
Old Grove Rd.
Nassau Point
Peconic, Long Island

August 2nd, 1939

F. D. Roosevelt
President of the United States,
White House
Washington, D.C.

Yours very truly,

(Albert Einstein)

UNIVERSAL HISTORY ARCHIVE/GETTY IMAGES

BOMBA Albert Einstein com o húngaro Leó Szilárd: parceria na carta enviada a Roosevelt, em 1939, sugerindo a deflagração do programa nuclear americano

A CIVILIZAÇÃO NO MARTELO

O leilão de documentos e computadores de Paul Allen, cofundador da Microsoft, é retrato das mudanças aceleradas entre o fim da Segunda Guerra e os anos 2000 **FÁBIO ALTMAN**

QUANTO VALE um arrependimento? Exatos 3,9 milhões de dólares, algo em torno de 21,7 milhões de reais. Foi esse o valor pago, na semana passada, em um leilão da casa Christie's, de Nova York, por uma carta escrita por Albert Einstein para o presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, em 2 de agosto de 1939. Não era uma missiva qualquer. O mais celebrado cientista do século XX — àquela altura já vencedor do Nobel pelos estudos com a física quântica —, pacifista até o último fio dos cabelos desgrenhados, recomendava ao americano, na antessala da Segunda Guerra Mundial, o desenvolvimento de um programa nuclear, porque a Alemanha caminhava para uma bomba atômica. "No decorrer dos últimos quatro meses, tornou-se provável estabelecer uma reação nuclear em cadeia em uma grande massa de urânio pela qual grandes quantidades de energia e grandes quantidades de novos elementos semelhantes ao rádio seriam geradas. Parece certo que isso possa ser alcançado no futuro imediato", escreveu o alemão, a quatro mãos com o húngaro Leó Szilárd. O resto é história, com o início do Projeto Manhattan, liderado por Julius Robert Oppenheimer, personagem central de um blockbuster de Hollywood no ano passado. Einstein diria depois, sucessivas vezes, ter sido o grande erro de sua vida — pelo qual se lamentaria.

A milionária correspondência ("indício do profundo impacto da tecnologia na sociedade", na definição do texto de apresentação da Christie's) faz parte de um lote de

150 unidades levado ao martelo: é parte da coleção de Paul Allen (1953-2018), empresário e filantropo, fundador da Microsoft ao lado de Bill Gates, leitor ávido, guitarrista amador de excelência e sobretudo visionário, capaz de intuir antes o que os outros veriam depois. A *memorabilia* de Allen é uma linha do tempo da revolução tecnológica que ele mesmo acelerava.

Há leilões extraordinários, reveladores da vida íntima de personagens fundamentais da sociedade, como os de Freddie Mercury, o vocalista do Queen que morreu em 1991, e o de Elton John, que se desfez de suas coisas para



X @PAULGALLEN

INOVADORES Ao lado de Bill Gates *(à dir.)*, em 1981: revolução nas telas

levar vida menos ostentatória e colorida. A exposição pública das aquisições de Allen tem uma outra camada, única e reveladora: era como se ele mesmo incrementasse as transformações, ao desenvolver computadores pessoais, e fizesse dos objetos ultrapassados pela engenhosidade totens de um tempo pretérito. Dito de outro modo: ele fazia andar a locomotiva e, logo em seguida, tratava de guardar na garagem as traquitanas que tinham sido atropeladas, sem pena nem pompa.

É o caso dos imensos mainframes (um DEC PDP-10 de 1974 foi negociado a 189 000 dólares), do Apple Lisa, de 1983 (882 000 dólares), e de um Pac-Man grandalhão, daqueles que ficavam em fliperamas



DIVERSÃO E TRABALHO
O Pac-Man, de 1980, e o Apple Lisa, de 1983: a vida como ela é

(10 000 dólares). Resumo da ópera: Allen, de mãos dadas com Gates e concorrentes como Steve Jobs, puxava a linha do tempo, fazendo velho o que mal tinha nascido. O resultado final da oferta da Christie's: 18 milhões de dólares, agora com compradores que preferiram se manter no anonimato e que levaram pedaços da civilização que começou com as linhas tortas de Einstein e culminou, por ora, na internet, nas redes sociais, nos smartphones e na inteligência artificial. Mas vem mais por aí, é óbvio, embora nunca, na trajetória da humanidade, tenham se dado tantas mudanças em tão pouco tempo, a partir do fim da guerra e da virada para os anos 2000 — mais do que no século XV, quando o alemão Johannes Gutenberg desenvolveu a máquina de impressões feita com tipos móveis, ou no apagar das luzes do século XIX, momento em que o americano Thomas Alva Edison acendeu a primeiríssima lâmpada elétrica, e nada seria como antes.

Allen, que gostava de refletir o que desfilava diante de seus olhos — em postura diferente da de Gates, de pôr a mão na massa, e ponto — intuía viverem um período decisivo e voraz. "O possível está sendo constantemente redefinido", dizia. "Preocupo-me profundamente em ajudar a humanidade a avançar." Preocupava-se, também, sabemos agora, em deixar um legado de conhecimento, como se fosse uma enciclopédia viva de inovações erguidas para melhorar o cotidiano — e, claro, acender o perigoso rastilho de pólvora de indagações éticas em torno do amanhã. ■



UM GRANDE PASSO PARA A HUMANIDADE

O sucesso da missão Polaris Dawn celebra o início da temporada de expedições privadas e comerciais no cosmo, em iniciativa que reascende a retomada da Lua e, quem sabe, a conquista de Marte

VALÉRIA FRANÇA

NÃO ECOA como "a Terra é azul" do major soviético Yuri Gagarin em 1961, ao dar uma volta no planeta a bordo da cápsula Vostok 1. Não se trata de pôr em pé de igualdade com a frase de todas as frases, "Um pequeno passo para o homem, um grande salto para a humanidade", definição de Neil Armstrong para aquele momento em julho de 1969.

REPRODUÇÃO

NO ÉTER
O bilionário Jared Isaacman sai da cápsula: caminhada de dez minutos em ambiente inóspito

Mas, ao dizer, linda e calmamente, em palavras evidentemente depois postadas nas redes sociais (à exceção do X no Brasil, fora do ar), que "sair e ver o limite do mundo é absolutamente incrível", a engenheira Sarah Gillis, da missão privada Polaris Dawn, fincou uma bandeira histórica no imaginário da humanidade, e foi ainda mais longe.

Marcou o início de uma novíssima era, sinônimo de ponte para o futuro, das missões espaciais privadas. É momento extraordinário.

O feito, depois de cinco dias em órbita e direito a caminhada no éter: pela primeira vez uma tripulação com quatro astronautas civis passeou pelo cosmo. E nunca, desde que fomos à Lua, chegou-se a altitude tão elevada *(veja no infográfico ao lado)*. O grupo da Polaris Dawn ultrapassou a altura da Estação Espacial Internacional, depois a dos satélites e em seguida a do Telescópio Espacial Hubble. Parou a 1 400 quilômetros de distância da Terra. O sucesso da empreitada foi celebrado como a retomada da era dourada das conquistas nos anos 1960 e início dos anos 1970, depois abandonadas. Mas deve-se, sobretudo, aplaudir o empenho do dinheiro privado de mãos dadas com incentivos públicos alocados pela Nasa, a agência espacial americana. É capítulo interessante demais para ser desdenhado.

Por trás da louvável extravagância está o bilionário Jared Isaacman, fundador da empresa de pagamentos Shift4, comandante e financiador da missão e, agora, o primeiro não militar a caminhar pelo espaço. Piloto experiente com recordes de voos de velocidade, ele foi apoiado pela SpaceX, do lunático Elon Musk, para quem transferiu uma quantia estimada em 200 milhões de dólares. Foram anos de treinamento da equipe e de desenvolvimento de novas tecnologias. O aporte de Isaacman

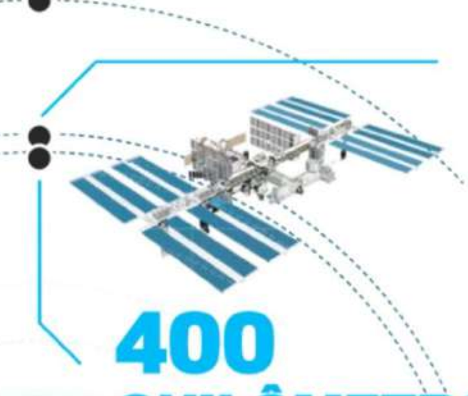
AO INFINITO E ALÉM

Desde a viagem da Apollo 13, em 1970, o homem não chegava tão distante da Terra como agora, com o Falcon 9, da Polaris Dawn



1400 QUILÔMETROS
FALCON 9

547 QUILÔMETROS
TELESCÓPIO ESPACIAL HUBBLE DE OBSERVAÇÃO DO PLANETA



402 QUILÔMETROS
SATÉLITES QUE ORBITAM NO ESPAÇO

400 QUILÔMETROS
ESTAÇÃO ESPACIAL INTERNACIONAL



TERRA

serviu para a construção do foguete Falcon 9 e da cápsula Crew Dragon, que já foi utilizada pela Nasa para outras finalidades. "A missão Polaris Dawn prova que pessoas comuns podem alcançar o espaço, embora precisem ter bilhões no bolso", diz Leandro Russovski Tessler, professor de física da Unicamp.

A missão deixa um legado de inovações. Celebra-se o desenvolvimento de um traje espacial diferente dos usados pelos astronautas profissionais. A tecnologia empregada deu mais mobilidade e flexibilidade à vestimenta, sem diminuir a capacidade de resistência em ambientes hostis. Ela foi projetada com tecidos inteligentes, capazes de gerenciar a temperatura. Ganhou um zíper que ajuda na hora de vestir. E é conectada a um cabo, batizado de cordão umbilical, de 5 metros de comprimento, que sai da nave para fornecer oxigênio, remover dióxido de carbono, além de regular a temperatura e a umidade. O capacete tem uma espécie de óculos de realidade aumentada, o head-up display (HUD), tecnologia já usada em alguns carros de luxo, que exibe dados vitais, como pressão e oxigênio, no visor.

O objetivo principal da caminhada espacial de Isaacman e de Sarah, dupla escolhida para sair da nave, foi justamente testar o traje em ambientes de microgravidade e vácuo, experiência essencial em missões mais longas e, portanto, mais arriscadas. Eles ficaram apenas dez minutos do lado de fora, tempo suficiente para estudos vi-

gorosos. Para Sarah, em comentário algo irônico, algo ingênuo, “o tempo passou muito rápido”. Mas é apenas o começo de uma aventura sem fim.

Dá-se o fascínio porque a expedição ajuda a pôr à prova as alterações que condições tão diversas podem provocar no ser humano. Nosso organismo não é preparado para viver em locais sem gravidade, ou com microgravidade, como o da Estação Espacial Internacional. Lembre-se que o astronauta Marcos Pontes, que depois seria ministro de Jair Bolsonaro, voltou surdo de uma de suas explorações espaciais. Atualmente, ele usa aparelho auditivo. “O resultado dos testes, agora, vai ajudar na preparação das próximas viagens já programadas”, diz Tessler, da Unicamp. Há outras três expedições na agenda da SpaceX.

O objetivo é ganhar capacidade, tração e conhecimento para reposicionar o ser humano na Lua e, quem sabe — eis o sonho dos sonhos —, pousar em Marte, em iniciativa ainda improvável, mas desenhada. Musk nunca escondeu essa ambição e, ao menos nessa estrada, tem provocado menos ruído do que em seus rolos e exageros no comando do X e desmandos no controle da Tesla, cujo carro autônomo parece derrapar, antes de vir a se tornar realidade palpável. Aplaude-se, acima de nossa cabeça, a postura do sul-africano por tentar acelerar uma quimera da humanidade que andava adormecida. Nessa trajetória, o passeio da Polaris Dawn e da tripulação sem medalhas militares merece ser celebrado como início de uma temporada especial. ■

FIM DE UMA ERA

É imenso o legado de programas como *Top Gear* e depois *The Grand Tour*, gênese e inspiração de animadas reportagens automotivas na televisão

ANDRÉ SOLLITTO



A ÚLTIMA VIAGEM Clarkson *(à esq.)*, May e Hammond: aventura no Zimbábue e em Botsuana

AMAZON MGM STUDIOS


BBC WORLDWIDE

ORIGEM O trio de apresentadores em 2014: influência longeva

DURANTE 22 ANOS, os apresentadores britânicos Jeremy Clarkson, James May e Richard Hammond exploraram os limites dos programas de carros na televisão. Viajaram para destinos incríveis a bordo de veículos icônicos, testaram os esportivos mais impressionantes e ajudaram a popularizar a cultura associada ao ato de dirigir. Agora, estão encerrando de vez a parceria com o último episódio de *The Grand Tour*, disponível no Amazon Prime. Trata-se de uma épica expedição pelo Zimbábue e por Botsuana, na África, ponto final de aventuras divertidíssimas. "Estou ficando muito gordo e velho para dirigir os carros que gosto e não estou interessado em dirigir aqueles que não gosto", diz Clarkson, ao justificar, com humor, a decisão de desligar os motores.

Os três começaram a trabalhar juntos em *Top Gear*, da emissora britânica BBC. O programa, originalmente veiculado em 1977, foi repaginado em 2002 como uma plataforma para tratar de automóveis. Os apresentadores testa-



BBC WORLDWIDE

LARGADA *Top Gear* programa da BBC: estreia em 1977

vam lançamentos e comentavam notícias da indústria. O que tornava o modelo especial era a irreverência, tanto na maneira como faziam o trabalho jornalístico quanto nas pautas imaginadas. Embora tivesse segmentos convencionais, o programa ganhou edições especiais, pequenos filmes colados a viagens por cenários exóticos. Em cada périplo, o trio escolhia os modelos usados e se embrenhava em perrengues para chegar ao destino final. Em 2015, Clarkson foi afastado da BBC depois de brigar com um produtor. No mesmo ano, fecharia parceria com o Amazon Prime, para onde levaria os dois colegas e, juntos, virariam estrelas, ao adaptar a fórmula do *Top Gear* para o que viria a ser *The Grand Tour*. E o que se parecia com a



YOUTUBE @DONUT

INFLUÊNCIA O canal de YouTube Donut: irreverência em quatro rodas

ideia original, lá de trás, da BBC, deu um cavalo de pau em torno de expedições mirabolantes, atraindo até quem não gostava de quatro rodas.

A relevância do trabalho de Clarkson, May e Hammond foi enorme na indústria. *Top Gear* se tornou um dos maiores sucessos da televisão do Reino Unido. Tradicionalmente exibido na BBC Two, segundo canal da emissora britânica, migrou para a BBC One, o mais antigo e badalado, transmitido em outros países. Embora o Amazon não divulgue números oficias, *The Grand Tour* foi responsável por trazer milhares de novos assinantes para o serviço. O legado da trinca reverbera até hoje, e é provável servir de carbono para ideias que despontarão em breve. Canais de

YouTube como o Donut bebem da irreverência original dos apresentadores, e outros programas, como *Acelerados*, com Rubens Barrichello, exploram as voltas rápidas popularizadas no *Top Gear* e repaginadas em *The Grand Tour*.

A trajetória dos três, no entanto, também foi marcada por uma dose generosa de polêmicas — o que só faz alimentar o mito eletrônico. As piadas e os comentários, muitos deles preconceituosos, atraíram a fúria de uma parcela do público. Clarkson, em especial, é uma figura controversa. Suas visões políticas, ambientais e sociais estão longe de ser unanimidade, de mãos dadas com estúpido conservadorismo. Para uma parcela dos críticos, o final da parceria chegou tarde e não há mais espaço para a postura inconsequente dos apresentadores.

O encerramento de *The Grand Tour*, no entanto, não significa o sumiço definitivo dos três criadores da televisão e do streaming. Clarkson tem um programa de sucesso no Prime atrelado a seu trabalho à frente de uma fazenda na Inglaterra. May tem outra série na plataforma, voltada para o turismo, e mostra talento como youtuber. Hammond também mantém um canal na plataforma de vídeos. Mas aquela fagulha original que tornou o jornalismo de carros na televisão tão instigante se apagou de vez. Pena. ■



UMA AVENTURA BRILHANTE

Dono da coleção de joias mais cobiçada do mundo, o japonês Kazumi Arikawa lança livro em que exibe 250 peças que contam um deslumbrante capítulo de nosso tempo **SIMONE BLANES**



VALOR INESTIMÁVEL Entre tiaras e camafeus: peças da coleção abrangem itens da Antiguidade ao século XX, reunindo legados e símbolos de diversas culturas e civilizações; para seu proprietário, as pedras preciosas representam a "cristalização do espírito humano"

FOTOS NILS HERRMANN/PRIVATE COLLECTION/ÉDITIONS FLAMMARION

NO CASO DE AMOR entre a atriz Wallis Simpson (1896-1986) e o rei Eduardo VIII (1894-1972), que abdicou do trono em 1936 para ficar com a plebeia, o fato de ela ser uma americana divorciada não era o único a irritar a monarquia britânica. Sua enorme coleção de joias, boa parte delas presentes dados pelo então príncipe, também era motivo de incômodo — a coleção era maior e mais preciosa que a da própria rainha. Depois da morte da duquesa que estorvou a realeza, parte do seu panteão de brilhantes e dourados foi leiloada por 50 milhões de dólares. Outra atriz, Elizabeth Taylor (1932-2011),

arrematou um broche de diamantes, item incorporado ao seu cipoal de adornos espetaculares, alimentado por Richard Burton (1925-1984), com quem ela se casou duas vezes. "Eu apresentei Liz à cerveja, ela me apresentou à Bulgari", brincou o ator certa vez. O acervo da diva de olhos turquesa alcançou em leilão a estratosférica cifra de 137 milhões de dólares.

Contudo, apesar do estardalhaço dos ornamentos de Wallis e Liz, inigualáveis, nos últimos dias ganhou relevo o conjunto reunido pelo japonês Kazumi Arikawa, de 72 anos, tema de um livro com lançamento previsto para o início de outubro: o luxuoso volume *Divine Jewels: The Pursuit of Beauty* (ainda sem edição em português). Arikawa passou metade da vida construindo uma galeria com alguns dos mais suntuosos exemplares da história da joalheria. Parte das mais de 500 peças, guardadas no Catar, em exposição permanente, é fruto de muita dedicação — e dinheiro, é claro. Ele teve o estalo inaugural de sua frenética busca depois de um momento epifânico no Victoria & Albert Museum, em Londres, em 1982, onde trabalhava como negociante de antiguidades. A partir daquele momento não parou mais, ao reunir unidades que nascem na Antiguidade e chegam até meados do século XX, de diferentes culturas e civilizações. É uma aula de história tingida de elegância.

As tiaras, com o perdão da metáfora, são a joia da coroa. Arikawa é o proprietário de uma das quatro unidades à base de diamantes Fabergé existentes no mundo — seu valor corresponde a praticamente metade de todo o arsenal de bri-


LOUIS TERAN/ÉDITIONS FLAMMARION

O COLECIONADOR Arikawa: instinto e emoção por trás das obras

lhantes na posse do amealhador. O japonês também é fã de camafeus, que considera esculturas em miniatura. "O item mais valioso na coleção Médici do século XV não era uma pintura ou estátua, mas um camafeu", diz o colecionador, que tem cerca de cinquenta, a maioria dos séculos XVIII e XIX.

Como budista praticante — ele passou dois anos de sua vida como monge em um templo zen —, o empresário sempre apreciou a forma como as divindades são adornadas com brilhantes, algo que alimentou ainda mais sua paixão por pedras preciosas. Foi com essa ideia em mente que ele conquistou, no início da carreira, a confiança de mercadores de Tóquio e gerentes bancários. O sucesso o levou a Londres — o centro do mundo das joias antigas nos anos 1980 —, onde conheceu a historiadora Diana Scarisbrick, que o apresentou a outros negociantes do métier.

Animado, ao transformar o que seria um hobby em arte, celebrado por instituições de todo o mundo, Arikawa continuou comprando, vendendo e emprestando para exposições. Ainda hoje, recebe os maiores curadores de museus do planeta, com cerimônias de chá ao som de cantos gregorianos. Uma joia o toca, ele diz, de forma instintiva. "Não preciso de conhecimento. Ou ela faz meu coração tremer ou não faz", sentenciou o japonês, que inaugurou há pouco um showroom em Paris.

Incansável, Arikawa acredita que os berloques chegam até ele quase por "mágica", em atração imparável. Em sua coleção, além das prediletas tiaras, disputam atenção brincos de ouro helenísticos, pingentes renascentistas, o colar com 26 esmeraldas da imperatriz russa Catarina II, a Grande (1729-1796), os brincos de diamantes da rainha Vitória (1819-1901), traquitanas art nouveau, brilhantes belle époque da Cartier e um broche de bailarina Van Cleef & Arpels da década de 1950, peças que ele define como a "cristalização do espírito humano". Por trás dessa vida dedicada a uma obsessão, e dá-lhe obsessão, não é o status proporcionado pelas riquezas que o instiga e o comove. "Tudo está na capacidade de criar emoção", diz. Ou, para aproveitar uma irônica frase da belíssima atriz americana de origem húngara Zsa Zsa Gabor (1917-2016), que destroçava corações em série: "Nunca detestei um homem a ponto de devolver-lhe seus diamantes". Pois é. ■

SEGREDOS CENTENÁRIOS

Restaurantes tradicionais em São Paulo e no Rio de Janeiro mostram que a fórmula garantida para manter a clientela é preservar o passado, da decoração ao menu

MARÍLIA MONITCHELE




INSTAGRAM @CANTINA_CASTELOES

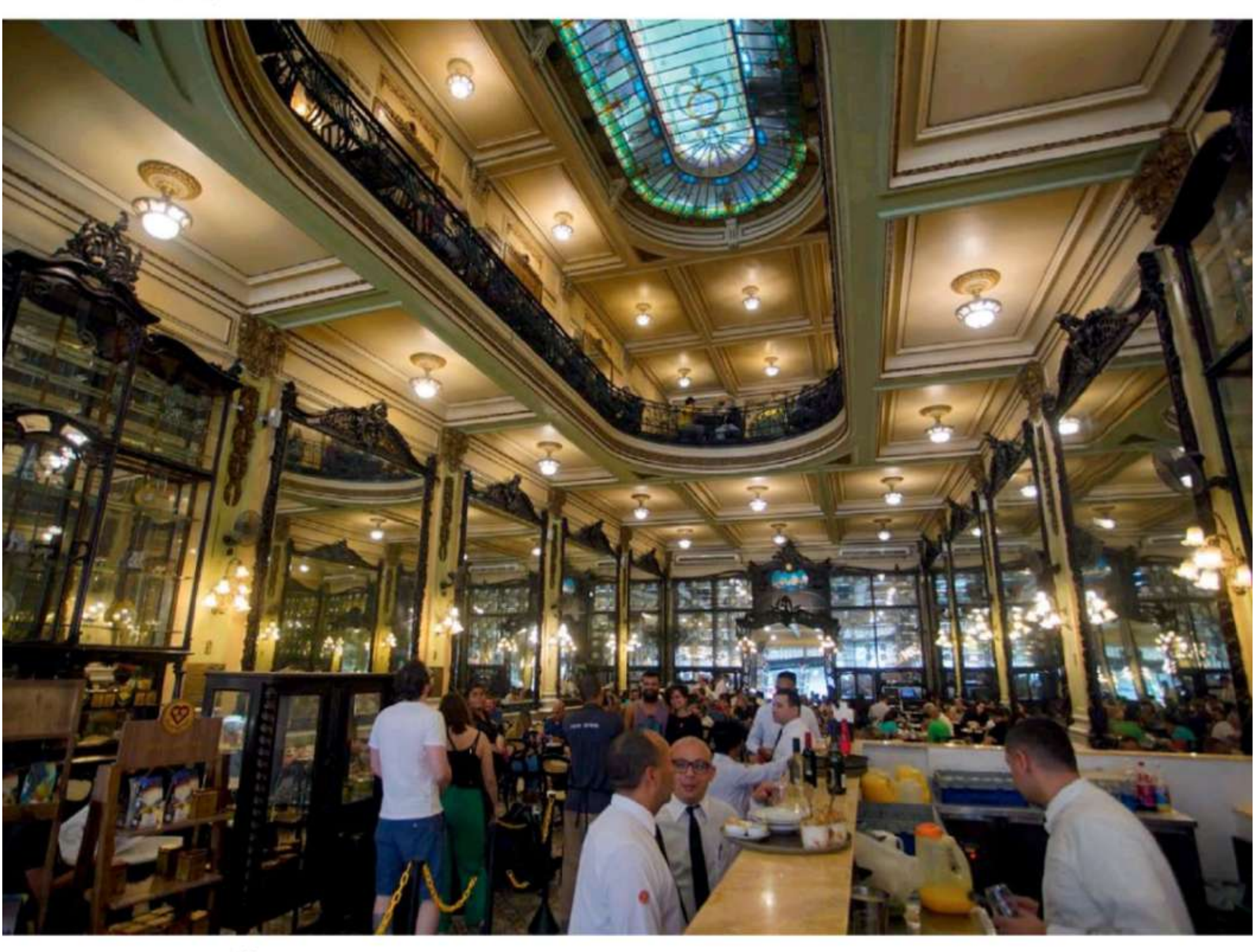

INSTAGRAM @CANTINA_CASTELOES

ONTEM E HOJE
A pizzaria Castelões, em São Paulo, nos anos 1920 e agora: poucas mudanças

EM 1924, ano em que as ruas de São Paulo foram abaladas pela revolta de militares insatisfeitos com o governo do então presidente Arthur Bernardes (1875-1955), a pizzaria Castelões abriu as portas, no bairro operário do Brás. O estabelecimento foi um dos primeiros da cidade a se especializar nas redondas de origem napolitana, disseminando o hábito entre os paulistanos. Fundada pelo avô de Fábio Donato, atual herdeiro da casa, a cantina segue controlada pela mesma família há três gerações. O menu enxuto é servido em mesas de madeira cobertas com toalhas quadriculadas nas cores da Itália, exatamente como era feito há 100 anos. Cruzar o salão é como retroceder no tempo. O forno original resiste a qualquer tecnologia que pretenda acelerar o processo de cocção. Na parede, fotos e recortes de jornais celebram a história e os visitantes ilustres. O espaço, no entanto, passará por reformas. "Mas tudo permanecerá igual enquanto eu estiver vivo", diz Donato. A frase remete a uma máxima de *O Leopardo*, romance de Giuseppe Tomasi di Lampedusa (1896-1957): "É preciso que tudo mude para que tudo fique na mesma".

Eis o dístico adequado para os restaurantes que atravessam as décadas e, hoje, são para lá de centenários, como o Castelões e um punhado de outras estrelas. Um dos mais antigos é o carioca Rio Minho, que em outubro completa 140 anos. A comedoria ocupa o mesmo sobrado de três andares na Rua do Ouvidor, número 10, que assistiu, ali ao lado, à Proclamação da República, em 1889. O en-

WAGNER MEIER/GETTY IMAGES



CARTÃO-POSTAL A Confeitaria Colombo, no Rio de Janeiro, fundada há 130 anos: refúgio da intelectualidade carioca

dereço passou por algumas mudanças ao longo dos anos, mas certas tradições perduram. Um exemplo é a sopa leão veloso, uma criação do renomado diplomata Pedro Leão Veloso, que teria assumido pessoalmente o fogão do restaurante para aprimorar o prato. O segredo do sucesso da casa é conservar sua herança, do cardápio ao ar retrô da construção, segundo Ramon Isaac Dominguez, que há 43 anos comanda o funcionamento do mítico lugar. A reco-

PETER TURNLEY/CORBIS/VCG/GETTY IMAGES



DISPUTADO O Chez L'Ami Louis, em Paris: comprado pelo conglomerado LVMH

mendação é seguida à risca também pela Confeitaria Colombo, que no último dia 17 celebrou 130 anos. Criada para ser um pedaço da Europa no Rio, o espaço ganhou o coração da intelectualidade carioca, frequentado por nomes como Machado de Assis, Villa-Lobos, Ruy Barbosa e Olavo Bilac. Ali se bebia cerveja preta, licores, conhaque ou chá acompanhados de doces portugueses, como pastéis de nata e quindins. Mais tarde, por influência ameri-

cana, vieram os sanduíches, milk-shakes e bananas split. "Entrar aqui é uma experiência, é quase um museu a ser preservado", diz Roberto Assis, empresário que comprou o espaço de mármore e espelhos dourados em 1999, em uma sociedade com o irmão Maurício.

O atalho para a permanência é a aposta no clássico, na decoração e no paladar, ainda que o gosto de novas gerações tenha evoluído. Mas há influências que ajudam a fazer o trem andar, sem mofo. Mire-se, portanto, no exemplo do bistrô parisiense Chez L'Ami Louis, recentemente comprado pelo conglomerado de luxo francês LVMH. Situado no número 32 da Rue du Vertbois, no 3º arrondissement de Paris, o L'Ami Louis celebra seu centenário disputado como nunca, ao mostrar que na gastronomia há muito valor em envelhecer com sabor. ■

A VIRADA DA LOBA

Em *A Substância*, Demi Moore brilha como uma mulher que se submete a um procedimento misterioso para rejuvenescer – um terror surpreendente, de humor afiado e críticas ácidas

RAQUEL CARNEIRO



A ORIGINAL
Demi em cena: primeiro filme de horror da carreira da atriz

DIVULGAÇÃO

São muitas as semelhanças entre Demi Moore e a personagem vivida por ela no excelente filme ***A Substância*** *(The Substance,* Reino Unido, 2024), em cartaz nos cinemas. Musa de Hollywood nos anos 1990, Demi era o epítome da beleza e do sucesso: casada com o astro Bruce Willis, ela estrelou filmes badalados, do romântico *Ghost* (1990) ao sensual *Striptease* (1996). Como ditava a regra entre celebridades, porém, ao chegar aos 40 anos de idade — e divorciada — a atriz americana perdeu valor de mercado e foi relegada a papéis menores e irrelevantes. Trajetória similar segue a protagonista de *A Substância*: Elisabeth Sparkle é amada e premiada, até se ver diante do destino melancólico da fama para uma mulher madura. Sem o prestígio de outrora no cinema, Elisabeth apresenta um programa fitness de mau gosto na TV — e acaba demitida.

Na trama criada e dirigida pela francesa Coralie Fargeat, Elisabeth se arrisca a fazer um procedimento estético para lá de extremo: uma droga injetável que se anuncia capaz de transformá-la em uma versão mais jovem de si mesma. Não se trata, contudo, de uma poção rejuvenescedora, mas de uma duplicação: numa cena que palavras não são capazes de descrever, outra pessoa sai de dentro de Elisabeth, a jovial e sexy Sue, interpretada com vigor por Margaret Qualley. A pegadinha está no fato de que as duas versões precisam aprender a coexistir — enredo que poderia pender para reflexões filosóficas enfadonhas,

CHRISTINE TAMALET



A OUTRA Margaret Qualley: atriz dá vida à versão jovem e bela da protagonista

mas que entretém com louvor, mesclando terror, ficção científica e um humor de acidez sulfúrica. "É um filme sobre a dificuldade de não se aceitar como você é", disse Demi em entrevista a VEJA *(leia mais ao lado).*

As similaridades entre a atriz de 61 anos e a fictícia Elisabeth acabam aí. Não só pelo motivo óbvio — afinal, é claro que Demi não possui uma versão sua duplicada, solta pelo mundo. Mas, sim, pelo olhar que cada uma delas exerce sobre si mesma. Elisabeth é solitária e só enxerga algum valor em si na beleza de outrora — o que faz com que ela se odeie quando não é vista como gostaria de ser.



DONA DE SI Demi no filme *Striptease*, de 1996: perfeição opressiva

CASTLE ROCK ENTERTAINMENT/LOBE/COLLECTION CHRISTOPHEL/AFP

"SOMOS MAIS DO QUE NOSSA APARÊNCIA"

Demi Moore falou a VEJA sobre padrões de beleza e como foi se arriscar no filme *A Substância*.

Cenas de nudez não são novidade na sua carreira. Como foi fazê-las agora, aos 61 anos, em comparação ao passado? Ao aceitar um papel como este, de tanta vulnerabilidade e exposição, antes precisei me sentir em segurança. Um ambiente seguro traz liberdade. Saber que não haveria exageros, nem minha imagem seria usada do jeito errado, foi importante. Acho, aliás, que foi mais difícil para a Margaret Qualley.

Por quê? Porque no filme a Margaret representa o ideal de beleza feminina, e eu só tinha de parecer acabada – o que é mais fácil de fazer. Sério, parecer perfeita é uma pressão assustadora.

O que chamou sua atenção no roteiro sobre como essa pressão age nas mulheres? Para mim, esse é um filme sobre o quão difícil é perder o controle e não se aceitar como você é. Essa combinação leva ao desespero e aos excessos na tentativa de forçar mudanças.

Ter Coralie Fargeat, uma mulher na direção, em um filme de tanta exposição, foi diferente de filmar com diretores homens? Na verdade, a diferença foi o ponto de vista tão pessoal que a Coralie trouxe para o roteiro. Não foi melhor ou pior do que um homem na direção. O importante foi ler uma história com a qual eu me conectei.

Há algo que aprendeu com os anos em Hollywood e que identificou nesse roteiro? Eu aprendi que somos mais do que nossa aparência. Precisamos criar e dar continuidade a essa mudança cultural sobre padrões de beleza agonizantes, que limitam nossa percepção de valor pessoal. Isso vale para mulheres e homens.

Demi, ainda bem, conseguiu quebrar esse ciclo a seu favor — e *A Substância* marca seu triunfo nessa caminhada. Apesar da longa carreira da atriz, o filme foi o primeiro a levá-la ao badalado Festival de Cannes, onde foi premiado como melhor roteiro. Demi rapidamente entrou para a lista de favoritas a uma indicação ao Oscar — honraria para a qual ela nunca foi seriamente cotada. A volta por cima na maturidade é louvável e vem acompanhada de um fator valorizado atualmente: num mundo de aparências, Demi optou pela honestidade. Em 2019, lançou o livro de memórias *Inside Out* (sem tradução no Brasil), no qual destrói a ideia de perfeição que a seguiu no começo da carreira.

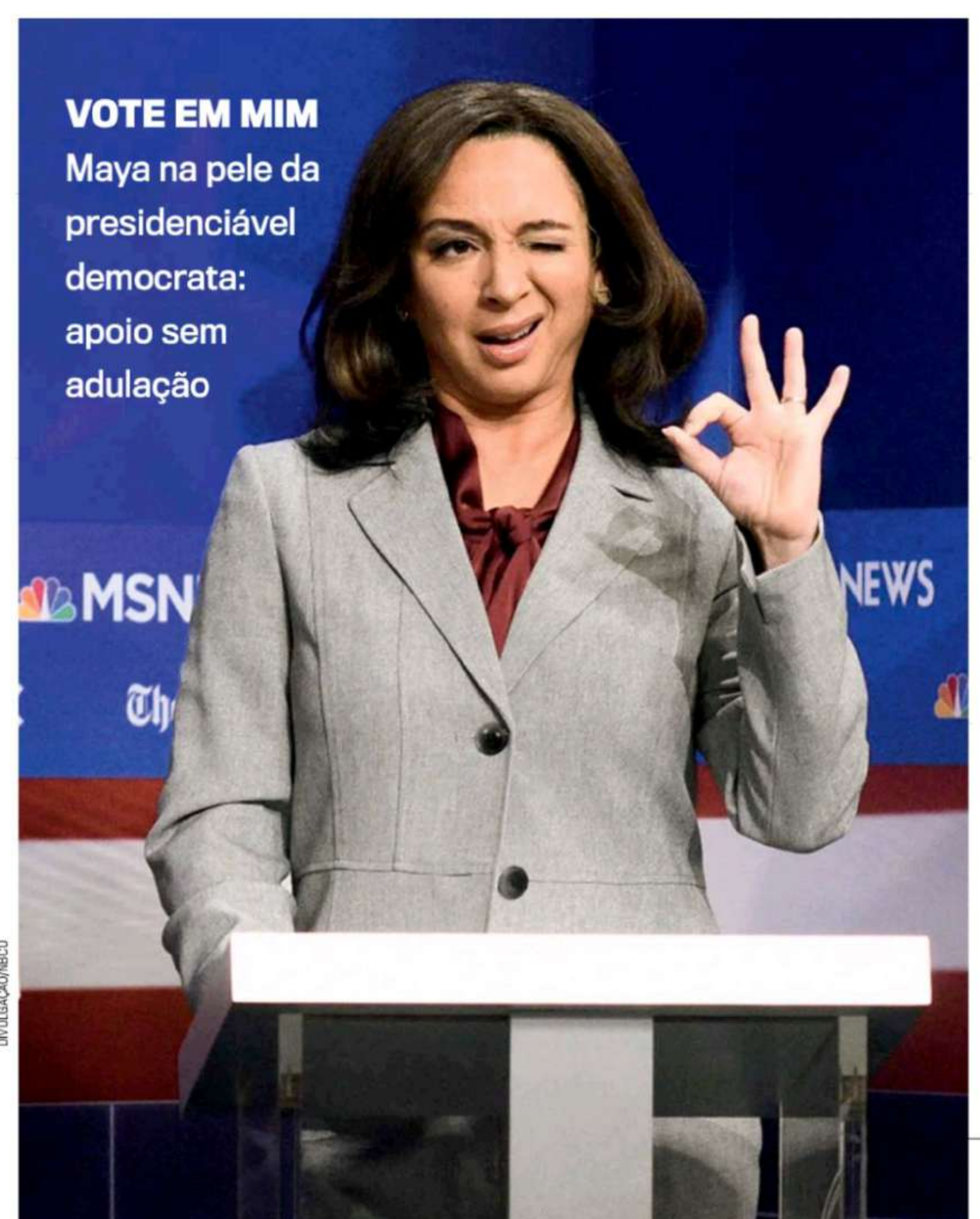
No auge, Demi sofria de um grave distúrbio alimentar. A pressão para estar sempre magra, somada a uma infância tenebrosa com a mãe bipolar e viciada em drogas — que chegou a vender a virgindade da filha quando ela tinha 15 anos —, levou a atriz ao alcoolismo e à cocaína. Seus três casamentos, com Freddy Moore, Bruce Willis e Ashton Kutcher, terminaram de forma dolorosa. No caso de Willis, com quem tem três filhas, ela conseguiu estabelecer uma amizade após o fim da relação — laço que, hoje, a levou a morar com o ex e a atual esposa dele, com o intuito de cuidar do ator acometido pela demência. Tantas agruras ajudaram-na a ter novas perspectivas sobre o valor da vida e a efemeridade das aparências.

Demi demonstrou coragem ao mergulhar em *A Substância* sem pudor. Classificado como um *body horror*, gê-

nero de ficção que faz do físico humano instrumento de terror, o filme é abundante em cenas de nudez. A cada atriz coube sua parcela de desafios. Margaret precisou encarnar a dura ideia de perfeição de um corpo jovem e torneado e de um rosto liso que nem parece ter poros. Demi, por sua vez, deixou à mostra os sinais de uma vida, como rugas, estrias, seios e nádegas flácidos. A atriz ainda passa por transformações absurdas até o final, com deteriorações acarretadas pelo procedimento — preço que ela paga de forma excruciante pelo direito de viver alguns momentos no corpo de Sue. “Fazer um filme de terror é muito mais difícil do que eu imaginava”, conta Demi, feliz pela experiência inédita na carreira. A loba está soltinha — e pronta para correr sem amarras por aí. ■

POLÍTICA DO RISO

Projetada por suas imitações afiadas de Harris na TV americana, a comediante Maya Rudolph vive um momento de alta exposição – e prova seu valor também na série *Fortuna*



VOTE EM MIM
Maya na pele da presidenciável democrata: apoio sem adulação

DIVULGAÇÃO/NBCU

QUANDO Harris foi oficializada como presidenciável democrata após a dramática renúncia de Joe Biden, em julho passado, uma artista foi convocada de forma simultânea para a batalha política das eleições americanas: a atriz, cantora e comediante Maya Rudolph. Famosa por sua hilária personificação de Harris no humorístico *Saturday Night Live* durante a campanha em que ela se tornou vice de Biden, em 2020, Maya naturalmente voltou a ser presença constante na TV do país. "É a primeira e única vez que vejo o mundo determinar o que farei antes de tomar minha decisão", disse a humorista de 52 anos à *Variety*. Ela vai retomar suas imitações da candidata no programa a partir de 28 de setembro.

Com passagem de sete anos pelo antológico *SNL* e vasta carreira em séries e filmes, Maya era um rosto familiar, mas foi relegada a papéis coadjuvantes e esquecida por premiações até 2020. Naquele ano, tudo mudou quando Biden selecionou Harris como sua vice. Os cacoetes da política — da risada estrondosa ao jeito de "tia bacana" — logo se tornaram alvo de piadas. Antes que Biden assumisse a Casa Branca, a atriz já havia conquistado seu primeiro Emmy pela imitação. De lá para cá, sua estante tem ficado apertada: vieram mais cinco vitórias por outros trabalhos.

O sucesso é merecido. Filha da mítica cantora Minnie Riperton, do standard *Lovin' You*, ela poderia ter seguido os passos da mãe na música, mas se sentiu intimidada pelo legado. Prefere dedicar as cordas vocais às canções cômicas e à banda de tributo a Prince da qual é vocalista, a Princess. O

lado musical, mesmo assim, vem a calhar nas imitações: já arrancou risos como Dionne Warwick, Maya Angelou e Beyoncé. No papel de Harris, emula o tom caloroso e o bom humor da presidenciável com timing notável. Na vida real, ela a apoia sem cair na adulação — não se faz de rogada ao satirizar a linguagem jovial do Partido Democrata e a relação da vice com o presidente de 81 anos.

A faceta afiada de seu humor se expande a projetos como a série *Fortuna*, da Apple TV+. Na produção que lhe rendeu indicação recente ao Emmy, vive uma mulher que ganha 87 bilhões de dólares ao se divorciar de um magnata e decide investir pesado na filantropia. Enquanto isso, a própria Maya leva uma vida modesta. Ela forma um grupo de amigas poderosas do humor com Amy Poehler e Tina Fey, e é casada com o discreto Paul Thomas Anderson, cineasta com quem tem quatro filhos. A depender da sorte de nas urnas, Maya ainda vai dar muito o que falar. ■

Thiago Gelli

VILÕES TAMBÉM SOFREM

Na minissérie *Pinguim*, da HBO, um irreconhecível Colin Farrell empresta seu talento a uma tarefa fascinante: a desconstrução da psicologia do notório inimigo de Batman **KELLY MIYASHIRO**



CHEIO DE NUANCES
Farrell na série: sob camadas de próteses, ator mostra lado humano e cruel de mafioso da DC

JESSE GRANT/GETTY IMAGES/AFP

APÓS MATAR a tiros o herdeiro da família mafiosa que domina Gotham, Ozwald Cobb (Colin Farrell) deixa a cena do crime muito perturbado — para azar do adolescente Victor (Rhenzy Feliz), que tentava furtar os pneus de seu carro com colegas e acaba sendo pego pelo bandido em fuga. Sinistro e implacável, Oz poderia executar o moleque a sangue frio na hora. Mas algo então acontece: o protagonista que dá nome à minissérie ***Pinguim***, cujo primeiro episódio está disponível na Max — os próximos sete serão exibidos semanalmente aos domingos, a partir de 29 de setembro —, se afeiçoa de cara pelo ladrãozinho, e o impele a ajudá-lo numa tarefa: dar fim ao corpo do filho do tal chefão. Assim como o jovem, o temível Pinguim é alguém que veio de baixo e tem poucas qualidades aparentes a exibir — pelo contrário.

Com seu rosto eivado de cicatrizes, e manco de uma perna, o violento Oz é também um sujeito inseguro. Logo depois de assassinar o herdeiro, corre de volta para casa e encontra sua mãe, levando Vic a tiracolo. Ao chegar lá, Pinguim diz que eles precisam fugir para um lugar seguro, por medo da vingança da irmã do morto, a psicopata Sofia Falcone (Cristin Milioti). Com a demência se insinuando devido à idade avançada, mas ainda lúcida, Francis (Deirdre O'Connell), mãe do Pinguim, aconselha o filho: "O que você fez não foi impulso, foi instinto. Você o matou porque queria. Essa cidade está destinada a ser sua. O que vai fazer para conquistá-la?". Com o incentivo ma-



DIVULGAÇÃO

ORIGEM DO MAL Coringa: filme com Phoenix mostrou como a crueldade nasce

terno (e freudiano), Oz então usará de lábia e violência para trilhar seu caminho até o poder.

Derivada do filme *Batman* (2022), dirigido por Matt Reeves e estrelado por Robert Pattinson, a nova minissérie traz o irlandês Colin Farrell mais uma vez na pele do vilão. O astro tem atuação brilhante e aparece irreconhecível debaixo de tantas próteses e maquiagens. A produção atesta a força de um filão de histórias que vão na contramão das tramas — tão saturadas atualmente — de super-heróis, ao investir numa visão humanizada e reveladora do outro lado do balcão: os vilões que há muito habitam o imaginário do público, mas quase sempre ganharam retratos caricatos e superficiais em seriados e filmes do passado. A série reafir-

ma como o universo clássico de Batman é fértil para esse tipo de releitura da alma dos malfeitores — antes dela, o sucesso *Coringa* (2019) se notabilizou ao ilustrar as marcas psicológicas que fizeram o palhaço Arthur Fleck (Joaquin Phoenix) virar um vilão cruel.

Se os desvios de personalidade explorados de forma esperta em *Coringa* eram os traumas vastos e cavilosos que nutriam o comportamento caótico do bandido, a série sobre o Pinguim lida com um substrato mais sutil. O personagem é um sujeito que veio de baixo e, como tal, exibe os recalques de alguém que não se conforma com sua condição e transforma a revolta em combustível para a crueldade. A maldade emana, em suma, de sua visão distorcida sobre como ascender socialmente. Diretor dos primeiros três episódios de *Pinguim* e de outros trabalhos marcantes, como *Mare of Easttown*, o americano Craig Zobel é feliz ao captar a complexa teia de ressentimentos por baixo da carranca de Oz — de forma grandiloquente e patética, tudo que o personagem quer é deixar um legado notável no crime, para que as pessoas o admirem. "Consegue imaginar ser lembrado assim, sendo reverenciado?", divaga o protagonista no primeiro episódio. No fundo, ele só quer ser amado e respeitado, sentimentos que apenas a mãe lhe dá. "Ele é um filhinho de mamãe e um narcisista", disse Zobel a VEJA *(leia a entrevista ao lado)*.

O cineasta também cumpre o papel de manter a estética suja e sombria estabelecida por Reeves dois anos atrás,

“A PERSPECTIVA DO MAL É DIVERTIDA”

Diretor de *Pinguim* e de séries como *Mare of Easttown,* Craig Zobel, 49 anos, fala a VEJA por que as histórias de vilões são tão atrativas.

Nessa minissérie, julgou ser importante mostrar a origem da maldade de Oz Cobb? Sim. Esse é um personagem mafioso, então, claro que ele faz coisas ruins. Mas a história mostra como ele deixou de ser uma pessoa que ainda tinha um pouco de humanidade, até perder o último fio dela.

Por que o público gosta tanto de histórias que humanizam os vilões? A história do anti-herói é muito interessante. É divertido poder ver uma narrativa pela perspectiva do vilão, acho um exercício fascinante.

Como define a personalidade de Oz na série? Ele é um filhinho de mamãe e um narcisista, que usa sua lábia para tentar vencer na vida e no crime.

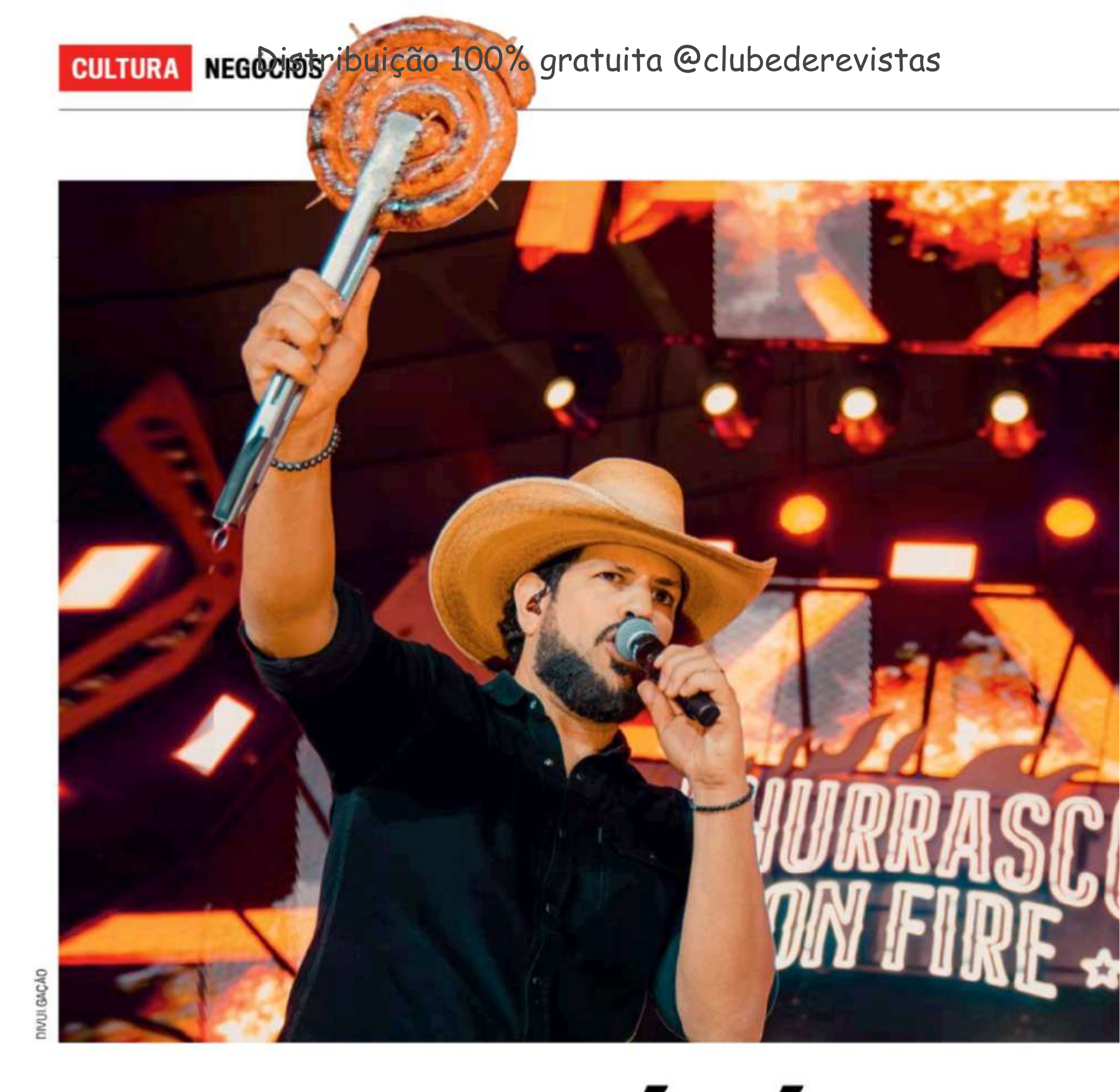


O DIRETOR Zobel: “O anti-herói é interessante”

DIVULGAÇÃO

já que a história do gângster Pinguim — apelido que vem de sua anomalia no pé esquerdo, que o faz mancar como a ave — se passa uma semana após a destruição da cidade causada por Charada (Paul Dano) nos momentos finais do filme original.

Mas o show é, sobretudo, de Colin Farrell. Só com um esgar no rosto, ele pode denotar valentia, mas também certo temor; ou, do fundo de olhares ameaçadores, trair o mais miserável terror pessoal. Assim, o ator consegue exibir um homem de carne e osso por trás de todo aquele corpulento aparato de maquiagem. A relação com a mãe e o jovem Vic, que perdeu tudo nas enchentes em Gotham City, resume as nuances da série. "Ele se importa com as pessoas, mas tem um jeito peculiar de demonstrar isso", diz o ator Rhenzy Feliz. Vilões também sofrem — para deleite dos espectadores. ■



DIVULGAÇÃO

O SHOW É SÓ APERITIVO

De Fernando & Sorocaba a Ludmilla, artistas promovem eventos que começam cedo — nos quais a comida e a balada importam tanto (ou mais) quanto a música

FELIPE BRANCO CRUZ



ESPETO MISTO Sorocaba *(à esq.)* e seu churrascão: ideia milionária que junta canções sertanejas e picanha

PASSAVA das 18 horas de um sábado quando a dupla sertaneja Fernando & Sorocaba entrou no palco montado no Parque Villa-Lobos, em São Paulo, dirigindo uma picape Ranger Raptor. Do alto do veículo, eles cantavam seu hit *Isso É Churrasco*: "O carvão tá estralando, joga a carne na grelha / Vai começar a fumaceira". O público de 5 000 pessoas salivava com o aroma que saía da panelona de arroz carreteiro e da churrasqueira que os dois músicos instalaram no palco, e de onde porções eram servidas aos fãs. Fosse em outra situação, o show da dupla poderia ter sido

o ápice do evento. Mas, naquelas circunstâncias, havia se tornado apenas um arremate ruidoso da verdadeira atração do dia: o Churrasco On Fire, evento gastronômico com cerca de 3,5 toneladas de carne para 5 000 pessoas. Em um espaço de 8 000 metros quadrados, uma carreta gourmet com mais de 22 metros de comprimento servia à vontade cortes nobres como chorizo, brisket, ancho e short rib. Cerca de quarenta costelas giravam em uma roda gigante armada sobre brasas que ardiam no chão. Em outro ponto, defumadores e outras grelhas menores exibiam peças de picanha, costela, maminha e cupim.

O churrascão de Fernando & Sorocaba evidencia uma nova e lucrativa maneira de explorar shows no país. São eventos que geralmente começam no início da tarde e têm a típica cara de programão de fim de semana dos brasileiros. Pode ser um pagodinho, uma roda de samba descolada ou, claro, um churrasco. Há tempos que os grandes festivais, com o Rock in Rio à frente, provam que o público de hoje vai a esses eventos em busca de balada e curtição — atrações musicais são só um pretexto para festejar. Iniciativas como o Churrasco On Fire levam essa lógica ao auge — sem pudor.

Do ponto de vista comercial, é fácil entender a razão de tal aposta. Um dos músicos que mais arrecadam direitos autorais no Brasil, Sorocaba — nome artístico de Fernando Fakri de Assis, 44 anos — entende bem do negócio. Como empresário, ele é dono de um haras onde cria de cavalos



INSTAGRAM @TARDEZINHA

ENTRE AMIGOS A festa Tardezinha: Thiaguinho *(à esq.)* canta por horas e os estádios viram rodas de samba

de raça, além de franquias de restaurantes. Quando resolve investir em algo, convém seguir o dinheiro. No caso do churrasco, o cantor percebeu que o público sertanejo já havia deixado de ser universitário há muito tempo e precisava trabalhar no dia seguinte. Com dinheiro no bolso, o que esses fãs de meia-idade buscavam era conforto, comida e bebida boa e, principalmente, que acabasse cedo. "A ideia surgiu durante um churrasco em nossa casa. E se a gente convidasse os fãs para comer conosco? É um evento familiar, algo que faz parte do lifestyle do nosso público", diz Sorocaba. André Rossi, produtor e sócio do Churrasco On

INSTAGRAM @LUDMILLANUMANICE



PODEROSA Ludmilla no palco da Numanice: a cantora vai do funk ao pagode em festa bem-sucedida

Fire, revela que, em 33 edições desde 2023, o evento arrecadou cerca de 35 milhões de reais só com ingressos (que custam em média 200 reais), e outros 25 milhões de reais com venda de bebidas, sem contar os contratos de patrocínio, que incluem desde montadoras de carros até empresas de alimentos. “Nosso público é apaixonado por música, fogo, carne e pelo ritual do churrasco”, diz Rossi. Até o fim deste ano, outros seis estão programados no Paraná, São Paulo e Santa Catarina.

Nas mãos de outros artistas, a união música e balada ganhou formas distintas. Costume de tantos brasileiros, a

roda de samba no fim de tarde inspirou a Tardezinha, festa do pagodeiro Thiaguinho. Criada pouco antes da pandemia, ela explodiu após o término do confinamento. O músico conta que aproveitava as tardes livres em casa, antes de sair para gravações de um reality na TV Globo, para ver os amigos. A cada dia, um novo artista se juntava à turma e a festa crescia, até que eles resolveram abri-la ao público. No palco, Thiaguinho passou a variar seu repertório e a convidar artistas para os shows que começam no fim de tarde e se estendem por até seis horas. No ano passado, a festa foi uma das maiores vendedoras de ingressos no país, perdendo só para a turnê de reencontro dos Titãs.

O apelo festivo tem mais uma utilidade: expandir o público dos artistas. Com a bem-sucedida festa Numanice, a cantora Ludmilla vai além do funk, investindo no samba — receita que fez dela uma potência. Antes, seus shows se restringiam às casas de espetáculos. Com a Numanice, Lud tem lotado estádios. Até o fim do ano, levará a festa para o Pará e a Amazônia, além de ter datas agendadas em Lisboa e Miami. Em todos esses eventos, o pessoal vai atrás de paquera, boa comida e bebida — e, quem sabe, até degustar um aperitivo extra, a música. ■



SAM LEVY/NETFLIX

DRAMA FAMILIAR As três irmãs do filme da Netflix: criadas sob o mesmo teto, mas distantes entre si

TELEVISÃO

AS TRÊS FILHAS ***(His Three Daughters*, Estados Unidos, 2024. Disponível na Netflix)**

Confinadas no apartamento onde cresceram, três irmãs se reúnem à espera da morte do pai doente. Katie (Carrie Coon) é a mais velha, pronta para chamar a atenção das demais — assim como faz em casa, sem sucesso, com a filha adolescente. Christina (Elizabeth Olsen) é a pacificadora, que tenta controlar os ânimos ao redor — especialmente as brigas entre Katie e a deslocada Rachel (Natasha Lyonne), que chegou à vida das duas irmãs junto com o segundo casamento do pai. Ao longo de três dias, elas são forçadas a ir além do julgamento superficial que fazem uma da outra. Dirigido por Azazel Jacobs, o filme de tom teatral navega pelas idiossincrasias presentes em tantas famílias e põe à prova a fragilidade dos laços entre parentes — os quais costumam se fortalecer diante de experiências como o luto.

CINEMA

SAUDADE FEZ MORADA AQUI DENTRO **(Brasil, 2023. Em cartaz no país)**

A vida no interior da Bahia tem tudo o que Bruno precisa: brincadeiras ao ar livre, natureza abundante e o forró de fim de semana, onde ele e os colegas vão para paquerar. Um diagnóstico terrível, porém, o atinge: o garoto de 15 anos vai ficar cego. Pela lente do diretor baiano Haroldo Borges, o protagonista vivido com graça pelo estreante Bruno Jefferson reaprende a enxergar o mundo com a ajuda dos amigos — e começa a notar detalhes da vida que passam despercebidos aos olhos. O filme, delicado e emotivo, ganhou a primeira edição do Prêmio Netflix, plataforma que futuramente terá o longa em seu catálogo.



APRENDIZADOS Bruno Jefferson no filme: novos modos de ver o mundo

DIVULGAÇÃO



DISCO

MENDELSSOHN PIANO TRIOS,

de Joshua Bell, Steven Isserlis & Jeremy Denk (nas plataformas de streaming)

Quando três virtuoses da música erudita se juntam, o resultado geralmente vai por dois caminhos: um choque de egos, ou um momento memorável, apesar das vaidades envolvidas. É desses casos felizes a união de Jeremy Denk (piano), Joshua Bell (violino) e Steven Isserlis (violoncelo) para gravar o *Op. 49 em Ré Menor* e o *Op. 66 em Dó Menor* de Mendelssohn. Além do talento do trio, destaca-se o providencial comedimento: os três estão ali para fazer música de câmera, simplesmente — e não há nada mais sublime. ■

FICÇÃO





1 É ASSIM QUE ACABA
Colleen Hoover [1 | 156#] GALERA RECORD

2 É ASSIM QUE COMEÇA
Colleen Hoover [2 | 93#] GALERA RECORD

3 VERITY
Colleen Hoover [4 | 126#] GALERA RECORD

4 CHAMA DE FERRO
Rebecca Yarros [8 | 4] PLANETA MINOTAURO

5 A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE
Matt Haig [5 | 114#] BERTRAND BRASIL

6 A CONTADORA
Freida McFadden [0 | 1] RECORD

7 O HOBBIT
J.R.R. Tolkien [7 | 37#] HARPERCOLLINS BRASIL

8 A EMPREGADA ESTÁ DE OLHO
Freida McFadden [3 | 2] ARQUEIRO

9 TUDO É RIO
Carla Madeira [9 | 102#] RECORD

10 A EMPREGADA
Freida McFadden [0 | 20#] ARQUEIRO

NÃO FICÇÃO





1. **COMO ENFRENTAR O ÓDIO**
Felipe Neto [1 | 2] COMPANHIA DAS LETRAS

2. **NEXUS**
Yuval Noah Harari [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS

3. **A GERAÇÃO ANSIOSA**
Jonathan Haidt [0 | 4#] COMPANHIA DAS LETRAS

4. **AINDA ESTOU AQUI**
Marcelo Rubens Paiva [3 | 2] ALFAGUARA BRASIL

5. **FRANCISCO DE ASSIS – O MANÍACO DO PARQUE**
Ullisses Campbell [2 | 2] MATRIX

6. **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [5 | 56#] VESTÍGIO

7. **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [6 | 64#] VÁRIAS EDITORAS

8. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [0 | 369#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

9. **O PACTO DA BRANQUITUDE**
Cida Bento [10 | 28#] COMPANHIA DAS LETRAS

10. **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
Byung-Chul Han [8 | 71#] VOZES

AUTOAJUDA E ESOTERISMO





1. **PRINCÍPIOS MILENARES**
   Tiago Brunet [1 | 5] ACADEMIA
2. **A VIDA É UMA RESENHA**
   Gabriel Khawali [0 | 1] GENTE
3. **AS 48 LEIS DO PODER**
   Robert Greene [4 | 36#] ROCCO
4. **HÁBITOS ATÔMICOS**
   James Clear [3 | 66#] ALTA BOOKS
5. **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
   Morgan Housel [2 | 52#] HARPERCOLLINS BRASIL
6. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
   George S. Clason [6 | 185#] HARPERCOLLINS BRASIL
7. **EU, MEU PAVIO CURTO E DEUS**
   Lisa Bevere [0 | 1] THOMAS NELSON BRASIL
8. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
   Napoleon Hill [0 | 256#] CITADEL
9. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
   T. Harv Eker [7 | 468#] SEXTANTE
10. **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS**
    Dale Carnegie [8 | 134#] SEXTANTE





1 **APRENDIZ DO VILÃO**
Hannah Nicole Maehrer [1 | 3#] ALT

2 **MELHOR DO QUE NOS FILMES**
Lynn Painter [0 | 19#] INTRÍNSECA

3 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [3 | 440#] ROCCO

4 **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA**
Maidy Lacerda [8 | 25#] OUTRO PLANETA

5 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [2 | 435#] VÁRIAS EDITORAS

6 **AS AVENTURAS DE MIKE**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [10 | 38#] OUTRO PLANETA

7 **DEPOIS DAQUELE VERÃO**
Carley Fortune [0 | 3#] BUZZ

8 **PELAS ENTRANHAS**
Triz Parizotto [0 | 2#] MAQUINARIA EDITORIAL

9 **CORALINE**
Neil Gaiman [7 | 83#] INTRÍNSECA

10 **BOX TRILOGIA SCYTHE**
Neal Shusterman [0 | 2#] SEGUINTE

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, Travessia, **Barra Bonita:** Real Peruíbe, **Barueri:** Travessa, **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves:** Santos, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Leitura, **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Senhor Livreiro, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Campos do Jordão:** História sem Fim, **Canoas:** Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Caruaru:** Leitura, **Cascavel:** A Página, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Garopaba:** Navegar, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, SBS, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **Jaú:** Casa Vamos Ler, **João Pessoa:** Leitura, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Limeira:** Livruz, **Lins:** Koinonia, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, Livro Presente, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Santos, SBS, Taverna, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS, Travessa **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, SBS, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Leitura, **Santos:** Loyola, **São Bernardo do Campo:** Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti:** Leitura, **São José:** A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **São Luís:** Hélio Books, Leitura, **São Paulo:** A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Paisagem, Santuário, SBS, Simples, Travessa, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Umuarama**: A Página, **Vila Velha:** Leitura, **Vitória:** Leitura, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Paisagem, Sinopsys, Submarino, Travessa, Vanguarda, WMF Martins Fontes, Um Livro



JOSÉ CASADO

A CONTA CHEGOU

TUDO HAVIA sido cuidadosamente planejado para impressionar representantes das maiores economias do mundo, agrupadas no fórum G20. Eles passariam três dias nos arrabaldes de Cuiabá, em Mato Grosso, discutindo os rumos do comércio global diante da vitrine da moderna agricultura no Centro-Oeste, um êxito do capitalismo no Brasil nos últimos cinquenta anos, com inquestionável poder de competição empresarial.

Deu tudo errado. Cinco meses de estiagem transformaram o esplendor da paisagem rural num cenário sertanejo muito seco, sob fuligem e fumaça densa liberada pelos incêndios no horizonte, com um cheiro de queimado invadindo narinas de homens e mulheres relevantes no agronegócio em cinco continentes. Carlos Fávaro, ministro da Agricultura, pretendia realçar o prodígio brasileiro numa região de cultivo de soja, milho e algodão, onde se contam dez cabeças de boi para cada habitante. Passou o tempo dando explicações.

Em Brasília, o governo confirmava incêndios em vinte estados. Era fogo se alastrando por dois terços do país, cidades da Amazônia encobertas, isoladas às margens de rios secos, e chuvas de fuligem episódicas no Sudeste e no Sul.

Lula saiu de uma reunião vazando perplexidade com a indulgência do próprio governo no comércio de insumos agrícolas: 80% dos agrotóxicos vendidos no Brasil são proibidos nos Estados Unidos e na Alemanha, disse. "É inaceitável, vou conversar com a bancada ruralista, com quem é civilizado, com quem não é, e com os empresários do agrotóxico."

Sobravam-lhe más notícias. Houve aumento significativo das críticas a seu desempenho na condução da política ambiental, informava pesquisa do Ipec (antigo Ibope). Em abril, 33% dos eleitores julgavam "ruim" ou "péssima" sua atuação nessa área. Na semana passada, a reprovação subiu para 43%. Ou seja, em apenas cinco meses, avançou 10 pontos percentuais a censura pública às escolhas de Lula nos impasses ambientais.

Na terça-feira 17, ele reuniu chefes do Legislativo e do Judiciário para combinar uma reação institucional à emergência fumegante. Ministros ressaltaram suspeitas de ação organizada, "terrorismo climático", na definição de Marina Silva (Meio Ambiente). A Polícia Federal fez prisões em flagrante e iniciou 83 inquéritos, completou Ricardo Lewandowski (Justiça). Mas são casos marginais, insuficientes para justificar os quase 2 000 focos de queimadas no mapa nacional.

A dimensão dos incêndios e dos tormentos nas cidades atesta a falta de preparo governamental na contenção de danos. A extensão e a gravidade da estiagem eram previstas em relatórios oficiais desde dezembro. Foram agravadas pela ausência quase absoluta de iniciativas públicas coerentes

"Crise ambiental alarma Brasília: vai ficar ruim para os negócios"

para defesa civil, prevenção e preservação ambiental num país onde políticos e juízes produzem um cardápio diário de decisões lastreadas em mensagens de negacionismo, de contradição e de superficialidade sobre a crise climática.

A conta chegou. Ela é alta. Tende a ficar mais cara, a cada ano, para governo, Legislativo e Judiciário, e economicamente mais pesada para a produção e o emprego nas cidades e no campo. São Paulo e Minas já contabilizam perdas expressivas em lavouras de cana, café e laranja. Nas fazendas paulistas, por exemplo, mais de 230 000 hectares de cana foram incinerados. A produção de laranja deverá cair em um terço.

"Temos danos diretos, imediatos, à economia e à imagem do Brasil", comentou Herman Benjamin, presidente do Superior Tribunal de Justiça, na reunião no Palácio do Planalto. "Precisamos nos alarmar", completou Rodrigo Pacheco, presidente do Senado, dirigindo-se a Lula: "Nós estamos na iminência de termos obstáculos às nossas exportações, mas não podemos é achar que é vergonhoso gerar riqueza, ter vergonha de ser o maior produtor mundial de soja, milho e açúcar".

Todos na sala sabiam do que o senador falava. Na noite do próximo réveillon, terça-feira 31 de dezembro, entra em vigor nos países da União Europeia uma série de normas de repressão a produtos agroindustriais com origem em áreas desmatadas. O governo Lula pediu adiamento por seis meses, a Alemanha apoiou, mas não há garantias. Se a prorrogação for aceita, o prazo acabará às vésperas da conferência ambiental da ONU, no ano que vem em Belém do Pará.

Numa etapa de recrudescimento de nacionalismos, é previsível que a decisão europeia balize novas barreiras protecionistas nos Estados Unidos e na Ásia. Se nada mudar na paisagem verde-amarela, o ambiente vai ficar ruim para os negócios brasileiros. ■





DE PRESENTE,
O AGORA

Confira a agenda de mostras CASACOR

MINAS GERAIS — 26.07 A 15.09
BRASÍLIA — 15.08 A 16.10
RIBEIRÃO PRETO — 20.08 A 20.10
TOCANTINS — 27.08 A 05.10
PERNAMBUCO — 14.09 A 03.11
BAHIA — 17.09 A 08.11
RIO DE JANEIRO — 24.09 A 24.11
ESPÍRITO SANTO — 25.09 A 17.11
SC / FLORIANÓPOLIS — 29.09 A 24.11
SERGIPE — 12.10 A 30.11
MATO GROSSO — 15.10 A 01.12
CEARÁ — 17.10 A 01.12

*Datas previstas sujeitas a alterações

PATROCÍNIO MASTER



PATROCÍNIO



BANCO OFICIAL



MEDIA PARTNER OFICIAL

